

REVISTA DO BRASIL

M. Hess

DIRECTORES

Mon teiro Lobato
Brea ao Ferrax

IN. 74
FEVEREIRO
1922

EDITORES

Monteiro lobato
A Comp. - São Paulo

SUMMARIO

O MOMI:~TO	REDACÇÃO	97
A TIKRÁTIIRA K« S. PAULO	ÔR•	99
OÉCA T.Vr.Ú i; O I'RINC'D'IO		
IX' icxiit-çãO CREADORA	Birmip Verraq.	106
Educação c'ivi(A.	-/. Sampaio Daria	110
ZÍ-DA-FQÍCK ou' o iioxnjr		120
OUK. KOUHOU TTxr I'AO	/jjfo	127
°V«I» PRIFTÔ, A CIDAUK CMCA	Unriqac Liú«lfl	138
SaxztoL	Aristi) 'SW.n.f.	141
KASTRO 'fK SANytJK	'Afwip Scfir	148
O AIKÔJCO k A SUA i'liysroNo-		148
MIA."Rriiaty Kieldt,	152
'liÓXAX.U W. (VRVALNO:	'j«ão I'mto dtí Sil	161
S. PAULO NOS TEMPOS COLO-		161
NI AES_____	Scthiifi lifaSrt	173
IWm/KMikAPHIA ?		176
UESBNTTA DO MEZ		183
DERATES I PESQPIZAS		188
NOTAS PO EXTERIOR		191
('ARU"ATURAS DO. MEZ.		191

S. PAULO 1922 RIO



PRESENTES PARA

FIM DE ANNO

NADA DE MELHOR QUE OS ÚLTIMOS
LIVROS DE POESIAS EDITADOS POR

Monteiro bobafa 5 Cia.

Primorosos na factura, e excel-
lentes como arte

RITO PAGÃO — *Rosalina Coelho Lisboa* —

primeiro premio da Academia de Le-
tras — Brochado_____4\$000

Encadernado em camurça 12\$000

IPÊS — *Ricardo Gonçalves* — Brochado . 4\$000

ARTE DE AMAR — *Julio Cesar da Silva*, br. 4\$000

Encadernado. 5\$000

JARDIM DAS CONFIDENCIAS — *Ribeiro Cou-*

to, br. 3\$000

PARA CRENÇAS:

O SACY, e FABULAS DE NARIZINHO, por *Monteiro
Lobato e Voltolino* — Preço 2\$500 e 3\$000

m m

Monteiro bobafa 5 Cia. Livros de Poesias



BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES
FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES
ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS
SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO
VENTILADORES

PARA RAIOS
FERROS DE ENGOMMAR

LAMPADAS
ELECTRICAS 112 WATT

ISOLADORES
TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes Eléctricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

ÚNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO

LARGO DA MISERICÓRDIA, 4

DOIS LIVROS NOTÁVEIS

PARQUE ANTIGO, de Galeão Coutinho
e **MOCIDADE**, de Affonso Schimidt.



Diversos na contextura porém ambos igualmente notáveis como expressão dos pensamentos mais altos e dos sentimentos mais subtis de dois verdadeiros, de dois grandes poetas.

Em paiz de poetas como o nosso, para alcançar o destaque destes dois estreantes é necessário que possuam elles um valor realmente de excepção.

A* VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS E NA

REVISTA DO BRASIL

RUA SANTA EPHIGENIA, 3 - A

S. PAUIX)



HDLMBEBG. BECH & ELL.

IMPORTADORES

f[^]ua Libero Badaró, 169

= S. PAULO =

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK

• E LONDRES

— — —

Papel, materiaes

Ipara construcção,
aço e ferro, anilina«

e outros
productos chimicos.

PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

Casa íranceza de
L. GRUMBACH & CIA.

Rua de São Bento N: 89 e 91

SÃO PAULO

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES:

MONTEIRO

LOBATO

BRENNO

FERRAZ

N. 74

FEVEREIRO

1922

EDITORES:

MONTEIRO

LOBATO

& COMP.

— SÃO PAULO

O MOMENTO

A última sessão annual do Congresso prorogou-se quatro vezes. Em 1921, vespera do Centenario, tivemos, pois, quatro sessões legislativas em vez de uma. Função primordial das cantaras, votariam ellas tantos orçamentos quantas prorogações, para outros tantos exercícios...

Resultado, porém, após tão ardua labuta — não ha leis de meios. Orçando a despesa pela receita, trabalho natural, tão natural como o do vendeiro que pesa o bacalhau para o freguez e não lhe vende a mais, antes a menos, os srs. representantes da nação brindaram-nos com 300 mil contos de "deficit". O vendeiro originalão vendeu a mais. Viciara ás avessas a balança. E o orçamento, que suppõe equilibrio, com tamanho "deficit" não orça nada. Foi vetado. E em boa hora, pois, com semelhante calculo ou sem elte, é o mesmo para effeito do absurdo.

A função orçamentaria é cohibir desmandos na applicação dos dinheiros públicos. E' a função democratica. Suppõe a tendencia autocratica do Executivo, que cumpre sujeitar ás tabellas da receita e despesa. Inverteram-se, porém, os papeis — o Legislativo desmanda-se; o Executivo chama-o á consciência de si mesmo.

E' singular. Despolarisa-se o funcionamento politico do regimen : o despotismo, que melhor não se caracteriza que pelo desbarato das rendas publicas, deixa de ser o perigo presidencial para constituir o crime das cantaras, reprimido pelo presidente... Pura revolução, aliás benemerita, reconhecida pelo Supremo Tribunal, á voz dos ministros que se recusaram a receber vencimentos.



PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS BE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

Casa franceza de
L. GRUMBÂCH & CIA.

Rua de São Bento N; 89 e 91

SÃO PAULO



REVISTA DO BRASIL

•DIRECTORES:

MONTEIRO LOBATO

BRENNO FERRAZ

yy Jj

FEVEREIRO

EDITORES:

MONTEIRO LOBATO

& COMP. — SÃO VAULO

O MOMENTO

A última sessão annual do Congresso prorogon-se quatro vezes. /1 Em 1921, véspera do Centenario, tivemos, pois, quatro sessões legislativas em vez de uma. Função primordial das cantaras, votariam ellas tantos orçamentos quantas prorrogações, para outros tantos exercícos...

Resultado, porém, após tão ardua labuta — não ha leis de meios. Orçando a despesa pela receita, trabalho natural, tão natural como o do vendeiro que pesa o bacalhau para o fregues e não lhe vende a mais, antes a menos, os srs. representantes da nação brindaram-nos com 300 mil contos de "deficit". O vendeiro originalão vendeu a mais. Viciára ás avessas a balança. E o orçamento, que supõe equilibrio, com tamanho "deficit" não orça nada. Foi vetado. E em boa hora, pois, com semelhante calculo ou sem elle, é o mesmo para effeito do absurdo.

A função orçamentaria é cohibir desmandos na applicação dos dinheiros públicos. E' a função democratica. Supõe a tendencia autocrática do Executivo, que cumpre sujeitar ás tabellas da receita e despesa. Inverteram-se, porém, os papeis — o Legislativo desmanda-se; o Executivo chama-o á consciência de si mesmo.

E' singular. Despolarisa-se o funcionamento politico do regimen : o despotismo, que melhor não se caracteriza que pelo desbarato das rendas publicas, deixa de ser o perigo presidencial para constituir o crime das camaras, reprimido pelo presidente... Pura revolução, aliás benemerita, reconhecida pelo Supremo Tribunal, á voz dos ministros que se recusaram a receber vencimentos.



O paia, no entanto, vae á maravilha. Não ha desastre economico, revolução financeira, politica ou social que o abale. Resiste a tudo, mesmo á loucura collectiva dos dirigentes.

O Brasil é, portanto, o caso vivo, frisante da Relatividade de Einstein applicada á sociologia e á Historia: regem-se os povos pelo Destino. Não ha leis de causa e effeito que os covistram nos limites da lógica. A vida das nações, como a dos homens não é matéria de sciencia, susceptível de contagem, peso e medida, senão depois de realisada:—Historia, confundo de factos já passados. A Historia-acção, entretanto, a que está occorrendo e vae occorrer, não comporta qualquer tratamento scientifico. O sociologo ainda não tem honras de propheta. Não domina o futuro, que é acaso e é destino.

Assim vive o pais, ao acaso, de surpresa em surpresa. Ostwald Spengler, ao formular a sua these, conhecia, sem duvida, a nossa vida histórica ...

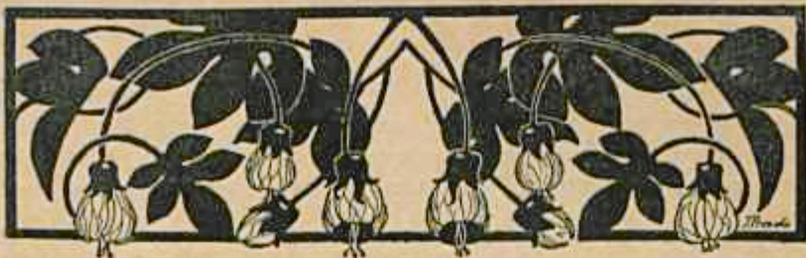
Os nossos legisladores ratificam a theoria do pensador inglês. Para elles todos os desvarios são admissíveis — o Destino não se torce a nenhuma força humana.

Rejubilam-se. Afinal, consagra-se na mais alta philosophia a doutrina de Ge ca Tatú...

Não ha duvida — a sorte é por nós.

B. F.





A LITERATURA EM S. PAULO

i

Quem escreve parte de uma preliminar: sabe. Ninguém escreve o que não sabe, nem mesmo para confessar-o. Pouco importa a quem quer que seja uma confissão de ignorância.

Estamos, entretanto, perante um caso authenticico de subversão desses princípios curiaes da pragmatica. Um jornalista escreve de que não sabe, confessando que o não sabe e só escreve para contrapor argumentos a outro que também escreve...

Dissemos nesta revista, em janeiro, ao entrar em nosso 7.º ano de publicidade, que um movimento literário, uma vida literaria, ou coisa que melhor nome tenha, se accentua em São Paulo como nenhum dos decantados progressos paulistas. Dissemol-o como conhecedores de um factio real, que presenciamos e de que participamos.

O sr. José Maria Bello, (*), na verdade um bello espirito, na sua concentração e isolamento, longe de tudo e a tudo alheio, entende, porém, que não. Não ha nada, para elle, em São Paulo: nenhum Eucluydes, nenhum Machado, nenhum Bilac... E, como reforço a esse argumento fácil de negação, o sr. J. Maria Bello confessa ignorar livros e autores paulistas... Mas onde, em que terra e em que mundo se revelariam ao sr. Bello os Eucluydes, Bilaos e Machados, sem que o sr. Bello os lesse? Subversão impossivel, francamente. Não se inventou ainda meio

(*) "O Jornal", do Rio: "Vida literaria — O movimento literário em S. Paulo e a literatura nacional".

idoneo de julgamento literário que prescindia da leitura. E' a contingência dos sentidos. Não se lhe sobrepõem illuminados...

Continuaremos, pois, a dizer que em São Paulo o progresso literário sobre-excede a todos, mesmo sem milagrosa resurreição de gênios mortos em boa e santa paz.

Ha 7 annos, no mais critico momento universal, appareceu a "Revista do Brasil", floração vigorosa que foi do escol indígena, despertado para uma grande realisação. Era um gesto petulante de provincianos, mas á sua frente estavam Pereira Barreto, Julio Mesquita, Alfredo Pujol, Pedro Lessa, Bilac... O ousado tentamen teve a sua phase de ouro. Creou dois grandes nomes, productos seus indiscutíveis: — Monteiro Lobato e Martins Fontes. "Urupês" e "Verão" sahiram destas paginas. Esta-va traçado o destino da "Revista": o livro successivamente editado dar-lhe-ia solidez, alargando-a em casa editora. Seguem-se "Ideias de Géca" e "Cidades mortas". Multiplicam-se os auctores editados: Léo Vaz, com "O professor Jeremias", J. M. Toledo Malta, com "Mme. Pommery"; Godofredo Rangel, com "Vida ociosa"; J. A. Nogueira, com "Amor immortal"... Depois. ..

Depois, a multidão, até os 150 mil exemplares do anno pasado.

* * *

Ahi vão essas ligeiras notas para troco ao seguinte trecho do sr. José Maria Bello:

"Mas, evidentemente, para caracterizar-se o movimento literário de S. Paulo, não basta citar a cifra a que attingiram as ultimas edições de algumas livrarias ou casas editoras ou recordar tres ou quatro nomes de brilhante relevo. O que seria interessante de estudar eram os motivos determinantes desta rapida evolução mental e o espirito que, porventura, a anima."

"Os motivos desta rapida evolução mental..." Não houve em São Paulo evolução mental "rapida". Houve, sim, lenta, gradual e uniforme em todas as classes sociaes. Não se confunda "actividade 'literaria" com "evolução mental". Aquella surgiu depois de feita esta. A nossa "evolução mental" dacta, pelo menos, da paz com o Paraguay: — Convenção de Ytu', Compa-



nhas Paulista, Ytuana e Sorocabana, associações propagadoras do ensino, sociedades iniciadoras da imigração. Tudo isso, num só complexo, constitue a grande revolução mental em São Paulo. Difficil, é desintegrar esses elementos, um a um. A imprensa da época é um espelho. Nos primeiros números da "Provinda de São Paulo", grande instrumento dessa evolução, no mesmo pé de egualdade estão as iniciativas de ordem pratica, viação ferrea e industria, com as de ordem espiritual, doutrina politica e instrucção. Ao mesmo tempo que as estradas de ferro, a industria, a imigração, apparecem em todo o interior as primeiras typographias com suas folhas semanarias, os primeiros clubs literários com suas bibliothecas, escolas e cursos nocturnos, os primeiros grandes collegios mantidos por aggremações absolutamente desinteressadas. A Assembléa Provincial vota a obrigatoriedade do ensino, linda utopia de realisação iniciada... Mas. é sobretudo o doutrinamento politico que assignala a evolução mental, encaminhada para o liberalismo, a federação e a republica.

Índole realisadora, a nossa nos levaria o espirito antes de tudo á politica, no seu mais alto sentido, expoente das necessidades do meio. São doutrinadores políticos os nossos homens de pensamento. E' José Bonifacio, o moço. E' Américo de Campos. E' Martim Francisco. E' F. Quirino dos Santos. E' Eduardo Prado. E' Alberto Salles. E' Américo Brasiliense. A própria Faculdade de Direito, único centro de estudos da provincia, soffre a acção do meio e se decide pela politica, cujo brilho dá-lhe o melhor do prestigio de que ella goza. E' o pólo mental do paiz, que delle recebe as correntes doutrinarias e literarias. Domina a palavra do moço Andrada: ouve-a o liberalismo e, nas letras, escuta-a Castro Alves... Em outra ordem de ideias, Pereira Barreto renova os estudos philosophicos. Julio Ribeiro refunde a grammatica.

Na verdade, ainda não foram reunidos os versos admiraveis de José Bonifacio, o moço, um progono. A poesia de Paulo Eiró continúa quasi toda em manuscriptos. Não se editaram os versos de Francisco Quirino. Pereira Barreto apenas inicia a sua obra em livro. Eduardo Prado dispersa pela imprensa a sua. Vicente de Carvalho apenas em nossos dias coordena em volume a sua lyrica poderosa. Na verdade, affectam os paulistas certo desdem por isso de letras...

Ora, si recordarmos que tudo isto caracterizou a singularidade paulista; que a campanha descentralisadora e republicana se limitou a São Paulo com raio de acção pelas provindas próximas; que a imigração intelligentemente aproveitada, em contacto directo com o núcleo nacional, só se fez em São Paulo; que as ini-
c:iltivas progressistas de viação ferrea e industria nos distinguiram entre as provincias; si o recordarmos, temos que dizer que



"evolução mental" fizemol-a nós e só nós, neste paiz. A Abolição encontrou a nação desapparelhada de braços. São Paulo já recebia levas immigratorias, cujas correntes chegam ao auge em 1888. A Republica encontrou um paiz profundamente monarchico, o Norte á frente... São Paulo concentrava o grande núcleo republicano de escol.

E n^o teria havido "evolução mental" nesta terra!

A propaganda republicana, não teria sido factor mental...

Agentes menos abstractos: — o ensino publico, preocupação maxima dos primeiros governos; a imprensa, disseminada em jornaes diarios e periodicos por todo o interior e diariamente levada da capital.

Ao inicio do século é a grande crise: — o professorado publico se torna a grande carreira, enchendo aos milhares as escolas complementares e normaes. Expressão de um estado social, é também uma expressão mental valiosíssima. As profissões liberaes estão todas tomadas. Gymnasios e casas de ensino secundário estão repletos...

E' a grande crise. Só em 1913, vespera da guerra, attingimos o apogeu da prosperidade economica. Nesse longo interregno, desde a Abolição, soffremos verdadeira revolução social:—o imigrante substitue o escravo, surge a grande industria, renova-se em boa parte a posse da terra, faz-se a auto-educação dos primeiros vencidos ás novas condições sociaes, creadas ao contacto diurno com o estrangeiro. E' exactamente a nossa mentalidade — e não outra coisa — o que soffre os influxos mais profundos das vicissitudes.

"Evolução mental" longa e não rapida, portanto. Seu factor malç remoto e solido: — a estrada de ferro. Seu factor decisivo e ultimo, os milhares de escolas paulistas. A actividade literaria é um simples corollario. Procede de circumstancias especiaes, que determinam a fundação da "Revista do Brasil", dizemol-o sem vitupério que não nos reverte elogio algum porventura ahi contido.

E' em 1916. No exterior, a guerra. Inquietam-se os espiritos, na espectativa de uma era desconhecida. No interior, o maior dissidio entre as "élites" cultas e a politica. Ha uma necessidade incohersivel de acção e renovamento. "Resurgimento" é o termo em voga: lançára-o Bilac.

O que foi esse resurgimento, como idealidade, não o sabe o sr. José Maria Bello, mas sabem-no todos os paulistas: — foi um despertar para as coisas do espirito. Funda-se a "Revista do Brasil". Funda-se a Liga Nacionalista.

Até ahi, a acção collectiva. Depois, a acção pessoal, assignaladamente individual, com todos os caracteres do homem que encampava a obra da collectividade, já cançada. "Urupês" foi um



abalo profundo: descobríamos que sabíamos lêr em maior numero. .. O seu êxito foi um marco inicial. As preocupações da "Revista" — menos literarias que de cultura, em suas faces intellectual, social e civica, accentuam-se em sua face literaria com a criação da casa editora, producto de um accidente de livraria...

Eis esboçada a nossa "evolução mental", preparatória da "acção literaria", única que se fez rapida, por motivo aleatorio, dependente de factor humano, que appareceu então, como teria apparecido dez annos depois, ou um lustro antes. Qual o espirito que a anima? — Decerto, o que transparece desse rápido escorço: — o idealismo nacional de Bilac, bastante ideal para comportar obras da mais variada natureza.

E' muito pouco e muito simples, talvez... O sr. José Maria Bello quereria coisa mais complicada. Assim é que fala em Brasil novo que se prepara em São Paulo "na fusão de sangues diversos e na estabilisação das industrias ruraes e urbanas" e que integralisaremos "pelas novas bandeiras conquistadoras." E pergunta:—"Sente a literatura paulista este "momento" de transformação que se opera aos seus olhos? Traduz, acaso, as aspirações novas, os desejos, as ancias da sub-raça futura? etc". E conclue que não, embora desconheça o assumpto.

Ora, é muito amor á complexidade, ao pedantismo critico, ao artificio. Porque ha de ser mais complexa a sub-raça futura que a que ahí existe e já produziu a complexidade e o pittoresco de Amadeu, Lobato, Hilário, G. Rangel e Léo Vaz? E porque preestabelecer regras ás manifestações espontaneas do espirito? O sr. J. Maria Bello está num dilemma:—ou reconhece o complexo dessas personalidades, por amor dos princípios de Taine ou ha de convir que não ha, neste meio, "ancias de sub-raça" a traduzir, nem "fusão de sangues" a estabilisar...

Desconhecendo o meio, o sr. Bello faz disto uma ideia excessivamente livresca. "As ancias da sub-raça futura..." E' pena que não nos conheça o illustre escriptor, para saber que taes ancias são pela nacionalisação mais profunda, que o italo-brasileiro é mais jacobino que os jacobinos e o teuto-paulista mais chauvinista...

A' margem o artificio, o preconceito scientifisante, as deducções a priori... Vamos aos factos e dos factos á theoria.

Seria mais natural e mais sábio que, partindo da nossa "fendencia accentuada para o regionalismo á antiga maneira, onde entra, talvez inconscientemente, um pouco de attitude" — o que



seria um facto, — o sr. Bello concluisse pelas "ancias" nacionalistas da "sub-raça", sem maior complicação e sem mais "attitude cr'ítica"... O digno escriptor conheceria a realidade "regionalismo" das letras, e teria inferido a realidade ambiente — "ancias da sub-raça", que não conhece, como não conhece a acção social de Bilac em nosso meio.

* * *

A literatura em São Paulo não se resume em tres ou quatro nomes, como quer o sr. José Maria Bello nestas linhas:

"Tres ou quatro poetas ou escriptores, cujos livros tive a ventura de conhecer, num commercio mais intimo, o sr. Amadeu Amaral, o sr. Menotti dei Picchia, o sr. Monteiro Lobato, dos admiraveis "Urupês" e o ironista do "Professor Jeremias" deram-me de facto, excellentes amostras do talento e da capacidade literaria das gerações paulistas".

De facto, Amadeu Amaral é uma personalidade de excepção, poeta inconfundivel, que, com "Espumas", abre novos rumos á nossa arte poética. Está fóra e acima do meio "regionalista". Monteiro Lobato é também o renovador. Léo Vaz, outra individualidade original. São regionalistas? Menotti dei Picchia passa do "Juca Mulato" a "Mascaras" com profissão de fé cosmopolita. ..

Mas não é tudo.

Vicente de Carvalho é um grande nome nacional. Detém a gloria única que Euclides reconheceu a alguém. Francisca Julia é a excelsa poetisa, mestra de poetas em São Paulo e Rio. Julio Cesar da Silva, irmão no sangue e na arte, vem de ha trinta annos, poeta finíssimo. Baptista Cepellos, o épico das "bandeiras". Martins Fontes, o symphonista das grandes orchestrações do idioma. Guilherme de Almeida, um Paris inteiro numa alma paulista. Manoel Carlos, um vencedor que se deixa vencer. Gustavo Teixeira, o milagre artistico de uma villa, onde o prefeito é italiano, é também o padre, o collecter, o chefe politico. Paulo Setúbal, uma primeira edição de seis mil exemplares exgotados: "Alma Cabocla". Ricardo Gonçalves, regionalista como aquelle, o mais querido de todos. Affonso Schimidt, o mais paulistano dos poetas, o cantor das massas anonymas, das calçadas de D. Sancha, dos bairros cosmopolitas, da cidade emfim. Ribeiro Couto, uma expressão moderna da poesia.

O sr. J. M. Bello não conhece, pois, siquer a sexta parte da producção poética de São Paulo, conhecendo apenas dois auctores, ou antes, dois livros: "Espumas" e "Juca Mulato".



Não vae melhor na prosa. São os nossos escriptores: Alfredo Pujol, Amadeu Amaral, Léo Vaz, Hilário Tácito, Godofredo Rangel, J. A. Nogueira, Oliveira Vianna, Waldomiro Silveira, Amando Caiuby, Cornélio Pires, Albertino Moreira, Martim Francisco, Veiga Miranda, Sud Menucci, Thales de Andrade, Mario Pinto Serva, Cláudio de Souza, Benedicto Octávio, Agenor Silveira, A. de Freitas, A. E. Taunay, Fernando de Azevedo, todos com livro e Plinio Barreto, Roberto Moreira, Sampaio Doria. J. Mesquita Filho, Heitor Moraes, Moacyr Piza, Lourenço Filho. Armando Rodrigues, Eurico Sodré e Alcantara Machado.

Não comportam estas linhas siquer um rápido estudo de tantos nomes, em que se verificasse a realidade do "regionalismo á antiga maneira", que os caracteriza...

B. F.





GECA TATU' E O PRINCIPIO DA EXCEPÇÃO CREADORA

BRENNO FERRAZ

PELA própria natureza, a mediania é incolor e insignificativa.

E' sempre vulgar o meio termo. Não produz, annulla e não crêa porque mata.

A média de todas as côres é o branco, pólo opposto do preto e como elle nullo. Nullo, sim. A linguagem humana, repositório supremo da sabedoria das gentes, registra-o assim. "Passar a noite em branco", "ficar em branco", "deixar alguém em branco", "moer em branco", todas as accepções figuradas do termo exprimem negação: — "carta branca" nega todo o passado para auctorisar todo o futuro e o "bilhete branco" nega, além do passado, o proprio futuro... O branco é artificial. E' apparencia. Não existe, em essemcia, no espectro solar. As coisas brancas chamadas não existem: uma linda mulher branca ou é rosada, negação da brancura, ou é pallida, negação maior porque é amarella a pallidez. A brancura da agua é limpidez e transparência. O branco do leite é leitoso... Coada de sol, branca devera ser a atmosphaera e é azul. Cabellos brancos negam mocidade coimo olhos brancos negam vista. O branco é luz e brilho. Não é côr, portanto, sendo a média de todas as cores.

Nulla também é a média psychologica, como o é a média moral. Indivíduos de valor pessoal, reunidos, só resolvem mediocrementemente. O jury e as assembléas democráticas, que agem pelas médias, só produzem aleijões. Na guerra vence o cominando único. E o juiz singular, na sociedade civil, cresce em prestigio. A média é inimiga da moral. Não ha meios homens de bem..

Assim, a mediocridade entre os homens e a mediania na arte. Falham cá e lá. O medíocre só tem um domínio: a sociedade, a elegancia, a moda. Ahi, sim, o seu reino e o seu império. A's metades mede-se o bom tom. Equilibra-se a elegancia entre doïis meios. E a moda, a maior expressão democratica dos nossos tempos, despersionaliza pelo uniforme. Representa na ordem social o que é a opinião publica na ordem politica: apara todas as pontas. Sociedade, elegancia, moda — manifestações de um só todo, a mundanidade dos moralistas — nunca produziram arte. Um figurino não é uma téla. Um manequim não é uma estatua, nem siquer modelo de estatuaria. Emtanto, o figurino é a moda e o manipanço de porta de loja, o arbitro crystalisado de todas as elegancias, triste Petronio de palha... E' a mostra, o modelo. Tem as linhas perfeitas, o talhe esbelto, a attitude erecta. E' toda a arte dos sailões.

Se a média é incolor, vulgar, infecunda, ao icontrarioi assignala-se a excepção pelo colorido, pelo destaque, pela fecundidade. Vence em toda parte.

Na theoria darwinica, triumpham os partidarios da excepção factora de especies. Não as produz a perpetua repetição dos mesmos phenomenos, mas a reproducção teratologica dos indivíduos. A natureza faz saltos, de algum modo... Na mesma theoria, por certo ao principio da adaptação — chave miraculosa de todos e dos mais desconstrados mysterios, remanescente do optimismo creacionista — se dará o seu justo valor de zéro. A adaptação ião meio, á custa de mil inadaptações e mil mortes, é uma burla como fórmula scientifica da vida e do conformismo delia com as condições exteriores. Só lhe explica o êxito o preconceito da identidade da creatura com a criação. (*) A toupeira não é mais dextra porque atrophiou os organs visuaes: mais adaptados que ellas, roedores que levam a mesma vida subterranea, conservam intacta a visão. A baleia não é mais perfeita porque não tem pernas, nem mais adaptada porque, vivendo entre os grandes animaes marinhos, só alimenta dos pequenísimos o maior corpo vivo da nossa éra geologica. Não são adaptados os palmipedes trepadores, nem as¹ aves aquaticas sem palmouras. O pingoim, sem azas e sem dedos, que não vòa nem anda, mas salta apenas, si alguma coisa prova é o feito regressivo da adaptação. "Adaptações" em massa não se fazem. A cada sobrevivente excepcional corresponde uma hecatombe de milhões de inadaptados.

Na arte o vulgar é hospede, inassimilavel quasi. Condição es-

(*) "Revue Scientifique": — "O preconceito da adaptação", por E. Guyenot.



sencial de arte: valor psychologico para mérito de atenção. Não nos sensibilizam o mediano e o commum. Attitude de espirito involuntária e naturalissima, de fundo eminentemente affectivo, a atenção, só quando activamente solicitada, se exerce, pondo em guarda todo o nosso "eu". Não são, pois, matéria de arte os casos de todos os dias, senão entrevistados "excepcionalmente". Os homens eguaes a todcte os homens não formam typo especifico« em arte. Perdem-se entre os mais, confundem-se, compensam-se uns aos outros, equilibrando-se em "média". As figuras representativas não são as que mais facilmente se encontram. São achados excepcionses, typos raros.

Não resumem elles em si a média dos seus semelhantes. São, ao contrario, expoentes elevadCs das qualidades vulgares. O individuo typico de uma classe não é o que se achata no meio delia, á altura de todos, mas o que se eleva acima do nivel normal, potencializando ao mais alto grau as qualidades dessa classe. E' fundamental, é humano isto. Quando fazemos idéa de um assassino, ocorre-nos ta lembrança do typo mais completo de bandido que conhecemos: Antonio Silvino ou Landru. Si imaginamos entre as aves o papagaio, não personalizamos no periquito a especie, nem no papagaio mudo, recém-caçado, mas no parlapatão do visiinho, bem falante, cheio de peculiaridades de lingua. Nada tão representativo como o heróe: não o são, porém, todos os militares e soldados. O heróe é fundamentalmente excepção.

E' assim em tudo. E po>rque não na literatura?

Geca Tatu, figura typica de uma collectividade, é uma excepção. O seu grande, o seu extranho e extraordinário poder de expressão — a singularidade. Não é o caipira commum. E' o excepcional. Não synthetisa a média das qualidades do seu proxinm Contrariamente, cumula-as. Si todos os caboclos fossem a imagem exacta de Geca, não o teria descoberto Monteiro Lobato. Mas, porque tão saliente, tão destacado era o seu typo, viu-o e fixou-o. Exemplar raro, estudou-o como um caso pathologico, em grande e em vivo, em que se vê augmentado o vulgar, para maior facilidade e perfeição do conhecimento dessa vulgaridade. Assim, o psychiatra desce da psychopathok>gia á simples psychologia.

Geca Tatú não é por isso menos verdadeiro. E' um grande exemplo, um symbolo poderoso, um epitome vivo. Vêl-o é vêr a olho nú tudo o que na collectividade mais ou menos nos escaça, liquefeito e dissolvido na massa e que só elle crystalisa.

O consenso publico, expresfso em popularidade e fama, consagrou-o em definitiva. Geca representa o caboclo brasileiro,



queiramos ou não. Inútil, ridiculo detratal-o. Contra a consagração publica não valem argumentos, nada pode a lógica. Vários livros e artigos sem numero o contestaram. Géca, porém, resiste, sempre Géca, sem nenhum attributo a menos. O proprio Congresso de São Paulo, reunido em agape solemne de fim de legislatura, legisla extra-muros negando personalisiação a Géca... Apenas falta decreto e sancção. Mas Géca ainda é Géca, pela só força de expressão e intonfundivel do feitio, pelo poder de excepção representativa.

Toda figura typica obedece ao mesmo engenho, principalmente si de feição satyrica e caricatural. D. Quichote é uma grande excepção e, comtudo, um grande symbolo. Ninguém, mesmo entre hespanhóes, do seu tempo ou do nosso, pode orgulhar-se de iguaes façanhas e semelhantes bravatas. O mais desvairado paladino e campeador da idade-media nunca chegou a taes e tantas proezas. O episodio dos moinhos de vento, o dos leões, o dos odres, si não são inverosimeis cada um de per si, são em conjuncto, attribuidos ao mesmo homem, uma excepção rarissima.

E D. Quixote não é menos typico, menos expressivo de grande porção da humanidade, mais que de sua raça e do seu tempo.

Géca significa o brasileiro como Quixote todos os idealistas, confirmando ambos, no emtanto, o principio da excepção creadora.

Na verdade, só a excepção crêa. Creou a tragedia grega e a comedia. Creou a epopéa, a oratoria, a lyrica, todos productos de grandes themes invulgares. Creou o Romantismo, essencialmente phenomenal e renovador de natureza, contrapondo-o ao classicismo já vulgar. Creou o proprio Realismo, antithese daquelle e, si não lhe manteve a victoria, é que a deixaram pela vulgaridade mais chata.

Géca Tatú, creatura de excepção, por sua vez creará. E quanto já não tem creado! Sóando no ar como um chicote erguido sobre a nossa apathia e indifferentismo, é o temeroso anathema que nos sacode e desperta para a vida. E' o typo accentuado com que ninguém se identifica de bom grado. Que não fosse um typo. Seria, ao menos, um nome, um rotulo. E na vida collectiva, nada tão poderoso como o nome, o rotulo, que crêa peccados e capitula crimes, estabelece inibições do tnesmo passo que determina movimento.

Géca é o peccado nacional. Não o neguem. Absolvam-no, si
o quizerem, com penitencia ou sem ella. E' o nome de um
apathico, mas nome-potencia, que vae creando, pela
só força da excepção.



a razão, á demonstração, incisiva e terminante, que tenho feito, do contrario. Fácil me foi justificar a autonomia didactica contra a intolerância magisterial, com o despotismo dos programmas e processos de ensino. Esquadrinhei, em poucos traços, o affectamento e, digamos, sem rebuços, o verdadeiro conto do vigário da tal escola isolada de 4 annos. A's razões apresentadas, nenhuma razão vi que as enfrentasse.

Não obstante, batem pé, audazes no affirmar tolices, e assanhar calumnias, para insistir em que estavamos, em instrucção publica, num céo aberto de perfeição divina e maravilhas nunca vistas nem sonhadas.

Nós, porém, não desistiremos de defender a Reforma, e havemos de provar, á saciedade, nas consequências praticas, que verão, o seu acerto, o seu tino e a sua urgência. Já me advertiram que, nestas falas ao povo, ando a gastar, sem proveito, tempo, energia e paciência. Tenho, porém, que só os autocráticos e os incapazes pôdem preferir, ao dever de justificar o que fazem, a commodidade de mandatario que não presta contas a quem deve. Eu dou mais pelo contacto com o povo, de cujos negocios se trate.

Ouvi-me, hoje, a primeira das duas conferencias que, sobre a educação civica, emprehendida pela Reforma, terei de pronunciar. Começarei por justificar o plano que já vos esbocei, neste mesmo recinto, ha dois annos idos. For aqui já estaes vendo que não improviso, não phantasio, não me aventuro, por terreno movediço, a uma tentativa impensada.

O plano que a Reforma perfilha, de formação civica na escola, é novidade entre nós. Mas nos Estados Unidos, planos semelhantes já produzem os melhores resultados. Impressionado com o indifferentismo popular pelos negocios públicos, e com a corrupção politica de partidos norte-americanos, um notável patriota, abandonando a sua "carreira brilhante de homem de negocio", Wilson Gill, implantou o regimen das republicas escolares em substituição ao systema autocratico da disciplina escolar, então vigente. Este systema de democracia escolar, de oarticipação activa dos alumnos na vida commum, sob a superintendência do director da escola, passou dos Estados Unidos para Cuba, Suissa, Áustria, Allemanha.

O systema, em si, é perfeito e único. Estou certo que estará com elle quem quer que o comprehenda. Ouvi-me, hoje, nas bases scientificas em que se erige.

Não é problema para a ligeireza de um abrir e fechar d'olhos. A sciencia ainda parece não ter dado a respeito delle a palavra definitiva. Ainda se discute, ainda se anda ás tontas, ainda não é solido o terreno em que se pis;<. Acompanhae-me, com bnevolencia, na exposição succinta das doutrinas, e, de antemão, absolvei-me da abstracção, aridez e seccura do assumpto.

Comecemos por assignalar o que se quer com a educação civica.

E' formar o habito dos deveres para com a Patria, é apurar qualidades civicas, é converter os moços em cidadãos.

Cidadão não é o que blazona de patriotismo. Não é o que sabe, mesmo luxuosamente, a geographia do seu paiz, e a historia do seu povo. Não se resume em dominar os segredos do idioma pátrio. Muito menos é o que se limita a descobrir-se, reverente, á passagem do pavilhão sagrado, ou a declamar, pomposamente, os feitos dos herões, a gloria das tradições, e a nobrezaa da raça.

Cidadão é, essencialmente, o que tem o habito dos deveres civicos.

De modo que educar, civicamente, é formar hábitos de acções civicas.

Ora sabeis que o habito resulta da acção reiterada. Muitos os temos, porque assim nol-os impuzeram. Outros, porque assim deliberamos. Mas, num e noutro caso, o habito da acção resulta, sempre, de praticarmos, reiteradamente, os mesmos actos; num e noutro caso, aos actos precedem

estados mentaes, que os prefiguram. O homem nada pratica, ou deixa de fazer, sem a precedencia de impulsos obscuros, ou de idéas claras, pre-videntes.

Peço a vossa atenção maxima para a relação intima do que o homem resolve e faz, ou se abstém, com o que pensa e sente.

Deixando á margem" as variantes, que não entendem com a substancia do assumpto, extractarei as duas theorias psychicas, radicaes, a que se hão de filiar, inevitavelmente, os systemas de educação moral, assim como se prendem, e nella se inspiraram os systemas penaes.

Sem duvida, esta matéria é mais para a tranquillidade, o silencio e a meditação dos gabinetes, do que para as emoções, ligeireza e eloquencia da tribuna publica. E' thema que impõe concentração attentional, recolhimento e isenção de espirito, cousas estas mais ou menos incompatíveis com as missões pregatorias, e attitudes de polemica, a que se seja arrastado. Mas não ha outro meio de triumpharem as nossas idéas, e tilas, na sua imperecível verdade, e nos beneficios que promettem, valem bem o sacrificio da lucta.

Os mais profundos psychologos parece ainda não terem dado á verdade sobre o mecanismo da vontade humana a fulguração solar da evidencia, que a todos persuada. Separa-os o abysmo de uma controvérsia já de cabellos brancos, e com geito de eternizar-se.

De um lado insistem que as nossas deliberações são, no fundo, gerações espontaneas da vontade. A vontade humana ouve, por assim dizer, escuta, examina, pesa, acceita ou rejeita as idéas e os sentimentos. Porque, ella, tem, em si, inabdicavel, o poder espontâneo da decisão. Pôde resolver-se contra todas as idéas e todos os sentimentos, como também ao sabor e ao correr do que elles suggerem. Por isto que a vontade é essencialmente livre. Tem a faculdade de se deliberar.

Garantem outros, porém, que as nossas deliberações se reduzem, afinal, a estados mentaes e emocionaes, que predominem sobre os seus contrários ou divergentes. E' a funeção cerebral mais complexa, da qual resulta ser o que queremos, exactamente, o que pensamos e sentimos. E, mais, que nem sempre podemos não deliberar; a deliberação se impõe, mercê de Deus.

Sendo, como apregoam os primeiros, livre a vontade no sentido de ter ella a soberania das deliberações, como poder independente das idéas e sentimentos, a educação moral, que é, no fundo, a educação da vontade, terá de inspirar-se nesta liberdade. Sendo, porém, a vontade, como asseguram os segundos, uma actividade mental, para a predominância de uma idéa ou sentimento, a educação moral terá de basear-se na lei que presidir as operações mentaes desta predominância.

Bem se vê que não é esta uma these de nonada, ou, siquer, inopportuna, **Para** a indagação de como deve ser a educação civica na escola. Quem tiver escrupulos ou receios, que se diriam infantis e vãos, para tirar a limpo esta duvida ou pendencia, não poderá jámnis orientar-se no problema da educação moral. Não se trata de uma destas enfadonhas disputas de meta-physicos impenitentes. Mas, verdadeiramente, dos alicerces da educação moral.

Observae, attentamente, as vossas resoluções. Trazeis, dentro em vós, Por toda a vossa vida, o campo da vossa experiencia, inicial e fundamental, em psychologia. Mas começae por não desdenhar a prudência de concluir sem pressa. E, si tiverdes a cautella de pesar bem o valor ás palavras, haveis de verificar, afinal, estar a causa mór do desentendimento numa equivocidade de termos. E' a discórdia mais sem razão, que nunca se viu. Nos ostros dominios da sciencia, a serenidade e a verdade têm o seu dia nos espiritos: as divergências acabam por desaparecer, e os homens se dão as mãos amigas. Cuidando-se, porém, das leis sobre o mecanismo da

vontade humana, ou principio que as summaria, logo a intolerância crepita ameaças aos que ousam penetrar nestes "domínios sagrados". No entanto, repitamos, o terreno é de pura sciencia, e da decifração desta esphyngue, pende, essencialmente, a boa ou má orientação da vida humana.

Não nos digam que a questão é insolúvel. Não ha insolubilidades no terreno da sciencia. Havel-as-á na supernaturalidade dos dogmas e da fé. Mas, na esphera da sciencia, podem os homens ainda não lhe terem desvendado os mysterios, mas nada nos garante a sua eterna indecifrabildade.

O mecanismo da vontade humana é um complexo de phenomenos, a inferência de cujas leis dependerá somente da observação constante, arguta e serena. Os phenomenos psychicos, as manifestações do espirito, as idéas, os sentimentos, as resoluções são susceptíveis de prova lógica, e, por isto, são objecto da sciencia. Logo, não cabe, aqui, o é porque é, ou porque assim o tenha dito A. ou B.

Notae, como todos os dias, e muitas vezes por dia, cada um de vós pratica eites pequenos actos indispensáveis, como, por exemplo, dizer ou calar uma impressão, apanhar ou largar um objecto, sentar-se ou seguir á tôa por esta ou aquella rua. Entre a representação mental destes factos e a resolução de os praticar não ha embaraços, antes facilidade, agrado e bem estar. A natureza, na sua caridosa sabedoria, não quiz complicar a vida do homem na pratica destes factos insignificantes, mas cujas consequências não interessam, fundamentalmente, a conservação do individuo e da especie. Um objecto vos cae das mãos, e já o estaes apanhando sem demora. Para que o trabalho de pensar si deveis ou não erguel-o? Seria um desperdício de tempo, e de energia mental. O homem, si tivesse de deliberar a oada pequeno acto, a cada insignificância, viveria, emperrado, vida miserável e mesquinha, sem tempo para as grandes acções. Dahi a necessidade de que, entre a consciência destes pequenos actos e a sua realização, não haja intermedio consciente. Pelo menos, não o descobre a analyse. Mal a temos, logo a realizamos.

A este phenomeno se dá o nome de acção ideo-motora. Nelle, a vontade não delibera.

Mas, ao lado das acções ideo-motoras, a cada passo nos deliberamos. Para virdes aqui, honrar-me com a vossa presença, certo pensastes em casa: — "Valerá a pena?" Uma encantadora mocinha, aqui presente, fôra convidada para uma kernresse que a esta hora já deve estar-se realizando nesta cidade. Ella tem suas razões secretas para não faltar á festa. Mas, por maus fados, esta conferencia fôra marcada precisamente para a mesma hora da kermesse. Dahi a intranquillidade de espirito, em que a vi. Perder a festa? Deixar de vir ouvir-me? A idéa de ir á festa exercia, no seu espirito, uma attracção violenta, quasi sobrehumana. Por outro lado, a idéa de me descontentar com a sua ausência foi agua fria no entusiasmo da sua preferencia á kermesse. E' claro que eu fiz o que pude, para des- embaraçada deste dever de cortezia, jurando-lhe que a minha maior satisfacção seria vel-a contente. No seu rosto em flor, se espelhava a delicadeza de se rião mostrar contrariada, quando me affirmava nunca ter vacillado em primeiro vir aqui. Garanti-lhe, então, que abreviaria a conferencia para m?ia hora. Acredito que esta promessa reforçou as suggestões da sua delicadeza em vir.

E' de todos os dias este embate de forças psychicas para a predominância de uma das alternativas em jogo. Em 99 % deste phenomeno, todos os psychologos estão de accórdo. Em 1 %, porém, a discórdia os separa ao infinito. E', todavia, uma discórdia sem cabimento, porque, no fundo, o accórdo é completo, e o que os separa é um mal-entendido de expressões.

Reparae bem onde está, verdadeiramente, o pomo da discórdia.

Uns declaram ser a resolução tomada a predominância da idéa que se sente mais conveniente aos deveres ou aos interesses.

Outros, porém, juram fé ser a resolução um acto espontâneo e livre da vontade, posto que influenciado pelas idéas e sentimentos.

Não é possível, numa exposição como esta, entrar no exame dos numerosos aspectos e minudencias do assumpto. Limitar-me-ei ao essencial, para justificar o systema de educação civica, que a Reforma adopta. Demais, por certo, estas theorias vos hão de ser familiares.

Não me sitiam duvidas sobre ser a vontade uma função mental, como o é a imaginação ou o raciocinio.

No raciocinio, ha duas partes, uma preparatória, e a outra essencial. Affirmo, por exemplo, que "*Fulano trairá, na hora do perigo, a causa da liberdade*". Não é um facto actual, mas um facto futur <, que o raciocinio ronclue. Como? Da seguinte maneira. Na phase reparatória ha dois factos: 1.º) observando Fulano, analyso-lhe a *egolatria* que o caracteriza; 2.º) esta qualidade analysada ipe evoca, mercê de associações anteriores, a idéa de *traição na hora do perigo*. Vem, então, a segunda phase, a essencial, que é, propriamente, o raciocinio; tendo eu a *consciência da causalidade, da identidade* entre a idéa de "egolatria" e a de "traição na hora do perigo", affirmo que Fulano trairá. E' uma conclusão.

Na imaginação criadora, também ha duas partes: a preparatória e a essencial. Falo, por exemplo, no *diluvio dos exercitos*. Rigorosamente, não ha diluvio de exercito; é uma criação imaginativa. Qual teria sido a origem desta imagem? Na phase preparatória, equal á do raciocinio, ha dois factos: 1.º) observando os exercitos me impressiona a sua *immensidade avassalladora*; 2.º) esta qualidade abstrahida me lembra, numa associação Por semelhança, a idéa do *diluvio*. Eis, então, a segunda phase que é, em substancia, a imaginação criadora: tendo eu a *consciência de ser a idéa do diluvio mais bella* ou mais expressiva, que a idéa de immensidade, falo do diluvio dos exercitos. E' uma imagem.

Agora, a vontade. E' uma actividade cerebral ora simples, ora complexa. A mais simples de todas é a da acção ideomotora. A complexidade começa quando entram em choque duas idéas, uma das quaes, sem mais accrescimo que a emoção correspondente, vence a outra, e, por isto que triumpho, já é volição. A natureza volitiva está na predominância alcançada. Mas o grau da complexidade varia muito. Percebe-se, calcula-se, imagina-se, raciocina-se, sente-se, e todas estas funeções, que podem ser rapidas, ou demorar muito, só cessam com prevalecer uma das idéas ou perspectivas em lueta. Conheceis, por certo, aquelle episodio empolgante dos "*Miseráveis*", de Hugo, a terrível noite em que João Valgean resolve denunciar ao tribunal de Arras a sua identidade. As idéas se choam em tempestade, com os raios fulminantes da consciência vigilante. Não ha subtiliza de raciocinio, nem seducção de desinteresse, que logre predominar, no seu character de homem de bem, sobre a idéa do seu dever em se denunciar, para que não incida, na cabeça de um innocente, a pena que lhe compete. Sempre que Projectaes dar um passo decisivo na vida, como realizar um negocio em que arriscaes todos os vossos haveres, a decisão final pôde levar dias, para que se possa pensar bem, ouvir conselhos, prever, nitidamente, as consequências do negocio. O resultado final, porém, é sempre a idéa que vos parecer mais conveniente ou melhor.

No raciocinio, o que determina a conclusão, é a *consciência da verdade*, da identidade, da causalidade.

^T a imaginação criadora, o que produz a imagem é a *consciência da beleza*, da energia, do vigor.

La vontade, o que gera a volição, é a *consciência da bondade*, da maior

conveniência ou mais interesse em que predomine uma das alternativas em jogo.

Eila consciência da bondade, ou conveniência desta ou daquela perspectiva vari3 de pessoa a pessoa, e, na mesma pessoa, varia com a idade e a educação. A idéa de tomar parte num corso, em dias de Carnaval, é irresistível a uma joven de 20 annos. Esta mesma idéa já não attrae a uni sexagenario desilludido. No turbilhão da vida que lhe estua no peito, o moço resolverá ir ao corso sem vacillação e com ardor. O velho, porém,, já frio e gasto, sem interesse em ir, preferirá, por certo, ficar em casa, entre as saudades do que foi.

Dir-me-eis que o velho, si quizer, irá também, que é livre, ficando. Não ha duvida: si quizer, irá. Mas não é de ir, si quizer, que se trata. O que affirmamos, é que nas condições diescriptas, elie não quererá, não poderá querer. Deixo-vos mais claro o pensamento desta impossibilidade neste outro fadto. Supponde um homem de juizo e de bem. Poderá este homem *querer* seveciar a sua mãe, que por elle se desvela? Ponde o casa em vós, diziei-me não estando em loucura, sereis capaz de querer infamar a vossa própria mãe, ou assassinar, com as maiores torturas, a um filho bem querido? Não sois oapaz de querer semelhante horror. Não tendes,, miera de Deus, nem quereis ter tão detestável poder. Ali, maquella janella, sobre um precipicio, se debruça, a meio corpo, uma vossa filhinha de quatro annos de idade. Si a não segurardes já, depressa, ella tombará e se esmagará no fundo do abysmo. Será que, si não estiverdes louco ou imbecilizado, tendes a faculdade de não vos deliberar no sientido de aoudir a innocente criaturinha, que é vossa filha?

E porque o não tendes?

Porque a isto contraria a visão da vossa intelligencia, e se oppõe a dignidade dos vossos sentimentos. As resoluções da nossa vontade são, *necessariamente*, o que, na hora, pensarmos e sentirmos.

Esta relação de causalidade é a maior garantia e segurança do futuro, e é a base da confiança entre os homens. Si não fosse a convicção intima, em todos nós, de que o homem quer o que forem as suas idéas, os seus sentimentos, os seus instinetos, nenhum de nós ficaria tranquillo ao iado de outro homem. Poderá um amigo nosso, que nos estima, em bom juizo, ou, mesmo, um desconhecido, lúcido e desinteressado, preparar-nos uma traição? Não é provável, nem possível. Do mesmo modo, sentir-vos-eis seguro, si, atrás de vós, vos estiver a filar, olhos em chispas, attitud; suspeita, um vosso rancoroso inimigo? Já,mais. E' que esiaes instinetivamente convicto da causalidade entre as volições e os seus antecedentes mentaes e emoc^onaes.

Mas não só com a idade e o temperamento varia a impulsividade das idéas. A educação pôde augmen:al-a, ou reduzil-a. Muitas vezes, em certo individuo, uma idéa é volição, por ignorancia ou inexperiencia. Logo, as experiencias e conhecimentos que se adquirim, modificam e pôdetn até privar dos impulsos a certas idéas. Outras vezes, certa idéa é volição, porque lhe não prevemos as consequências em practical-a. Logo, os exercidos de raciocínio que rasgarem horizontes á previsão, alteram e pôdem, mesmo neutralizar o impulso a certas idéas.

Trata-se, digamos, de tomar uma attitude partidaria em face de grave questão de economia nacional. De como_ prevalecer a solução na pratica,, emanará a riqueza, ou a ruina do paiz. Supponde dois individuos de intelligencias deseguaes e deseguaes preparos. *A* tem, si me permittis a arithmetica, uma intelligencia calculada em, 20 e de preparo 39, emquanto a intelligenoia de *B* é orçada em 2 e em 3 a sua sabedoria. A resolução de *A*, que percebe 10 vezes mais pela sua intelligencia, e não' sei quantas» inda pela maior riqueza das suas experiencias, não é de espantar que



valha muito acima da resolução de *B*. Este vê tudo terra a terra, já porque a sua intelligencia, de tão mediocre, não devisa o dia de amanhã, já porque não o ajuda a escassez das suas experiencias e conhecimentos. Mas si *B* exercitar a sua intelligencia, si, peio estudo e observação, vier melhor a conhecer os phenomenos sociaes, nada mais razoavel que, desde então, sejam de outro alcance e acerto as suas opinões e decisões.

A percepção se aguça, a memoria se amplia, a imaginação se apura, o raciocínio se adextra, os sentimentos se acrysolam, os instinctos caducam ou se affirmam. E de como forem estas actividades, assim será a força imperativa das idéas. De modo que está na alçada da educação preparar o homem para querer, até certo ponto, o que se quizer que elle queira. Bastará que prepare a mentalidade e os sentimentos. O querer resultará do que se tiver feito da intelligencia e da sensibilidade.

Vedes, pois, de um fado, a theoria de que a vontade tem o arbitrio de resolver livremente, até contra o que se pensa e se sentie. E, de outro lado, a doutrina de ser a vontade uma funeção cerebral para a predominancia da idéa que se considerar melhor ou mais conveniente. Pela primeira, a volição é de natureza differente dos estados mentaes ou emocionaes. Pela segunda, a volição é a própria idéa, ou emoção, sustentada pela consciência da sua maior cotraaiencia. *E esta consciência é ainda um acto da intelligenciu.*

Sendo a primeira theoria illusoria e falsa, como é, hão de mallograr sempre os systemas de educação moral e civica, que nella se basearem. Sõmente surtirá effeitos' bentficos o systema que respeitar a identidade entre a volição tomada e a idéa que predominar.

Dahi a necessidade de, tendo-se adestrado a intelligencia, e aprimorado os sentimentos, habituar o educado a deliberar-se por si mesmo, e agir na conformidade do que pensar e sentir. Emquanto não se contrariar o habito da acção verdadeira e da acção boa, o mecanismo cerebral da vontade não terá destreza, agilidade e acerto. Só com os exercidos systematicos da deliberação se obterá a educação da vontade, ou educação moral, da mesma forma que, só com os exercidos do raciocínio, se conseguira a educação do raciocínio. Sem estes exercidos até se consolidar o habito. ter-se-á gerado, quando muito, a casta romantica dos sentinentaes impotentes, e a matilha, tantas vezes bem succida, dos tartufos de boa lingua. Só o habito de realizar as convicções da verdade e do bem, consititue educação moral.

Objectar-se-á que, com esta orientação pedagogica, a educação moral e cyica mlecaniza e fataliza o destino do homem. Não. Por forma contraria, isto é, sem o habito de querer e de realizar as convicções da verdade *p.* do bem, é que o homem não se redimirá da preguiça, do egoismo e dos insitinctos. O habito de praticar, sempre, em quaesquer circumstanças, a acção verdadeira e boa, é que arrebatá ao acaso e azar dos acontecimentos o segredo e a sabedoria sobre o que nos ha de succeder. A 'medida que o homiem revigora a sua inteililigencia, aprimora os seus sentimentos, e, especialmente, se affeiçoa á pratica da verdade e do beim, a 'influncia mysteriosa do destino, em nossa vida, sie vae amesquinhando em beneficio do poder criador da vontade. E' quando o homem abdica do que pede, que a Fatalidade impera.

Com maiores razões na vida dos povos. O destino das nações se desenvolve sob a influencia de dois factores: 1.º) a condenda colectiva, que governa; 2.º) é o caso dos acontecimentos em que a considencia coflectiva não interfere. As forças indomáveis da Fortuna avultam ou cáem, como se amortecer ou se avivar a consciência coLlectiva. Estão em laziu inversa. Donde, para atalhar, ou attenuar os infortúnios do Acaso, o



dever de dar ao povo a educação com que assuma a soberania de si mesmo.

Si, apesar do cultivo dos sentimentos, segundo as leis em que se desenvolvem, si, apesar da disciplina da intelligencia, pelo exercício da lógica, ainda a educação se deparasse o arbitrio da vontade em querer contra os pensamentos e sentimentos dominantes, seria, então, para se desesperar dos resultados da educação moral. O homem será o que lhe tivermos feito da sua intelligencia e da sua sensibilidade, por isto que as suas resoluções serão as suas idéas e sentimentos.

Donde a consequência de se poder eliminar do homem a possibilidade de querer o tisal. Bastará que se submeta a sua intelligencia á disciplina lógica para a verdade, e, correlatamente, se beneficiam os seus sentimentos e os 5 MIS instinctos. Desde então, sendo o querer a predominância do pensar e do sentir, só poderá querer a verdade e o bem.

E' o corollario por excellencia do determinismo da vontade.

Nem será preciso mais nada para que se tenha por bemaventurado o principio do determinismo psychico. Só nisto já se lhe sente a marca divina do seu cunho. E tanto mais notaveil, que nem saquer priva o homem da sua liberdade moral. Embora não seja livre a vontade, o hom/em é livre. O determinismo psychico exclue o livre arbitrio da vontade, mas não actua no livre-arbitrio do espirito. Não vos esqueças que a vontade é uma simples função cerebral, dependente da percepção, do raciocínio, da imaginação criadora, como estes dependem de analyses e associações, e todos de atenção e memoria. Mas o eu, o espirito, a alma não é só a vontade, é o conjunoto integralizado das faculdades psychicas. O determinismo, pois, da vontade é uma lei, por assim dizer da economia inítena do espirito. Acima delia, porém, está o espirito indivisível, inteiriço e uno,, o *eu* que se determina a só querer o que *elle mesmo* entender por melhor, em plena liberdade moral, ou livre arbitrio psychico.

Não se pense que ha subtiliza de lógica, ou malabarismo de palavras em deslocar para o espirito o livre-arbitrio attribuindo á vontade. Reparae que o que está na mente dos livre-arbitristas é a liberdade de querer do *eu*. O mal entendido provém de se identificar a *vntade* com o *espirito*, tomando a parte pele todo, quando, em verdade, a parte sy subordina ao todo, jnas o todo é livre.

Livre no sentido de ter o espirito o poder de modificar-se, para só vir a querer o que se tiver por preferível. Preparam-se a intelligencia e a sensibilidade, para que a vontade, sendo o que eilas forem, só possa deliberar-se á feição do ideal de auto educação que se tiver realizado. Repitamos que no poder de modificar-se para vir a ser o que se entender oor melhor, é que reside a liberdade moral ou livre-arbitrio.

Liberdade que, como todas as liberdades, tem as suas condições invioláveis, as suas balisas democraiticas, os seus horizontes intransponíveis. Condições na maneira de se exercer. Balisas no tempo em que pôde melhor actuar. Horizontes que fronteirizam a sua soberania. Na maneira de se exercer, porque só é possível mediante aquisição de conhecimentos, que passam a ser forças actuantes nas resoluções, mediante adestramento intellectual para as previsões, que actuarão igualmente nas deliberações, como forças que decidem. No tempo, porque é, principalmente na meai-nice e na adolescencáa. que são possíveis as profundas modificações na intelligencia e na sensibilidade; depois de 30 annos, raro será o que mude radicalmente. Ainda no tempo, porque não se exerce a liberdade no momento de se tomarem as resoluções; nestes momentos, as idéas, as execuções, os instinctos se exercerão pela força que tiverem, ou prevalecerão ás previsões, com a efficieincia maior ou inenor, segwido a visão e a diligencia do raciocinio, segundo a serenidade ou a perturbação dos



sentidos. Mais, inflexivelmente o que forem, sem nenhuma liberdade de querer o que não forem. Por fim, nos horizontes do seu poder, porque se exerce a liberdade moral dentro das possibilidades orgânicas, hereditárias e das condições externas do meio físico e social. Neste particular, é como o poder do botânico que, transfigurando certas plantas, não alcançará fazer, por exemplo, de uma roseira um carvalho. Fará de uma espécie de roseira espécies novas de roseiras de maior beleza e mais aromáticas, mas nunca um cérebro ou um pau-d'alho. Assim, uma toupeira de berço nunca poderá atingir as intuições do gênio, ou um tarado de marca, sem uma cerebração portentosa, não se elevará jamais à sublimidade moral de um santo.

É que as modificações educativas da inteligência e da sensibilidade não podem fazer taboa rasa de certas contingências somáticas atávicas, e de certos factores do ambiente cósmico e social. Poderão atenuá-los; removê-los, nem sempre.

Apesar destas "balizas", a faculdade, que o homem tem, de manipular a sua inteligência e a sua sensibilidade é tão potente, que está no seu arbítrio vir a só poder querer o bem. E, como a idade de ouro desta faculdade é a adolescência, bom ou mau que o homem seja na madureza, bom ou mau irá ao túmulo. A plasticidade cerebral só no milagre do gênio se conserva por toda a vida, apta a transfigurações. Releva, por isto, não deixar passar a idade milagrosa da juventude, sem criar e cimentar a impossibilidade de querer o mal.

É a suprema liberalidade do Criador à criatura. Não era razoável que, tendo Deus, no homem, a sua obra prima, não o divinizasse com uma scintilla da sua onipotência, dando-lhe a faculdade de eliminar de si a possibilidade do mal. Foi o que fez, identificando-lhe as volições às idéias que predominem, e, ao mesmo tempo, facultando-lhe, para esta predominância, dilatar a visão à mentalidade, e graduar a força impulsiva aos instintos e sentimentos.

Dahi as divinas «esperanças do aperfeiçoamento moral do homem pelos exercidos lógicos do raciocínio, e pelo apurar dos sentimentos nos constantes exercidos de resolver e praticar a verdade e o bem».





ZE'-DA-FOICE OU O HOMEM QUE ROUBOU UM PÃO

LÉO VAZ

A mesa do hotelzinho onde morávamos, eu e o escrivão Mathias, do Registo Civil, em Bicas, reunia-se, ás vezes, gente de variada casta, a que não podia faltar um ou outro caixeiro viajante. Cometas — eram estes chamados, naquelles tempos. Com o correr delles, porém, perderam essa designação astronômica e pittoresca, o que é lamentável; mas, mudando de designação, e talvez algo do aspecto exterior, ou da indumentária, conservaram immutavel a alma cometina, que é invariavel e eterna. Assim, já naquelles tempos, como hoje, eram elles os depositários das bellas tiradas, do legitimo e bom senso commum, que alardeavam, com embasbacamento dos hoteleiros, em chegando a sobremesa.

Ora, certa noite, havendo, como se disse, comensaes de varia casta á mesa, com os dois ou tres cometas obrigatorios, a certa altura da prosa, quando esta afinal abordou as falhas da democracia, um delles passou gravemente o guardanapo pelos bigodes, pois que julgara chegada a vasa para encartar também a sua vasinlja:

— E' isso mesmo: os graúdos roubam á vontade, e é por centenas, por milhares, por milhões... do suor do povo, sem que ninguém lhes tenha mão. Enquanto isso, prende-se o miserável que furtou á porta de uma venda um pão para matar a fome aos filhinhos e á pobre esposa tuberculosa, que lá tosse, no fundo da cama!! Oh! Justiça! Oh! Ceuslú

Sobre estas considerações e invocações derradeiras, levava já o viajante á bocca um copo de vinho, justo premio, na sua pensativa, de quem assim acabava de tão nobremente profligar os erros do século. Mas foi quando ouvimos, lá da outra extremidade da mesa uma risadinha:

— Héh... héh... héh... héh...!

Era o Mathias, amigo meu e escrivão do Registro, que, de olhinhos apertados e lábios refranzidos, muito ao seu geito, por aquella forma acolhia e commentava o melancholico philosophar do outro.

O cometa pousou na mesa o copo intacto e deitou sobre o escrivão um olhar carregado de resentida dignidade. E aspirou um folego largo e profundo, de quem vae dar longa réplica; os seus lábios chegaram mesmo a mexer-se como de quem vae tropejar argumentos fuzilantes. Mas alfim o seu olhar cambiou de expressão e era já de infindo desprezo a attitude com que elle agora mirava o Mathias. Aquelle escrivão não era, por certo, capaz de alçapremar o espirito ás estiradas alturas onde pairam os homens de bem e, demais, as contróvrsias em geral assustam as almas pacificas e conservadoras dos caixeiros viajantes.

Mas nós outros, companheiros de todos os dias do escrivão, e que bem lhe conheciamos as baldas, não demos assim por terminado o caso, e foi por que, de varia parte vieram sobre o Mathias as perguntas e arguições:

— Então, de que é que está rindo, seu Mathias?... — De que foi que achou graça?... — Não concorda então aqui com o que disse o senhor?... — Este Mathias ha de sempre estar em contradicção com meio mundo!...

Com isto, saboreado o esperado effeito da risadinha que avisadamente soltara, protestou o registrador civil:

— Uél... Que é que os srs. viram?... Ora essa!... E' boal... Estou rindo cá de umas coisas que me vieram á lembrança ao ouvir, é verdade, as palavras alli do senhor... que eu não approvo nem desapprovo... Eu não sou fiscal das idéas alheias. Cada qual tem e diz as que entende, ninguém tem nada com isso. Agora, essa historia do "homem-que-roubou-um-pão-para-matar-a-fome-etc.-etc.-etc.", essa historia é que não posso eu ouvir sem que me acudam ao espirito as reminiscências de um caso aqui passado ha muitos annos e que não deixa de ter sua graça. E' do que estava eu a rir, e não da...

Eu já conhecia, da bocca mesma do escrivão, varias vezes recon-tada, a historia daquelles successos extraordinários. Mas, afim de, como elle o desejava e eu sabia, espicaçar-lhe a veia e ver a cara dos outros, fingi-me desmemoriado:

— Ah! já sei o que é: é aquelle caso do pão chinez, ou coisa assim... Como é mesmo que foi isso? Já ouvi falar, mas não percebi muito bem... Conte-nos isso, seu Mathias, conte lá...

O escrivão circulo a vista pela mesa e assegurou-se de que já era grande a curiosidade a mostrar-se em todos os semblantes e em nenhum mais do que no do cometa pessimista. Todavia, por gosar de antemão o êxito da narrativa, fez-se ainda um pouco de rogado:

— Qual! E' uma historia sem importancia... não vale a pena...

Vieram os esperados protestos:

— Ora, conte, seu Mathias! — Vamos lá ver que diabo de caso é esse! — Que é que pôde ter o caso com o que dizia aqui o collega?...

E elle, ainda, com a cara risonha de quem contava mesmo:

— Qual, senhores; é uma historia atôa! Eu é que, não sei porque, acho-lhe uma certa graça...

— Mas conte sempre, seu Mathias, que diabo!

Seu Mathias desemperrou afinal:

"Isto é um caso muito velho, muito sabido de toda gente, aqui... Só tem algum interesse pela certa relação que lhe noto com a observação que fazia ha pouco ahí o senhor... acerca do tal-que-rouba-um-Pão. Porque também houve no caso um pão roubado, que era, por signal, um pão chinez.

"Foi isso ha muitos annos, logo que eu para aqui fui nomeado es-crevente de cartorio. Muito depois é que comprei o officio... Bicas

era ainda um villarejo do cafundó do sertão; e só mesmo um facto como aquelle... Haverá uns trinta annos talvez. Ou trinta e cinco, quem sabe... Esperem um pouco: nós estamos em mil oitocentos e... Mas, é verdade, tudo isto não vem ao caso, não é?

"A coisa foi assim, num domingo, logo ao sahir o povo da egreja- O largo da Matriz estava cheio de gente, que após a missa era costume, naquelles tempos, haver um leilão, á porta da egreja, em beneficio da Fabrica.

"Eis senão quando, passa a correr, cortando o largo, o Zé-da-Foice, com uma coisa debaixo do braço.

"Zé-da-Foice era um caboclo vadio, que morava num rancho, mais a mulher e umas creanças, lá pelas bandas da sahida do Rio Claro. Era uma especie de mumbava da população, desde que a mulher, com a maleita, deixara o officio seu de lavadeira, de que antes viviam. Filava o parasita um prato aqui, de rfestos de almoço, um jantar allí, uns trapos lá adiante- E das sobras dessas sobras levava de quando em vez um resto ao rancho. Com um ou outro palmito, que derrubava nas visinhanças, iam vivendo. Chamavam-no Zé-da-Foice, não sei porque; nunca mostrara nenhuma predilecção maior por essa ferramenta do que pelas demais; sempre fôra vadio completo.

"Mas, como ia dizendo, logo após a missa, corta o largo, em disparada, o Zé-da-Foice, e logo em pós delle o Nho Quim padeiro, a berrar:

"— Cerca! Cerca o ladrão! Prendam esse homem!...

"Prenderam-no. Dois ou tres valentes avulsos, sem custo o manietaram, e conduziram, acompanhados pelo Nho Quim, até o corpo da guarda. E emquanto se mandava prevenir o sub-delegado, Zé-da-Foice foi mettido na enxovia, a bom recado, mais o padeiro perseguidor.

"Ora, com ainda não haver começado o leilão, attrahira o successo para a frente da cadeia o povo todo, domingueiro e amante de escândalos-

"Nho Quim não fiava a ninguém, na padaria.

"E emquanto não apparecia o sub-delegado, appareciam os comentarios ao feito. Quasi todos estavam em ver nelle grossa patifaria do padeiro. Ora, que diabo poderia ter feito o pobre do Zé-da-Foice! E o ser ambos recolhidos á mesma enxovia, tão bom como tão bom, deramava em todos os peitos confortadora confiança nas instituições. Padeiro de uma figa!... A autoridade que decidisse...

"Mas a autoridade, onde andaria ella, que não vinha?

"Andava por ahí mesmo, tanto que não tardou muito em chegar e inteirar-se do successo, que teve logo ampla e indignada divulgação por toda a praça:

"Zé-da-Foice apoderara-se na padaria de Nho Quim de um pão, e só por isso se puzera o padeiro, traz delle, com aquelle berreiro que era um Deus nos acuda!

"Mas ao subdelegado, compadre de Nho Quim, não soube com tal gosto o caso. Bacorejando-lhe certos pruridos de equidade, extranhou:

"— Hein?! E prenderam Nho Quim também!? Como isso?!... Soltou-se immediatamente!

"Cumpriu-se a ordem do sub-delegado, que era energico. Soltou-se o padeiro.

"Mas a soltura de um, avesso ás contas-correntes, emquanto ficava o outro em custodia, vinha exasperar o poviléu de Bicas, que viu naquelle momento em Zé-da-Foice o seu Barrabás e no subdelegado um Pilatos parcialissimo. Já a historia do pão roubado circulara, em varias versões. Porisso, quando o padeiro assomou á porta da cadeia, sobraçando o seu pão-chinez finalmente rehavido, o qual era mercancia de



sua conhecida fabricação e especialidade, a indignação brotou, cresceu e transbordou de todos os peitos.

"—Hein?! Por causa daquele pão, miserável, lá estava o pobre do Zé na enxovia, enquanto o algoz!... — Um coitado, que anda a morrer de fome, mais a mulher!... — Um simples pão, para matar a fome aos filhinhos, pobresinhos!...

"Assim, unânimes eram na praça as condemnações á feia acção de Nho Quim. Eram também o suficiente para a acolhida que teve o padeiro, ao descer os tres degraus do corpo da guarda. Concretisando em mi! brados e assobios os echos de todos os fiados até então embarga/dos pelo padeiro inflexível, uma vaia estrugiu, formidanda e ensurdecadora, que o acompanhou, travez do largo, até em frente da padaria.

"Mas, de caminho, no rasto do padeiro, que apenas mascava a sua raiva em resmungos inoaprehendidos, sem olhar para ninguém, a vaia foi excitando a turba, enquanto que a turba excitada, num circulo vicioso redobrava de assobios e de apupos. Na mente inflammada dos do séquito já a historia dos filhinhos na miséria, da mulher moribunda, etc. era uma aureola a coruscar em torno da cabeça do Zé-da-Foice.

"Mas as consequências não teriam sido notáveis, se não tivesse havido alli alguém que amasse as phrases...

"Sempre, em todas as terras, em todos os tempos, nunca, numa reunião de homens, jámais faltou alguém para o culto das phrases. O homem é um animal phrasifero. E é de admirar-se isso, pois que laveh, presciente e sábio, tendo só com phrases executado toda a sua obra da criação, não quiz empregar o mesmo processo quando lhe deu para fabricar Adão. Fel-o ás direitas, tomando a argilla, que afeiçãoou com as suas próprias mãos, em silencio. Não fosse o homem, se feito com um méro "Fiat!" tomar-se do gosto pela phraseologia... Infelizmente, se não por culpa iavehtica, por suas próprias artes adquiriu a raça de Adão a balda, e não ha hoje turba que não contenha uns pares de phrasistas prompts para o que dér e vier.

"Foi assim que, ao depois de haver-se Nho Quim recolhido aos penates, após a aventura com Zé-da-Foice, como quer que a multidão estacionasse ainda á frente da casa, á espera de não sei mais que successos, um rabula que havia aqui em Bicas, o Custodio, julgou ser dever seu edificar-a com um bom discurso adequado. Com tal propósito, alçou-se ao tóco de uma figueira que outrora vicejava alli no largo, e que mandara ha pouco derrubar, a Intendencia, e berrou:

"— Senhores!...

"Foi o vocativo, de êxito, que em pouco alli tinha o Demosthenes a beber-lhe a rhetorica todo o povaréu da vaia. E por bem corresponder a tão prompto auditorio, quiz o Custodio começar a arenga por uma apostrophe lapidar, que foi a seguinte:

"... enquanto preso fica o coitado do pé-rapado... (pausa, com circunvagiar dos olhos do orador pela assembléa)... dá-se liberdade ao ^ algoz apatacado!!!

Para que foi o Custodio dizier aquillo? O não fiar Nho Quim pão a ninguém, era birra, talvez, mas era lá um systema do homem, que não fazia por maldade. A muitos dava elle o seu pão de graça, se compr?r o não podiam. O que não era com elle, lá pelas suas razões, era o "depois mando pagar"... Fiados, a ninguém. Mas se o Custodio lhe chegasse e contasse as misérias, não seria Nho Quim quem lhe negasse'um ou dois pães de meia pataca, ou mesmo de duzentos...

"Mas nem sempre correm as coisas pelo mais brando caminho. Custodio não pôde refrear a eloquencia, e lá deitou a phrase fatal:

"...liberdade ao algoz apatacado!!!



"Foi um delirio. Custodio não pôde ir além. Cortada lhe foi a palavra naquelle ponto do êxordio pelo berreiro que a phrase accordara ra multidão. Fôra ella como que a traducção feliz, em linguagem pittoresca, rithmica e com trovas, do sentir confuso que ia por todos aquelles peitos offegantes. Prolongou-se o berreiro, desabotinadamente, e outros phrasistas, estugados pelo successo de Custodio, não quizeram ficar atraz, e foi então uma porfia de glosas á tirada •custodiana:

"— Pobre, ladrão; rico, Barão !!...

"— Bravo!!!!...

"— Morte ao Barão, viva o pobretão!!

"— Brrravissimo!!!'...

"— Morra o Marque? do Pão chinezú!

"— Morrissima! !!!

"— Morte ao bandido!

"— Morra o monstro!!

"— Morra o Schylock!M

"— Lyncha o Caim!!!!

"A' voz de lynchar, acabou de pegar o fogo de vez. Cêga, furiosa, a esbravejar, precipitou-se a onda de gente portas a dentro da padaria, arrastando, momentos após, ao meio da praça, Nho Quim, que se debatia, emquanto a mulher, mais as duas filhas, attonitas, na calçada, levantavam os braços, de bocca aberta, sem conseguir que os gritos e os soluços, vencendo o terror, lhes sahissem pela garganta afôra-

"Em breve, também, de Nho Quim não restavam na praça mais do que retalhos sangrentos, a pender de ossos desaparecidos, e as vísceras, espostejudas por quanta faca havia naquella Bicas enfurecida.

"Um lynchamento em regra.

"Contaram-me, que eu de mim não assisti á scena, avesso que sou a ajuntamentos, contaram-me, depois, que lá ás tantas, surgira, em meio á carnagem, um caboclo de catadura feia, de uns caboclos de cabellos aparados sobre as orelhas e que raramente apparieciam na villa, fôra de eleições. Pois lá surgira um desses, que trazia na mão um pãozinho de dois vinténs. Approximando-se dos restos do lynchado, que vermelhavam na grama, o corôado partiu ao meio o pãozinho, e abaixando-se, encostou uma das metades nos bofes porejantes de sangue Encharcado bem o mendrugo, o caipira sanhudo abriu uma boccarra, banguella de tres dentes, e devorou a massa encarnada e gottejante.

"Que mysteriosa vingança havia naquelle lance? Ha muita temeridade em não vender pão fiado, em terras pequenas.

"Mas, continuemos o caso, que não parou ahi. Aquelle dia foi um dia cheio, em que os annaes de Bicas se não contentaram com a só matança do padeiro.

"Pouco mais tarde, por bocca de dois empregados da padaria, que sahiam á cata do curandeiro, para dar cobro aos ataques em que andavam viuva e filhas de Nho Quim, veiu emfim a villa a conhecer em todos os seus pormeúdos o caso do pão e a parte que nelle tomaram Nho Quim e Zé-da-Foice.

"A principio, é verdade, alguma duvida procurou, nas consciências que despertavam da ebriez justiceira, esmagar serodeos escrupulos, que brotavam ante a versão ora posta em giro pelos empregados. Mas sempre a cousa teve forças de se impor de vez, com a crescente abundância de pomenores.

"Ora, diziam aquelles empregados de Nho Quim, e o factio era sabido dê toda a gente, que Zé-da-Foice era diário pensionista do pa-



deiro, o qual lhe dava sempre um pão ou mais, conforme as sobras da feria, após a distribuição aos freguezes. Naquelle domingo, como se demorasse o patrão sem attender ao pedinte, estando occupado em examinar as contas, meio embrulhadas, de um entregador, o pensionista, disfarçando o gesto, abriu a vitrina e surripiou dalli um pão-chinez, de 6\$000, que se aviara para um baptisado urgente. Percebendo o latrocinio que assim lhe desmanchava a encomenda, já sem tempo de a reparar, Nho Quirn desandara em pós do gatuno, na forma sabida, sem cogitar, de momento, em outros meios menos escandalosos de reheader a mercancia.

"Ora, ahí estava como se dera o feito.

"Começou a condensar-se uma reacção. Um rglembrava uma ma-landragem antiga de Zé-da-Foice, outro, outra, e mais outras, concertando-se alfim o accôrdo de que o tratante era um maior da marca. E mercê das frestas que já nas consciências produzira o abalo da passada proeza collectiva, foram-se por ellas insinuando uns pruridos de arrependimento, que não era de esperar se resolvessem em innocio platonismo. Veio despontando um começozinho de odio ao mariola que levava mais de duzentos homens de bem áquella extremidade... E a figura de Nho Quim entrou de desenhar-se, na mente da maioria lynchadora, como resuscitada e expurgada de todo defeito.

"— Tão bom, Nho Quim, tão socegado, coitado!

"— E quem é que é agora capaz de fazier um pão chinez como o delle?

"— Tão pacato, sempre!... Até foi isso que fez dar nas vistas a sua carreira, traz do Zé, pelo meio do largo... Se fosse um turbulento conhecido, o caso não impressionaria a ninguém...

"— E'; se fosse um canalha habitual, um safado, a coisa teria quando muito provocado algum protesto, no mais, sem que ninguém chegasse a tamanho escarceu...

"— Elie era meio somitico, o Nho Quim; lá isso era... Não vendia fiado a ninguém; é verdade. Mas, também, que diabo, a farinha não lhe vinha de graça de S. Paulo!...

"— Pois é; e não fazia eile bem as suas caridades? Pois quem é que sustentava o Zé-da-Foice, mais a récua de maleiteiros?...

"De novo ia-se ajuntando aos poucos no largo o povo e nelle crescendo a gana homicida de havia pouco. Era o uso do cachimbo... Zé-da-Foice ia assumindo agora feições de coisa-má, agente pernicioso de quanto destempero naquelles últimos tempos houvera em Ricas.

"— Pois não foi eile quem armou a intriga da mulher do Juca boticário, ha uns dois annos, até que o homem foi obrigado a vender a botica e mudar-se? Nós, afinal, não sabíamos de onde vinha a coisa e Por isso cortamos com o coitado do Juca. Afinal, como vim a saber, tudo não passou de invenção do Zé-da-Foice...

"— Ah! então dona Carola não...?

"— Nunca. Demais, com aquella idade, podia ser avó do dr. Abilio... Tudo arranjo do Zé para vingar-se do Juca, lá não sei porque...

"— O traste!...

"— Bandido, bandido é que elle é!

"— E' só fazendo o mesmo com elle!...

"— Olho por olho, dente por dente!...

"— Pois é: seria a pena de Talião...

"Como da outra vez, inflammou a phrase a turba, de cujo seio logo espoucavam as glosas:

" Talião com o bruto!...

"— Morra o parasitai!...

"—Morra o Talião!...

"E uma nova cohorte abalou para a sabida de Rio Claro.

"Zé-da-Foice, farejando de casa taes rumores, safou-se por uma janellinha do oitão e, ganhando os fundos da casa, transpoz o correjo e galgou a outra riba, embrenhando-se numa capoêrinha fronteira, nas terras do coronel Vieira.

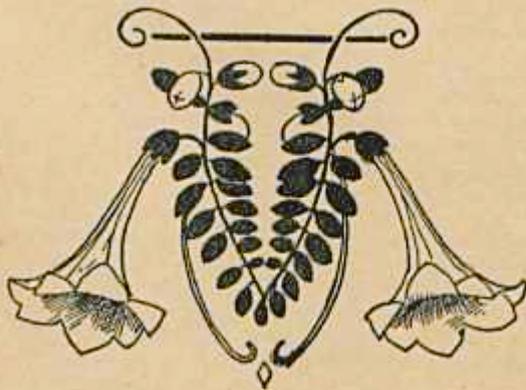
"Mas essa sortida foi facilmente conjecturada quando os batedores chegaram ao rancho e só depararam com o catre onde tremia a mulher, enquanto, em volta, umas creanças de cara suja roiam uns nacos de pão duro. O bando investiu para a capoêra, pondo-lhe cerco. Enquanto entreparavam, á cata de um expediente que desentocasse o larapio, alguém teve uma lembrança:

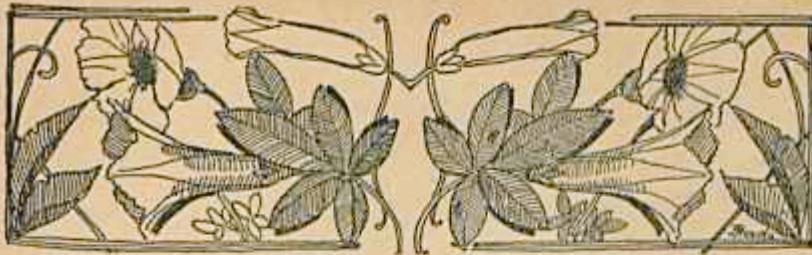
"— Vamos metter fogo na macega, que o bicho espirra ahi de dentro, que nem cotia!...

"O que ouvindo Zé-da-Foice, que não estava mais recuado do que uma moita mais cerrada, onde se escondera, mais os applausos, que levantava a idéa da queimada, appareceu immediatamente á bocca de um carreiro, batendo os queixos com a maleita do medo.

"Foi summaria também, a execução. A mesma sorte do de Nho Quim teve o canastro do Zé. Repartido em pedaços, muitos e sangrentos, foi lançado, aos punhados, ao correjo que rumorejava ao pé, e que arrastou pelas curvas abaixo uma longa mancha d'agua vermelha.

"Feito o que, foi a consciência popular dormir tranquilla, como era justo."





OURO PRETO, A CIDADE ÚNICA

O dr. Enrique Loudet é na Argentina um dos grandes amigos do Brasil. Visitando-nos em 1918 com a missão universitário, assignala-se desde então pelo seu devotamento ao nosso país, ás nossas coisas e ás nossas relações com a sua Patria. O trabalho aqui publicado, conferencia feita em Buenos Aires, revelando o seu grande carinho pela Historia do Brasil e os notáveis conhecimentos que tem della, é uma producção de quem se identificou bastante conosco para ser tido, como o temos, por concidadão da mesma Patria.

Vou esforçar-me por vos descrever do modo mais fiel, mais nitido, mais claro que possa fazel-o, segundo a historia de uma cidade duas vezes centenaria, as paizagens e as obras de grande valor historico e artístico que essa velha cidade de ouro e de gloria guarda «m seu seio como reliquia de tradição para a posteridade.

No anno passado, em minha palestra sobre cidades do Brasil, uma ficou sem menção, precisamente esta: não porque não o merecesse, sinão pelo contrario, porque era credora de capitulo á parte ou palestra especial.

Si nos internarmos pelo norte do Rio de Janeiro, depois de cerca de um dia de estrada de ferro em que se passa pelos sitios mais esplendidos, já pela vegetação luxuriante que se observa á direita e á esquerda, já pelas montanhas cortadas a pique e pontos por onde serpeiam as reluzentes linhas ferreas, nota-se que o trem começa a marchar lentamente, pareceria fatigado. E' que a locomotiva tem que luetar com heroísmo para subir as encostas da montanha a que vamos ascendendo.



Subimos e o horizonte não accusa mais que cumes e mais cumes, que, ponteados e regulares como cones ás vezes, suavemente arredondadas as mais delias, dão a impressão de uma serie de espheras em linha de batalha.

As nuvens, brancas como arminho, passam abaixo de nós e o seu aspecto é o de immensos pedaços de gaze ou vaporoso e tenue algodão, que se vão accommodando ao influxo da brisa que os move com esse capricho ou inconsciência das leis physicas, que ás vezes não chegamos a explicar... Nuvens que, velozes umas, mansamente outras, acariciam os flancos da montanha e soffrem um estraçalhamento em sua caricia, porque o vento lhes impõe continuar a sua marcha, ainda que ás vezes estacionem onde encontram calma e tranquillidade. Dir-se-ia que, cansadas, repousam ou logram burlar o vento, perseguidor infatigavel que lhes serve de apoio, dando-lhes vida e movimento.

A polychromia é maravilhosa: junto ao verde de todos os tons dos magníficos bosques que sobem do fundo dos valles para a crista das montanhas, apparecem aqui e além pinceladas violaceas, pedaços de terra roxa que se desmoronaram e que impressionam como a montanha ferida que sangra. Por toda parte os flancos da montanha apresentam, assim mesmo, infinidade de pontos negros; são as boccas de tantas minas de ouro por onde a formiga humana penetra para rasgar as entranhas da terra, a resgatar o precioso metal.

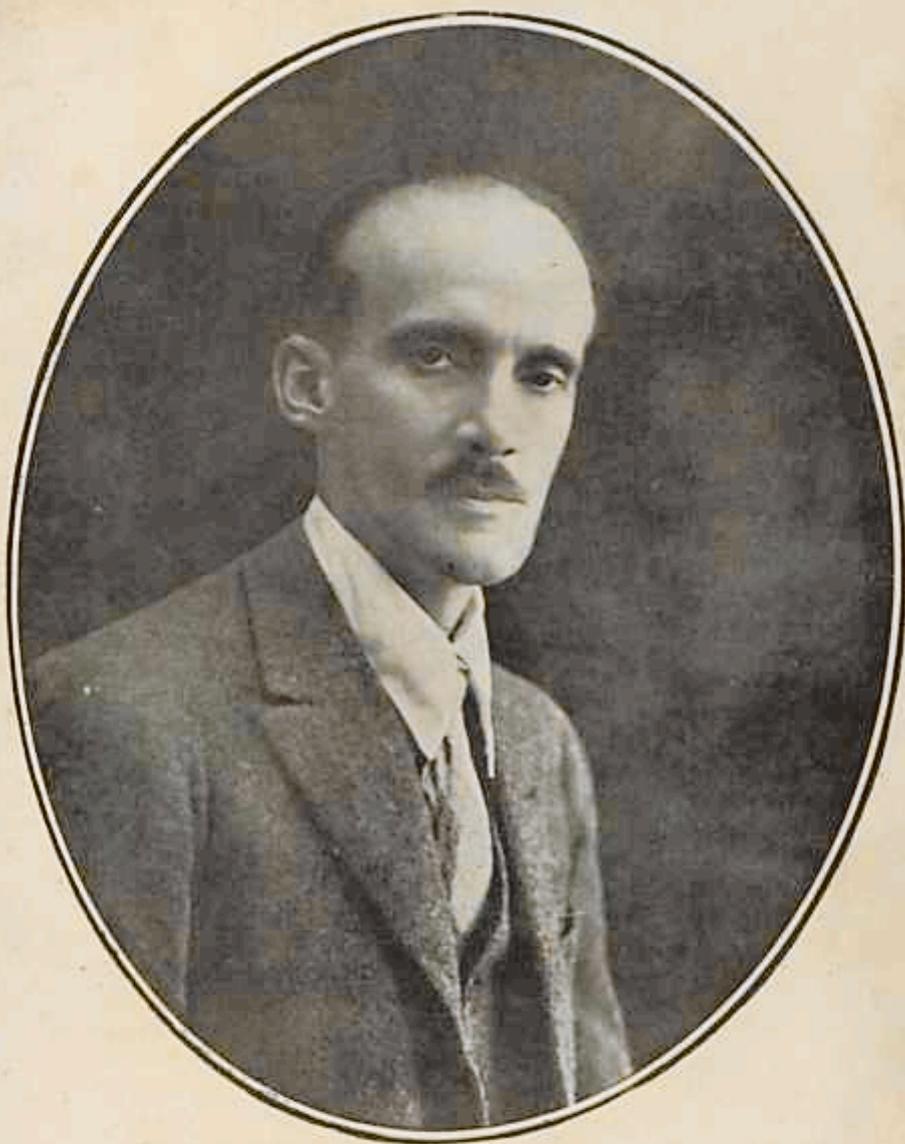
De repente, o trem accelera a marcha e depois que um casebre meio em ruinas, á maneira de sentinella, nos previne e adverte que vamos contemplar a velha cidade, como si tivéssemos descerrado um véo "a cidade única" se apresenta de golpe á nossa vista.

Essa cidade chama-se Ouro Preto, ouro negro; chamava-se "terra de ouro" a essa região; foi baptisada mais tarde com o nome de Villa Rica, pela grande quantidade de ouro, prata e cobre existente em suas serras, cidade de Albuquerque depois, para tomar o nome de "Cidade Imperial de Ouro Preto" em 1711, ha 210 annos, em razão do descobrimento de grandes granitos de ouro negro.

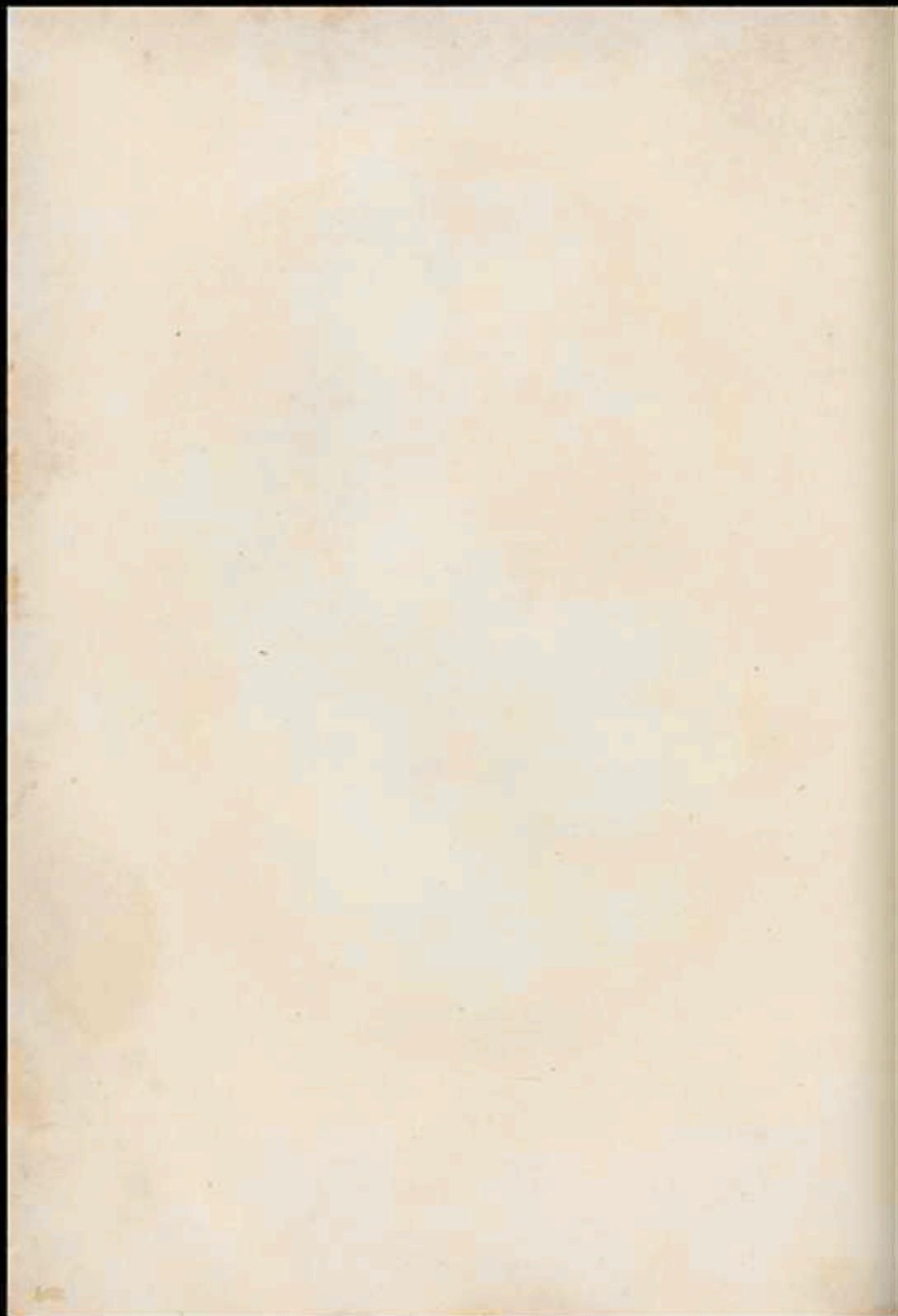
Também a chamam "a princeza desthronada", porque, sendo capita! do importante Estado de Minas Geraes ha perto de dois séculos, foi ella transferida para Bello Horizonte, que é a capital actual, para onde foram trasladadas todas as repartições publicas e a séde do governo estadual. Poi assim que, de prompto, Ouro Preto, que contava 20.000 habitantes, ficou somente com 8.000.

Fu recordo, tenho-o tão presente em minha memoria que me parecj viver esses momentos, quando em meio de uma nuvem que se desfazia em garôa, subia a rua Íngreme que dá na estação.





GODOFREDO RANGEL, autor de "Vida ociosa"



As ruas desta cidade maravilhosa, onde cada pedra tem uma história, apresentam desnivelamentos e ondulações tão caprichosas que criam perspectivas inesperadas e impedem que por ellas rodem coche;, nem tramways, nem automoveis... Pensa-se que a magestada das suas tradições é tão sagrada e tão solemne o seu silencio, que só o andar dos pedestres pôde perturba-lo.

Situada cerca de 2.000 metros sobre o nivel do mar, em meio das nuvens, acima delias muitas vezes, Ouro Preto apresenta o aspecto perfeito de uma cidade colonial.

Quem não conhece senão de leitura as velhas cidades da época da colcnia e se encontra de repente deante de uma delias, vivendo a sua vida, palpitando em seu ambiente, caminhando por suas ruas, não pJide menos que, cheio de emoção, sentir-se transportado ao passado!...

Es^a é a sensação, que se experimenta ao contemplar essa cidade. Suas paizagens melancólicas e sombrias são animadas pelo branco das casas pintadas a cal e o roxo vivo dos tectos de telhas, alternando com pedaços de céu de claridades tão puras que parecem transparentes crystaes de azul.

Esse velho casarão feito de pedra, diz-nos o nosso companheiro, foi construído faz justamente cento e quarenta annos... e observa-se uma especie de forte medieval em um ponto elevado que domina toda a cidade... Destinado a residencia dos antigos governadores e a guardar os thesouros do erário publico, foi construído nesse lugar de fácil defesa... e effectivamente, comprova-se a existência de varias obras, como pequenas torres para sentinellas, que lhe dão o aspecto característico de verdadeira fortaleza.

Mas antes de entrar nesta imponente fortaleza, onde funciona ha muitos annos a celebre Escola de Minas, passamos pela praça Tiradentes, onde se levanta a estatua deste heróe e martyr.

Sua estatua, de corpo inteiro, modelada com um sentimento que interpreta a psychologia do personagem, se eleva acima das montanhas, pois donde quer que a contemplemos, sempre apparece como surgindo do alto. Está sobre uma régia columna de granito que descança, por sua vez, em um sobrio pedestal da mesma pedra, disposto em degraus.

Tiradentes foi um enamorado da liberdade. Talvez sonhando com essa aureola de gloria que precede as sombras da morte, tivesse a revelação de sua grandeza, "sentisse a immensidade do seu heroísmo, pensasse na justiça da posteridade, divisasse emfim, ainda r.o horizonte remoto, os primeiros albores da liberdade que elle ia tingir de sangue bebendo em seus pallidos reflexos os presentimentos da immortalidade!"

Seja assim ou não, Tiradentes foi enforcado por um ideal de independência de sua patria e a posteridade, que com a augusta



serenidade do tempo, fala sobre a vida, sobre os homens e sobre os povos, levantou esse monumento no mesmo lugar em que outrora estivera exposta a sua cabeça "para escarmento" dos que sonharam com a liberdade!

Descobrimo-nos respeitosos ante a sua estatua e não bem acabamos de render essa muda homenagem á sua memoria, mostramos lá, ao longe e no alto, a casa em que se reuniram pela ultima vez os "Inconfidentes", nome que se deu aos immortaes Gonzaga, Silva Xavier, C. Manoel da Costa, Paula Freire, Jesus Alves, Vicente da Motta, Luiz Toledo, Alvarenga, etc., todos poetas, escriptores ou artistas que em suas tendas literarias, sonhando com a liberdade, trabalharam pela independencia e morreram por ella.

E' uma casa perdida na selva da montanha, no caminho de Ouro Preto a Queluz. A cal que a vestia de branco se foi esfumando com o tempo e se tornou cinzenta como a tristeza... Em cambio, as telhas hespanholas do seu tecto estão cada vez mais purpurinas; dir-se ia que desafiando o tempo e a injustiça dos homens, querem mostrar o sangue que custou o branco sonho da liberdade.

Antes de entrar na Escola de Minas, admira-se o palacio do Lyceu de Artes e Officios, ornado de janellas renascença, ainda que sua architectura seja do mais puro estylo toscano; o palacio Municipal com sua torre que constitue o distinctivo característico das construcções da Edade Média e das casas dessa época, de onde se vigiavam os senhores visinhos, a vêr se preparavam actos de violência, dando-se então a voz de alarma, a toques de sino.

Observa-se também a igreja de Santa Iphigenia, branca e alegre, com um pharol que lança seus raios ás maiores distancias, assentada em uma das mais altas collinas da cidade, sobre uma escada monumental de 42 degraus de granito e cuja frente, de uma architectura notável — não me recordo se foi precisamente esta — foi modelada por um aleijado, que a fez atando á mão um cinzel e deixou essa obra de arte immorredoura. Neila está o relógio mais antigo da cidade — data de 1762 — e desde então — ha 168 annos — palpita em sua torre, presidindo ás vicissitudes, ás dôres e ás alegrias por que passaram até hoje os habitantes dessa cidade e ao mesmo tempo, constitue uma advertencia aos que ignoram que a vontade e o espirito de cada um suppre, muitas vezes, qualquer defficiencia. Quantos existiram, passaram e vão passando que, tendo as duas mãos, não chegaram a immortalisar-se, nem fizeram nunca nada tão digno de admiração e de respeito, atravez do tempo e da distancia!

Mas continuemos.

Conta a lenda que essa igreja for custeada por esmolos, que se obtinham por diversas maneiras.



Assim, dizem que as irmãs do Rosario, uma das ordens religiosas allí estabelecidas e com ellas toda a população feminina dos valles subiam para as festas ao alto dos cerros, levando a cabelleira reluzente de pós de ouro e em uma pia de pedra, allí existente ainda, lavavam os cabellos com a agua benta da pia, deixando em compensação o pó de ouro que os cobria e que se depositava no fundo.

Referem também que o sacerdote fundador dessa igreja e da capella de "Nossa Senhora do Bom Sucesso" — que é a mais primorosa de Ouro Preto — era muito pedinte. Não fazia sermão que não acabasse pedindo esmola.

Ler-vos-ei, no idioma original, a lenda em verso que sobre este particular se lembra allí.

Diz assim:

" Pregava o Padre Faria
E logo ficou patente,
Que o sermão acabaria
Pedindo dinheiro á gente.

Eu fui commigo dizendo
— Não creio em taes artimanhas.
Fala p'rá ahí, reverendo,
Que nem um vintém me apanhas.

Meu bolso estava repleto
De cobre, de prata e ouro,
E era com bom affecto
Que eu guardava o meu thesouro.

A' medida que o sermão
Se ia desenvolvendo,
A minha resolução
Pouco a pouco ia cedendo.

Fiquei, por fim commovido
Com a pintura do pobre
E estava já resolvido
A dar-lhe todo o meu cobre.

Novo rasgo de eloquencia
Fulgiu do padre na bocca,
E envergonhou-me a consciencia
De affectar cousa tão pouca.

Essa eloquencia era fogo
De uma caridade exacta:
Resolvi-me desde logo
A dar-lhe também a prata.



Emfim na peroração
Mostrou tal primor e estudo,
Que dei-lhe de coração
Cobre, e prata, ouro e tudo".

Entremos na Escola de Minas.

A Escola de Minas é, no genero, a mais importante do Brasil, tendo-a dirigido até ha pouco o mallogrado sábio de fama mundial Costa Senna, com quem nos coube a honra de percorrel-a.

Foi fundada por Dom Pedro II, "o mais republicano de todos os imperadores" e sempre o primeiro em tudo o que tendesse ao progresso do Brasil.

Assim também o considerou a voz da historia, quando ha pouco, o governo do Brasil, ratificando o voto das camaras, decretou a repatriação dos seus restos, que hoje descansam como ellp o quiz, na terra querida.

Escutae-o:

TERRA DO BRASIL

Espavorida agita-se a criança,
De nocturnos phantasmas com receio,
Mas se abrigo lhe dá materno seio,
Fecha os doridos olhos e descança...

Perdida é para mim toda esperança
De volver ao Brasil; de lá me veio
Um pugillo de terra: e nesta creio,
Brando será meu somno sem tardança.

Qual o infante a dormir em peito amigo
Tristes sombras varrendo da memoria,
Oh! doce Patria, sonharei contigo!

E entre visões de paz, de luz, de gloria,
Serenos aguardarei no meu jazigo
A justiça de Deus na voz da Historia.

Os departamentos e salões deste estabelecimento são enormes e magestosos. Grandes janellas por onde a luz penetra em caudaes, têm grossos batentes de ferro. Os gabinetes de physica, chimica e electricidade são esplendidos, montados á altura dos melhores e a collecção de mineralogia é considerada a mais valiosa da America.

Possue também uma secção pratica de fundição, onde se nos deparou uma gratissima surpresa.

No forno fervente, ardia uma combinação de ferro e manganez. Os alumnos se preparavam para romper a parede de barro, de onde devia jorrar o rubro liquido para solidificar logo em barra, de accôrdo com o molde correspondente.



No momento de sahir este, illuminando os nossos semblantes com reflexos violáceos, o sábio Costa Senna, esse velho venerável, de longa barba branca, que nos acompanhava, gritou com voz de sinceridade e convicção: "Viva a confraternidade argentino-brasileira!" Embargados de emoção, vivamos o Brasil e continuamos a nossa marcha, deitando um olhar sobre essa barra que se solidificára emquanto um grito de concordia inundava o ambiente.

Vamos agora á Escola de Pharmacia, que, com a de Minas, são duas visitas obrigadas para todo aquelle que vá a Ouro Preto.

Antes, porém, visitamos a casa em que viveu Gonzaga, o mais eminente poeta dessa terra, o maior entre os grandes fundadores da sociedade literaria chamada "Arcadia do Rio das Mortes", por haver-se estabelecido em lugar visinho ao rio desse nome, substituido mais tarde por "Arcadia Mineira", passando á historia da literatura brasileira com o de Escola Mineira; escola fundada anteriormente á Academia dos Esquecidos, da qual o distincto diplomata dr. Rangel de Castro, que me honra com a sua presença, se referiu com acertados juizos em suas bellas conferencias em nossa velha Faculdade de Philosophia e Letras.

Saibamos, entretanto, que sob as ruas por onde transitamos, existem numerosos, obscuros subterrâneos, de construcção egualmente secular, passadiços mysteriosos que ainda se ignora para que foram construídos.

Respeito a estes, Augusto Velloso diz que "não somente pelas características das excavações do subsolo, mas também por outros pontos de vista e principalmente por seu aspecto physico, nenhuma outra do paiz, nem da America se assemelha a esta cidade, comparada a Jerusalém com mais propriedade que a Meca."

Contra um paredão da rua Tiradentes, observamos preciosos monumentos do passado, que demonstram como os antigos edis cuidavam das necessidades dos habitantes do município. São varias pontes artisticas, com arcos romanos, que corôam equal numero de fontes publicas destinadas então a dar de beber ao povo.

Mas, entremos na casa solarenga de Gonzaga, que se levanta no costado aprazível de uma de tantas collinas, que formam estas serras de conformação tão original. Penetramos em um amplo saguão, depois de transpor uma grande porta de madeira, de fôrma ovalada em sua parte superior e que, de ampla e alta, parece um pórtico.

Subimos por uma solida e elegante escada de pedra que se levanta ao lado de uma pequena porta secreta e chegamos ao logar onde se reuniam com frequência, em verdadeiro cenáculo literário, aquelles intellectuaes, que, conversando de letras e arte, discutiam assumptos relativos a outros paizes e, lamentando a triste depen-



dencia de sua terra, tramaram a revolução que a uns levou ao cadafalso, a outros ao desterro, a todos á morte...

Por essa casa passaram os paes espirituaes de Ouro Preto. E' um templo, onde ainda parecera escutar-se a vibração sonora e eloquente dos fundadores da Escola Mineira, em cujos cerebros cruzaram os primeiros relampagos precusores da independencia. Alli viveu o poeta de inspiração fácil, suave e delicada que ao immortalisar o nome de sua amada Marilia, deixou para a posteridade um d js mais bellos poemas da lingua.

Já no recinto, bem apoiados na varanda do seu balcão, assomamos a elie e nos assignalam, lá ao longe, ontra janella, essa janella onde Marilia costumava estar. Referem-nos, entrecortados de emoção, que elle contemplava, illuminado de paixão, a sua Marilia, sua bôa noiva, que de longe lhe devolvía em seus suspiros o coração.

Era tanta a emoção que embargava o meu espirito e tão fundos o prazer e o amor que sentia ao achar-me em meio dessas coisas, que eu proclamava que deviam cuidar-se como uma reliquia, decretando-se leis que castigassem quem derrubasse uma só pedra: perturbado, não pude resistir ao desejo de levar commigo algo dessa casa onde palpitou uma das mais fundas paixões e, tirando o canivete, trouxe um pedacinho de madeira da janella que tantos suspiros testemunhára.

De imaginação, sentindo em minh'alma a alma de Gonzaga e recordando que era o amor de sua noiva o que o confortava no cárcere, compuz esta carta de amor:

"Parece-me um século que não te vejo e só faz um instante que te vi. E' que o meu espirito te chama constantemente, quando, como agora, te evoca, quando sonha, quando a esperança da liberdade sorri ou a tristeza invade a alma e quer abatel-a com o seu peso terrível.

Mas tu, que és uma bençam para minha pena, reanima com a tua lembrança o meu "eu" e o sol brilha mais intensamente e um não sei que me acaricia a alma: tua alma, que me diz: tem paciência e triumpharás.

Eu sinto o mundo meu quando sei que me amas; quando penso que me queres, a dôr é um mytho e só me sinto poderoso para inspirar-te amor com esse único thesouro que possuo e é o que tenho e canta em meu intimo.

O meu espirito parece que se veste de festa, quando o meu coração sente que o teu palpita ao mesmo rythmo. Algo dessa inquietação em mim se observa, é a louca alegria de minha alma que se orna de gloria no interior de mim e quizera sahir fóra e mostrar-se toda inteira, vestida da côr dos teus olhos, que são da côr do meu sonho!



Quanta alegria ferve dentro de mim e se adormece em meus olhos á só recordação de tua imagem!... e quando no infortúnio desta espera (que não deixa de ser doce, porque "estás comigo") penso não futuro de liberdade, sinto-me com força, com entusiasmo, com amor sempre fresco para adorar-te por todo o reste da vida e outra si a tivera!

Rio-me de todo o ouro destas minas, porque me parece e me sinto mais rico que todos com essa caudal de vida amorosa que palpita invisível dentro de mim."

*
* *

F.m cambio, Alvarenga, outro dos grandes poetas da Escola Mineira, amigo, muito amigo de Gonzaga, companheiro de desterro, sentia "o mais duro", como dizia, a ausência de sua esposa e filhos. Sinão, escutae o que cantava na prisão:

Barbara bella
Do norte estrella,
Que o meu destino
Sabes guiar;
De ti ausente
Triste somente
As horas passo
A suspirar.

Por entre as penhas
De incultas brenhas
Cansa-me a vista
De tí buscar;
Porém não vejo
Mais que o desejo
Sem esperança
De te encontrar.

Eu bem queria
A noite e dia
Sempre corwtigo
poder passar;
Mas orgulhosa
Sorte invejosa
Desta fortuna
Me quer privar.

Tu entre os braços
Da filha amada
Podes gozar;
Priva-me a estrella
De tí e delia;
Busca dous modos
De me matar.



Não fôra a tyrannia do tempo, que me impõe manter-me dentro de um periodo limitado, visitaríamos juntos e com vagar, a Escola de Pharmacia, situada em um dos pontos mais pittorescos do morro da Praça; percorreríamos em peregrinação todas e cada uma das magnificas capellas e egrejas da cidade e ao determo-nos a examinar os seus distinctos estylos, seja toscano, gothico, baroco, romano, renascença ou jesuítico, analysariamos as obras de pintura, esculptura e trabalhos em madeira alli existentes e comprovaríamos como a arte no Brasil nasceu muito antes do anno 60, que é a data em que alguns críticos de arte a fazem apparecer.

Si não abusasse da vossa attenção, referir-vos-ia também a politica exterior que os ouropretanos intentaram no seu sonho de liberdade, solicitando o auxilio da França e dos Estados Unidos e então ielatar-vos-ia a interessante entrevista de José Joaquim da Maia com Jefferson, nas magestosas ruinas romanas de Nunes.

Não fôra esse desejo de não cansar a vossa attenção e relembraríamos juntos as numerosas e attrahentes lendas religiosas e históricas desta cidade, para estudar, finalmente, o desenvolvimento da legislação municipal, não esquecendo de fazer uma visita á recordação immortal do poeta Alvarenga, de repassar algumas composições musicaes typicas daquelle tempo e daquelle região, penetraríamos nos segredos da conspiração revolucionaria tão cheia de passagens emocionantes e emfim fariamos que alguns batentes dessas velhas janellas de persianas gastas nos contassem as doces serenatas que ouviu a velha bisavó que já não vive mais, que se foi para sempre, deixando vagamente, o encanto sagrado que têm essas coisas, que roubam a alma do que já passou.

Ouro Preto, cidade de ouro e de gloria, sois a capital histórica do Brasil. A sêde de ouro, a ancia de saciar a "auri sacra fames" foi em vossos filhos menos poderosa que a ancia da liberdade. O grito de independencia deram-no vossos filhos, comprehendendo que o ouro nada vale sem a liberdade. Por isso dalli sahiram os primeiros martyres.

Ouro Preto, sois o núcleo da arte brasileira, hoje fecunda e rica; a musica floresceu entre as vossas selvas, a pintura e a esculptura em gênios autochtones e a poesia, nos mais extraordinários vates.

Ouro Preto, sois o cerebro organisador da legislação municipal mais portentosa e os princípios de Washington, Franklin e dos juristas europeus, discutistes e conhecestes primeiro que ninguém.

Eu vos saúdo á distancia, na visinhança do Brasil grande e affirmo com intima e franca convicção que incompleto será o programma de festejos dessa gloriosa data si não figura nelle uma peregrinação até os vossos lares, aonde deve chegar-se com



a devota unção com que se chega ao santuario mais rico das tradições nacionaes.

* *

Permitti-me terminar esta invocação religiosa a essa bella cidade brasileira, lendo o soneto que o immortal Olavo Bilac lhe consagrou:

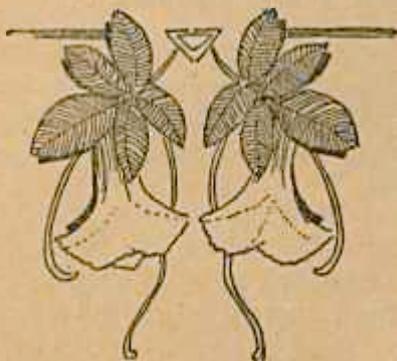
VILLA RICA

O ouro fulvo do ocaso as velhas casas cobre;
Sangram, em laivos de ouro, as minas, que a ambição
Na torturada entranha abriu da terra nobre:
E cada cicatriz brilha como um brazão.

O angelus plange ao longe em doloroso dobre.
O ultimo ouro do sol morre na cerração
E, austero, amortalhando a urbe gloriosa e pobre,
O crepusculo cãe como uma extrema-unção.

Agora, para além do cerro, o ceu parece
Feito de um ouro ancião que o tempo ennegreceu...
A neblina, roçando o chão, cioia, em prece,

Como uma procissão espectral que se move...
Dobra o sino... Soluçã um verso de Dirceu...
Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove.





SONETOS

ARISTÊO SEIXAS

ELEITO

*QARIMPEIRO da luz, ourives do perfume,
Busca a rima feliz e o vocabido têrso:
E acha, do valle quieto á vertigem do cume,
O rigor da expressão e a harmonia do verso.*

*E quer mais cor, e quer mais som, e quer mais lume;
E, no afan de o querer, junta o que está disperso
Em torno de si mesmo... E pensa que resume
Nas syllabas que urdiu as forças do Universo.*

*Obreiro, tudo faz para que se não torça
O edificio traçado: e põe-lhe, desde a base,
A idéa, a fôrma, a graça, o sentimento, a força.*

*Martyr da perfeição e do sonho, collima
No respeito do idioma — o resplendor da phrase,
Na tortura do verso — a surpresa da rima.*



O HOMEM

*O HOMEM — tal como a flor de uma plúmula nasce —
Surge de um terno olhar, surge de um beijo ardente.
Mas é como um tufão que se desencadeasse
Pelos valles sem fim, precipitadamente.*

*A' bocca do traidor o Homem entrega a face,
E aos beijos de Locusta agasalha inconsciente.
E assim vive sem ter, nessa illusão fugace,
A sorte de florir e a gloria de ser crente.*

*E o furacão reboa, e a nau se desconjunta
Da existencia... Comtudo, elle ancioso percorre
Seu caminho, buscando a terra prometida. . .*

*E, homem, vê; e, homem, pensa; e, homem, sente; e pergunta,
E anhela, e adora, e odeia, e lucta, e cança, e morre,
Arrenegando a morte e aborrecendo a vida...*

O DESERTO

*NEM um canto siquer, nem uma voz, nem uma
Fonte a dar agua, haste a dar flôr, planta a dar sombra.
Sem começo, e sem termo, e sem vida, e sem bruma,
— A planície, que abraza; e o deserto, que assombra.*

*E por sobre o areal peregrinos em ruma
I-á se vão, lá se vão... E o solo não se ensombra,
F. a angustia não se acaba, e o bem não se consumma
Onde sobra a aridez e não existe a alfombra.*

*Apostolos do bem e da verdade: vêde
Como é cheia de dor esta conquista humana
De um punhado de pó e do esplendor de um mythof*

*Vencendo a areia, arfando ao sol, curtindo a sede,
Dos camelos no dorso, investe a caravana,
Com infinita tristeza, o deserto infinito...*



T E R R A

*E MODESTA, e é soberba; é trevosa, e é esplendente;
 Nos sorrisos excelle, e nos sarcasmos basta;
 E' a patria do infeliz, e o algoz do prepotente;
 E' só crosta, e é profunda; é pequenina e ê vasta.*

*E' meiga, quando quer; quando quer, é inclemente;
 Aqui, suspende e beija; ali, derruba e arrasta;
 Ora a seára pompeia, ora mata a semente;
 Tem direitos de noiva e fóros de madrastra..*

*Nada está sob o sol que ella, em fim, não acoite,
 Na corolla da flôr ou na caverna escura,
 Com carinhos de mãe ou rancor de homicida.*

*Tem o principio e o fim; a aurora, a tarde, a noite;
 Todo o bem, todo o mal; a razão e a loucura;
 As angustias da morte e as delicias da vida...*

M A R A L T O

*LEVANTA ferro, e rompe a marcha, e deixa a costa...
 E' tardo o movimento, é solenne a partida.
 A agua serena, o céu azul, calor que tosta.
 Pôde a morte bem ser, pôde bem ser a vida...*

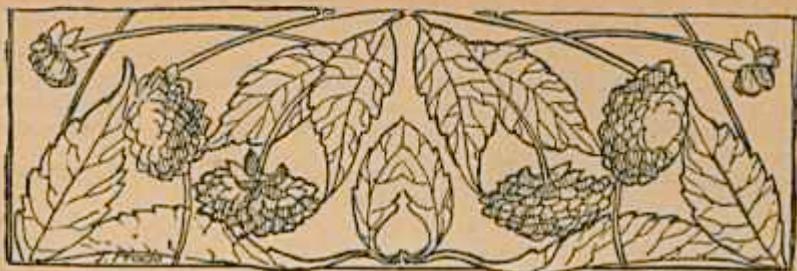
*Lá vai... Vence a distancia, os perigos arrosta.
 Já quasi se não vê; no horizonte é perdida...
 Mar alto. O salso reino em fúria. A lucta imposta:
 O humano anceio, a angustia humana, a humana lida..*

*Corre o tempo: a ardentia, a vaga que murmura,
 A aurora fresca, o dia claro, a noite escura,
 Um coração a arder, um cerebro a pensar,*

*Um suspiro, um sussurro, uma queixa, um lamento,
 O Homem, a sua náu, o sol, a chuva, o vento,
 O infinito do céu e o infinito do mar...*

(Do livro a sahir "Pôr de sol")





RASTRO DE SANGUE

MARIO SETTE

Esta novella, do escriptor pernambucano Mario Sette, autor do romance "Senhora de Engenho", fará parte, com mais três do mesmo genero, dum livro a sahir por todo o anno corrente. "Rastro de Sangue acaba de ser vertida para o castelhano, por Benjamin de Garay, e apparecerá brevemente em Buenos Aires, na "Novella Semanal".

I

REM cedo, de ponta a ponta da cidade, a noticia voou: o filho do finado coronel Tancredo Ribeiro havia sido assassinado.

Nas ruas, nas lojas recém-abertas, nas estradas, grupos formavam-se, mal sabidos ainda de pormenores, entreolhando-se, na ansia curiosa dos detalhes. A principio tinha-se duvida sobre qual dos dois rapazes fôra: si o Quincas, si o "doutor", — o Gervásio, bacharel. E quando se aclarava ser o Gervásio o morto, um arrepio de susto casava-se ao esboço de suspeita súbito nascido no espirito. Em summa, o que se apercebera, até agora, era que o Diogo, cargueiro, passando, madrugadoramente, pela ladeira do Cruzeiro, caminho da feira, "topára um christão a fio comprido no chão". Desmontára e reconhecêra a victima, galopando para a povoação, trazendo a perturbadora nova.

Cada cabeça tirava conclusão da maneira por que se dera o assassinio, mas todos, sem enuncial-a, laboravam na mesma desconfiança quanto ao movei do crime: — é que, fallecido ha pouco o coronel Tancredo Ribeiro e, perigando o prestigio politico da familia, no municipio, nas próximas eleições para prefeito, por se haver apresentado candidato, com apoio de uma facção, o joven medico da localidade dr. Heleno Muniz, aliás muito bemquisto, julgára de acerto Gervásio Ribeiro apresentar-se também, como substituto do pae, fazendo valer amizades e poderio de dinheiro. A sua causa mostrava-se garantida, apesar das sympathias creadas pelo medico, e, por isso, espalhada a noticia do seu assassinato, gerára-se a suspeita de que algo politico houvesse nesse gesto homicida...

Quando o sol se fez alto, ninguém mais ignorava o sucedido: todo mundo estava apprehensivo, contendo expansões, nada avançando a respeito do facto, sabidos os sentimentos violentos da familia do coronel Ribeiro.

— Isto não fica assim, não — segredavam, entre si, os mais Íntimos.

— No cemiterio, têm que se abrir outras covas...

— E 'logo o Quincas, foi o que ficou vivol Um doido...

— Um homem que mandou pegar fogo em dez casinhas de pobres, só porque se atrazaram nos alugueis...

— Vamos ter dança... Triste de quem tiver matado o "doutor"...

A atmospheria apresentava-se abafada, espessa. Da feira, diante dos murmurejos, matutos volviã aos lares; outros, vendiam os artigos sem grandes ajustes nem regateios, ávidos de se verem livres da cidade. As estradas enchiam-se de cavallos, de peões, rumo do centro, á hora em que, de costume, mercadores vinham chegando. Muitos voltavam do caminho, apavorados.

Na estação telegraphica, o major Clemente, subprefeito em exercicio, transmittia noticias dos acontecimentos ao Recife, pedindo ordens e encarecendo a remessa de um reforço militar, por ser o destacamento apenas de cinco praças.

A' hora do meio-dia, dentro duma rede, o corpo do doutor Gervásio Ribeiro foi levado para o sitio Campos Altos, de propriedade da familia e, ponco a pouco, querendo ao mesmo tempo mostrar-se pezaroso e garantir-se, o commercio cerrou as portas e a feira se dispersou antes do entardecer.

No hotel, á hora do jantar, em mesa retirada, um grupo, menos timorato, trocava opiniões: eram o Alfredo Cunha, moço em villegiatura na cidade, atacado do pulmão; o Benjamin da Cruz, caixeiro-viajante de casa de Recife, e o Horácio Gallinho, fiscal do imposto do consumo. Comiam, bebendo cerveja, intervallando o repasto com os commentarios ao facto do dia:

— ... Esse moço expoz-se muito. Não se concebe que, numa época agitada de politica, andasse pelas estradas sósinho, alta noite — ponderou o "cometa".

— Talvez aventuras de rapaz...

— Fosse o que fosse. Ao menos, andasse armado!

— Dizem que lhe encontraram um revólver, mas não teve tempo de fazer uso. A morte foi de emboscada, ins.tantanea... — aclarou o fiscal.

— Você viu o cadaver?

— Não. Tenho os nervos fracos para essas scenas, mas o Moura, pharmaceutico, lá esteve e verificou que o tiro pegou na região mamária esquerda, atravessando, por certo, o coração.

Silenciaram, emocionados pela evocação do crime. Depois, Alfredo Cunha, batendo com o garfo na borda do prato, sublinhou:

— Estúpido ver um homem robusto, bonito até, acabar assim! E dizer-se que ainda hontem estivemos juntos na agencia do correio! Nem ao menos teve o gos.to de se defender, de lutar, de ver quem o matava...

— Nessa não cahia o assassino... O Gervásio, embora aparentemente menos inflammavel que o Quincas, era rapaz de coragem e de força. Frente a frente, seria difficil matal-o. Quem lhe fizesse alguma, marcasse o seu acto... Também, tendo-se elle por amigo!

E o fiscal do imposto de consumo, affeito á terra, onde servia ha bem uns quinze annos, gabava as acções do morto, recordando episodios da sua generosidade. Benjamin, approximando a cadeira da de Horácio, olhando-o nos olhos, inquiriu, baixinho:



— Mas você acha mesmo que fosse o dr. Heleno?

O fiscal, num ar de duvida fingida, - que dava mais realce á suspeita do adversario, espiou em redor e opinou:

— Garantir não garanto. Só Deus. Mas, no pé em que estão as coisas, a quem aproveita a morte do Gervásio? A mim, decerto, não será... Pelo menos, é desairosa para um competidor na eleição...

— Talvez alguma vingança pessoal... — arriscou o "cometa".

— Qual! Ainda si fosse com o Quincas, que tem vários inimigos, mas 'Gervásio!... Aquilio cheira a politica, menino! Você não sabe que as eleições estavam ganhas por elle?...

— F agora?

— Agora?! Com o pleito á porta, o dr. Heleno fioa sósinho no campo e vence... O major Terencio é um molle para dirigir reacções. Não aguenta um rojão, nem tem tino para apresentar outro candidato. Nem tem tempo. O méco teve sorte... Só si...

A reticencia aguçou a curiosidade dos ouvintes, aflorando interrogações em ambas as boccas, mas, neste momento, entrava na sala do hotel o alferes Pinto Xavier, commandante do destacamento militar e delegado de policia, que vinha almoçar, áquella hora, fatigado pela trabalhadeira, desde o amanhecer. Garboso, polido, sympathico, tez bronzeada de sol, olhos farejadores, sempre mettido na farda branca, •escorreita, de vivos azues, elle, depondo o kepi no cabide, saudou os presentes, sentando-se, dispoz o guardanapo na abertura do dólman.

Ficando proximo á mesa dos tres commentadores, o /fiscal, fazendo-se familiar, indagou:

— Então, tenente, algum rastro?

— Por ora, nada. Mas chegaremos a um termo' satisfactorio: as estradas estão tomadas, gente no encalço...

— Vem tropa da capital? Ouvi falar.

— Não sabemos, ao certo, da vinda. Apenas que lá existe um batalhão impedido, prompto para a primeira ordem e trem preparado na estação.-

— Então, ha receios de represalias?...

O alferes, mostrando-se reservado, sentindo os olhares das outras mesas confluindos para a sua attitude. Rez-se de incrédulo:

— Qual! Nada haverá. Represalias porque? Contra quem? Que se sabe do assassino? Nem pensem nisso. Si risco de alteração da ordem Passasse pela nossa idéa, teríamos já, aqui, força bastante.

— E de politica, tenente, que nos diz? Vamos ter o dr. Heleno como prefeito!...

— Por certo, meu amigo. Está sósinho na liça. E conta a seu favor ^{gr}ssa corrente. Homem caridoso, amigo dos humildes, intelligencia clarividente, dettina-se a um bello governo.

Horácio Gallinho que, na véspera, ouvira opinião diversa da bocca do tenente, teve um sorriso mordaz, abstando-se, comtudo, de replicar, dada a situação insegura da cidade. Tinha suas tendencias affectivas P^la gente do coronel Ribeiro, motivos mesmo de gratidão, embora nao se arriscasse, por amor desses sentimentos, a desafiar os novos poderes que o poderiam remover para o alto sertão. Calou-se. Também o official findava a refeição, retomava o boné e sahia apressado. rumando charutos, os tres camaradas ganharam, igualmente, a rua. tudo deserto, commercio fechado, feira acabada, a matriz dobrando, dobrando...

— Safa! Que isto está fúnebre a valer! Si houvesse trem, punha-me ^onge. — confessou o caixeiro-viajante.

— E os negocios?



— Que negocio! Nestes tres mezes, aqui, não se faz nada. Amanhã desço para o Recife, com o mostruário.

— De verdade, nunca senti tanta tristeza. Até parece o Recife no tempo da influenza hespanhola! — commentou o Alfredo Cunha, pigarreando para enganar a tosse.

E, depois, em surdina:

— Mas, vocês acham que vae haver alguma cousa? Estou receioso. Talvez volte amanhã com o Benjamin...

— Homem! Quem tiver juizo, raspe-se. No Interior, essas mortes vingam-se cruelmente. Demais, um rapaz como o dr. Gervásio, filho de gente poderosa, dona de terras, com cangaceiros às ordens! Auguro mal ao novo governo... Esse medico vae se ver em apuros...

— Dizem que é disposto.

— Tanto peor para elle. Antes, desistisse de politica e fosse gosar a vida noutro canto.

E o fiscal, com seu partidarismo, ajuntou:

— Pois sim! E' um ambicioso. Tem fome de posição. Para que se metteu em acceitar essa candidatura, offerecida por meia dúzia de opposicionistas?

— Perdão, meu caro, meia dúzia, não! Desde que cheguei aqui, ouço rosnarem contra o atrazo do município, o pouco caso dos governos, contra o proprio coronel Ribeiro que, dado por bom homem, era um typo de "coronel" sem instrucção, sem fito social, sem a menor noção administrativa, deixando esta bella terra ir para a frente por si só, repudiando qualquer idéa de progresso, cuidando apenas de apoiar governadores... — argumentou Alfredo.

— E esse doutor Heleno, que garantias nos dá?

— Ignoro si dará ou não boa direcção, mas sei ser elle um moço de talento, de conhecimentos geraes, com um programma adiantado de governo. Ouvi-o no comicio do largo da Matriz. Depois, você não nega o desejo geral do povo por uma mudança. Nem as sympathias geraes pelo medico. O proprio Gervásio o tivera como camarada até bem pouco tempo...

— E eu não sei de tudo! Até o rompimento politico...

— Rompimento politico, diz mal. O dr. Heleno era medico da familia do coronel Ribeiro, tratára a filha delle duma febre má e salvara-a. Ficou sendo um Deus... Veio, porém, a peste das bexigas, o anno passado. O dr. Heleno quiz intensificar a vaccinação; matutos dos arredores, ignorantes, receberam mal a medida preservadora, queixaram-se ao coronel, ainda vivo nesse tempo, e este, para não melindrar eleitores, oppoz-se. O medico, desautorado, protestou, largou o lugar de inspector escolar municipal. Foi quando, aproveitando o incidente, morto subitamente o coronel, a facção opposicionista offereceu o seu apoio ao dr. Heleno e elle, visando salvar esta terra das trévas, da peste, do atrazo, acceitou... Ahí está o que tenho ouvido de todos os insuspeitos...

Benjamin, que escutára a Alfredo Cunha, em silencio, ponderou:

— Si assim fôr, a causa do dr. Heleno é sympathica. Isso de se morrer de varlolas, por amor á boa cara dum coronel, não me agrada...

— Causa sympathica si não estivesse agora suja de sangue — replicou, meio azedo, o fiscal de consumo.

— Sangue que não sei bem a quem poderá salpicar... — ironizou o rapaz.

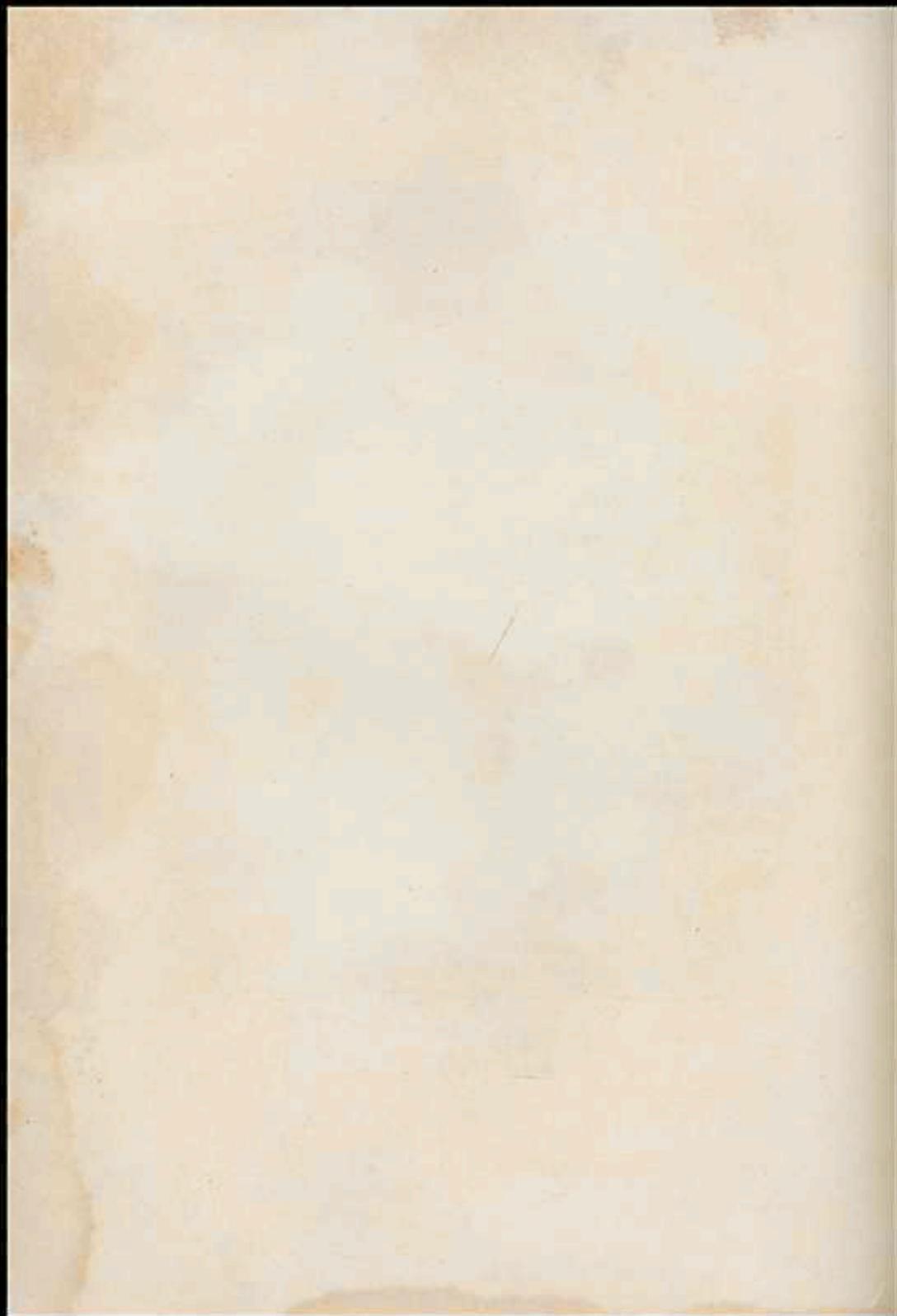
— Porque fala assim? Talvez sejamos nós os assassinos do nosso proprio candidato?... Teria graça...

Alfredo Cunha, sungando os hombros, exclamou:





MARIO SETTE, autor de "Senhora de Engenho" e de "Quem vê cura..."



— Não digo o senhor, que não tem caracter para esse gesto, mas os outros III Em politica, meu amigo, só ha uma maxima: "Tudo é possível".

Horácio, querendo quebrar o tom da palestra, gracejou, batendo no hombro do camarada:

— Você está hoje muito pessimista...

O caixeiro-viajante riu-se, também, desejoso de mudar de rumo á converta e já arrependido de se haver expandido sobre a causa do medico. Acostumado a viajar nos sertões, sabia como corriam as cousas por essas alturas: de uma vez, fugira ás carreiras de um povoado atacado por Silvino, onde, aliás, soubera posteriormente, ninguém fôra incommodado, além dum ricaço da terra. Doutra feita, em S. Francisco, por politica, assistiu á destruição de todo o logarejo. Prudente era calar...

Anoitecera. Davam uma volta pela estação, silenciosa, deserta, mal aclarada por lampada de kerozene. Tinham curiosidade de saber si viria tropa do Recife. O telegraphista, attento, trabalhava, batucando na tecla do aparelho.

— Boa noite, Raul — saudou o fiscal.

— Boa noite, senhores.

— Então, que novidades temos?

— Que eu saiba, nenhuma.

— F' verdade que vem um batalhão do Recife?

— Até agora, não. Na linha, só ha um trem de carga que desce...

E o rapaz apurou-se, de novo, a transmittir, trancado no seu mutismo profissional.

— Reentraram na cidade, escura, soturna, abandonada. Nem o bilhar do Genesio estava aberto! Enfadados, cheios de tédio, rumaram para o hotel. Ao chegarem, o Felismino, dono do estabelecimento, tinha dois boatos: que o enterro do Gervásio seria no outro dia, ás 9 horas é que havia sido preso um typo suspeito na estrada.

Desses, porém, só o primeiro, verdadeiro, consoante souberam iogo depois. Foram deitar cedo.

De madrugada, toque de corneta nas ruas. O trem silvára fôrte na estação e, desembarcada, desfilou, de armas aos hombros, uma companhia de soldados, ás ordens dum official, para reforçar o destacamento... Na brancura indecisa do alvorecer, as laminas das baionetas icintillavam como raios de prata...

II

No sitio do finado coronel Tancredo Ribeiro, a noticia do assassinato de Gervásio, chegára, cautelosamente, na bocca do compadre Zé Queiroz, padrinho da victima e agricultor das redondezas.

Entrando pela porteira, varando as plantações de algodão, o compungido mensageiro foi encontrar Joaquim, o outro filho do coronel, as voltas com os vaqueiros a ordenharem as vaccas, nos curraes. Das uberes túmidas, o leite grosso, espumante, escorria em grandes caças que, por sua vez, eram vasadas em latas de flandres, esguias, reluzentes. De quando em quando, soltavam um bezerro que vinha, alegre, ávido, procurar o resto da seiva, ficado nas mammas maternas, focinhando, arremetendo, sugando...

Enquadrando-se na porta do curral, chicote na mão, Zé Queiroz disfarçou a tristeza das feições, saudando Joaquim:



- Nosso Senhor dê bons dias a todos.
— Por aqui, a esta horal Está de viagem? — admirou-se o rapaz.
— Não; trago uma noticia para você, que não é boa, infelizmente.
— Que foi?

Zé Queiroz pegara o braço do Quincas, trouxe-o para fóra e, peza-rosamente, confidenciou:

—• Mataram o Gervásio, meu filho.

— Gervásio? Onde?

— Na estrada, perto do Cruzeiro, esta noite. Um cargueiro encontrou elle já duro e frio...

Joaquim quedou estupefacto, calado. De súbito, fuzilando o olhar, exclamou:

— Foi elle!

Aquelle vocábulo soltado assim indeterminadamente, traduziu-o, sem custo, o cerebro do "compadre". Também cuidara nisto... Souberam d« passagem de Gervásio na estrada, esperaram de emboscada, um tiro, a morte, a victoria... Mais fácil que eleições...

O corpo de Quincas Ribeiro tremia de raiva, os dentes rilhavam, as faces pareciam verter sangue.

— Ah! Pagarão caro! Pagarão carol Tiro o coração pelas costas...

E, arrebatado, jurava vingança, em frente do sol radioso, a subir no nascente, flexas de ouro riscando o ladrilho do copiar da "casa grande", onde os dois homens haviam entrado á procura do resto da familia, para a amargosa missão de annunciar a morte de Gervásio.

Mais tarde, na apunhalante amarugem do lar, trouxeram, na rêde, o cor; o do infornado moço. A casa encherá-se de amigos, de trabalhadores, de gente das visinhanças. O commentario era unanime em associar o assassinio á questão politica. Sem se querer mais aquilatar o character do medico, obnubiladas as suas acções generosas, olvidada no proprio tecto a dedicação com que tratára, arrancando ao tumulto, a filha do coronel, Gertrudes, todos se solidarizavam em propositos de revide.

— Não ha de tomar conta do logar! — exclamava Joaquim, em grupo de amigos dedicados.

E elles promettiam-se para o dia da desforra.

A principio, na crepitação da dôr e do odio, Joaquim quizera ir á cidade apunhalar o dr. Heleno, fosse onde fosse, mas camaradas, geitosamente, aconselharam-no, inculcando-lhe prudência, reserva até que chegasse a hora propicia. Agora, seria loucura: providencias estavam tomadas, viria tropa da cidade—

— Nada de precipitação — ponderava o Zé Queiroz — Nem mesmo mostrar cara feia a ninguém. Finjamos resignação... Depois...

Em o transe do luto, com a alma lanceada pela perda do irmão, o mais querido, pela doçura das suas maneiras, Gertrudes não queria crêr no que todos acreditavam: na responsabilidade do dr. Heleno no assassinato de Gervásio. Lembrava-se delle, durante a sua grave doença, dos seus modos delicados, da dedicação, das noites passadas em claro, do desapontamento nas peioras, da contenteza nas melho- ras, conforme os de casa lhe contaram. E quando ficou convalescente, muito magra, muito sumida, os cabellos cortados, elle vinha ainda vel-a todos os dias, tratando-a como a uma creança, mandando-lhe, em nome da mãe, presentes de uvas, maçãs, vindas do Recife. Quando sahira, pela primeira vez, ouvira missa na matriz e fóra visitar o medico, — ella mais o pae —, agradecendo-lhe o devotamento, a proficiência. Depois, soubera que nem conta elle tirára, negando-se a receber qualquer paga. Ficára-lhe querendo bem, um bem exquisito,

pertinaz, traduzido como reconhecimento. Quando viera a conhecer que esse sentimento era amor, dera-se o rompimento e o dr. Heleno ficou malvisto em casa, por causa dos negocios das vaccinãs. Morto o pae, apresentado o nome do rapaz para prefeito, os irmãos passaram a odial-o... E ella a querel-o cada vez mais. Agora, davam-no como assassino do seu irmão! Não era possível... Não acreditaria nunca! Chorava dupla e dilaceradamente- Nem siquer tinha uma pessoa com quem podesse desabafar, que a confortasse, dizendo não acreditar, também, naquella infamla...

A' hora do sahimento do corpo do irmão, quando o foi beijar na testa pela vez derradeira, muito amarello, palpebras d'ascidas, mãos cruzadas no peito, em soluços, ella entreviu na sala, ent e os homens de preto, a figura airosa, apumada, esbelta no fraque preto, do dr. Heleno. Elie viera, pensou, porque estava innocente. Na sua alma bondosa de mulher, afigurava-se impossível alguém presente ao enterro da pessoa a quem mandára matar.

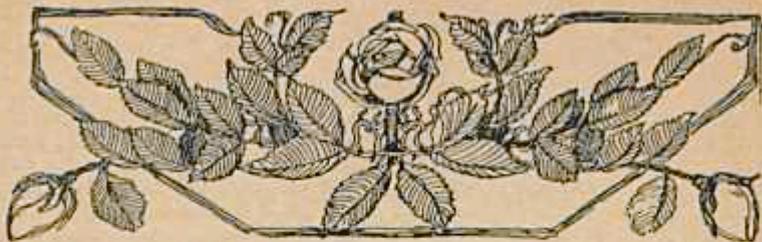
E, de facto, o medico, comparecendo ao enterro, quizera não somente dar um cunho alevantado ao seu gesto, mas também mostrar-se desassombrado aos boatos que corriam. Incapaz de tibieza, inaffeito a rancores, educado em extremo, comparecera, mão grado os precavidos conselhos de amigos.

— Deante da morte, não ha adversarios — respondeu com a sua philosophia christã.

Embora sentindo os olhares perturbados de todos, eivados de suspeita, de odio, acompanhou o corpo até a cova, assistiu ao enterramento, á queda da ultima pá de terra. Quando de regresso, pela estrada do cemiterio, bordada de arvores, com clareiras espiando para o valle enverdurado, elle já se sentia enrodilhado, num bafejo de triumpho, pelo sub-prefeito, pelo juiz, pelo promotor, pelo delegado, gente de realce no municipo, na vespera mostrada arredia e desdenhosa...

(Conclue no proximo numero).





O MEDICO E A SUA PHYSIONOMIA

RENATO KEHL

PARA se ter successo na vida é necessário, além dos bafejos da sorte, certa dose de intelligencia, alguma tenacidade e audacia, bem como perspicacia para conhecer os homens afim de melhor saber tratá-los. Isto pela regra geral, porque, por excepção, se vê muita gente, sem aquelles predicados, apenas com a estrella da fortuna, alcançar os melhores bens da terra. O mais frequente, porém, é o primeiro caso. Dahi se poder concluir ser necessário adquirir ou ampliar aquellas qualidades e, principalmente, a que diz respeito ao conhecimento dos nossos coevos, penetrando-lhes no intimo, desvendando-lhes os truques e outros planos useiros de combate, annullando-os, afim de não ser vencido no torneio quotidiano de competições pela apertada vereda da vida, saturada de egoismos, dominada pela ambição e corrompida pela inveja.

Raros os que não possuem certa argúcia psychologica, algum tino anthroposcopico, indispensável para proceder ao exame psychosomatico dos nossos semelhantes e avaliar assim os sentimentos de bondade ou maldade, de altruismo ou egoismo, peculiares a todos os indivíduos e que se denunciam, quasi sempre, indiscretamente, atravez de actos, gestos e palavras.

Os francezes têm um velho dictado, muito conhecido, "mon-tre-moi ton visage et je saurai ton ame" e os gregos repetiam frequentemente a phrase favorita de Sócrates, "nosce te ipsum" (conhece-te a ti mesmo) a qual deveria ser ampliada para melhor se adaptar a época actual — "conhece-te a ti mesmo e também aos outros".

Commumente faz-se, á primeira vista, juizo antecipado de outra pessoa: sympathisa-se ou antipathisa-se com ella, sem se aperceber, muitas vezes, a causa inspiradora desses sentimentos. Dentre as particularidades individuaes de maior importância para essa prefiguração prima a physionomia. Waynbaum, no interessante livro intitulado "A physionomia humana", resalta o seu valor, procurando demonstrar o papel social que ella representa, denominando-a "orgão do ser e do parecer".

Os conhecimentos anthroposcopicos são mais ou menos peculiares a toda gente; não basta, porém, possuil-os á moda de instinetos, ou vaga e superficialmente; cumpre amplial-os, exercital-os, educando-os com perseverança, analytica e deductivamente. Não é arte difficil esta de desenvolver o poder anthroposcopico, quando se é dotado de certa argúcia, observação e paciência, bem como de raciocínio deductivo para interpretar os movimentos exteriorizados pelos indivíduos, nas diversas expansões a que os mesmos são forçados, a todo instante, no convívio social.

A physionomia é o espelho da alma; ella reflecte, mais ou menos claramente, os pensamentos Íntimos; é bem o "symbolo, a synthese, a fórmula chimica do homem"; traduz o estado physico, psychico e até morbido dos indivíduos. Como que ella exprime pela mimica, pelo brilho dos olhos, pelas linhas da face, pelos movimentos e contracções musculares as manifestações complexas do psychismo.

Só com muito apuro na arte de enganar se evita denunciar physionomicamente os sentimentos interiores. Certos indivíduos têm necessidade de cultival-a como, por exemplo, os médicos. O medico que imprimir physionomicamente uma expressão legitima ao seu pensamento ou, ao contrario, escondel-a, quando necessário, possui um elemento valioso de prestigio profissional. Utilizando-se dessa faculdade impõe confiança, obediencia, beneficiando enormemente os seus doentes.

A força moral de certos médicos prende-se, indiscutivelmente, á sua mimica physionomica, á possibilidade que possuem de commandar os reflexos do "espelho da alma", imprimindo-lhes particulares efeitos, de extraordinários resultados, mesmo therapeuticos.

Médicos inteligentes, conhecedores profundos do nobre officio de curar e reputados como tal, não conseguem, ainda assim, em certos casos, formar clientela, apezar de muito esforço, devotamento e sympathia, que os impõem á estima geral. A muitos destes parece que a falta de successo profissional está ligada exclusivamente á má sorte, de nada valendo cultura, te-

nacidade, esforço, quando se¹ não é iluminado por uma bôa estrella; entretanto, esse insucesso prende-se, na maioria das vezes, á falta de perspicacia psychologica, á falta de¹ treino na arte de governar a physionomia, indispensável para captivar os clientes, despertando-lhes inteira confiança. O medico precisa, pois, saber pôr-se em contacto com os pacientes, submettendo-os á autoridade e captando-lhes a estima. A physionomia com que elle se apresenta, ao primeiro encontro, é tudo. O effeito despertado pela sua apresentação pessoal, pelos gestos, modo de falar claro e positivo, sem vacillação, tem enorme importancia. representando como que as primeiras doses medicamentosas administradas.

Certo autor diz que a aureola do medico é formada pela sua physionomia, pela atmospheria calma, de serena confiança, de coragem e de esperança com que se apresenta ao doente, provocando nelle uma acção muito salutar e francamente benefica.

Ninguém ignora a respeitabilidade imposta pelo traje simples e severo, pelas maneiras delicadas, pelo modo calmo e conciso de falar do medico. Muitos deixam como adjuvante crescer a barba, usam oculos, afim de apparentar mais idade e circumspecção, obtendo por esses meios, não raro, os melhores effectos. Conhecemos alguns, que, se depilassem o mento, raspassem os bigodes, trocassem os fatos severos por outros talhados á moda, perderiam, com certeza, bôa porcentagem da clientela ou, pelo menos, não formariam outra em localidade onde tivessem de criar de novo a fama. Lobato com espirito e justeza diz, nos Urupês: "doentes ha que entre um doutor barbudo, e um glabro, ambos desconhecidos, pegam sem tir-te no pelludo, convictos de que pegam no melhor".

O medico, ao iniciar a carreira profissional deve exercitar-se na arte physionomica, exercitar-se nos actos inhibitorios, afim de governar com efficacia a emotividade e reflexibilidade, pela qual denuncia pensamentos, incertezas, temores e soffrimentos. Nunca deve soffrer á vista do cliente. Sua expressão physionomica deverá manifestar-se sempre confiante no futuro dos doentes; mover-se ao seu lado com naturalidade, sem precipitação ou desasocego; examinal-os com calma, sem enunciar juizos "a priori", antes de perfeitamente firmados e com elementos para justifiical-os sem hesitação.

Todos os médicos sabem que os doentes e as pessoas da familia procuram lêr na physionomia do clinico o seu pensamento, desvendar por esse meio o prognostico formulado no espirito do profissional. E' de toda 'a conveniência não deixal-o transparecer, quando isso fôr necessário. O paciente, que se apresenta, em muitos casos, com a energia moral abatida, em



peores condições ficará se vier a perceber a sua triste situação. Si, ao contrario, o medico se mostrar confiante, inculirá novo alento ao enfermo, creando-lhe novos estímulos de efeitos magníficos.

Sabe-se o papel preponderante da suggestão no tratamento de muitas enfermidades e da funcção soberana exercida pela physionomia do medico para exercel-a proficuamente. Nisso consiste o segredo de muitos esculápios, cuja simples presença basta para melhorar ou curar indivíduos, cuja doença residia na auto-suggestionabilidade mórbida.

Si o clinico não souber apresentar-se á cabeceira dos padecentes, crear uma atmospherá de esperança, substituir o desalento pela coragem, as idéas tristes pelas alegres, si não tiver perspicacia psychologica para, advinhando o temperamento dos mesmos, agir com energia ou brandura, esse clinico nunca poderá ambicionar numerosa clientela nessa espinhosa profissão de curar e aliviar soffrimentos humanos.

Como remate diremos que, pela regra, nós médicos somos reputados pelo conceito infundido no meio em que vivemos, pelo nosso modo de agir, pela fama, e muito especialmente pela nossa representação individual; as expressões physionomicas são os Índices por meio dos quaes os doentes, á primeira vista, aquilatam dos nossos méritos e avaliam fraquezas e incertezas ou incompetência. Cumpre, pois, aos médicos, entre outros predicados, desenvolver os psychologicos e antroposcopicos, que são, não ha duvida, alavancas preciosas e garantidoras do prestigio individual e profissional.





RONALD DE CARVALHO

JOÃO PINTO DA SILVA

I

POEMAS E SONETOS

DEPOIS do imenso Baudelaire e do doloroso, profundo, suave Paul Verlaine, é por certo Albert Samain o poeta francez de mais envolvente, irradiante prestígio, de maior poder de seducção, entre os "novos" de todos os paizes literariamente tributários de Paris.

A sua arte, toda nervos e alma, feita de delicadezas imponderáveis de technica e de pensamento, emocionada e musical, evoca geralmente penumbras de aposentos estylo *démodé*, asphyxiantes de silencio, com reposteiros largos de velludo; ou, então, velhos parques, maravilhosos, dentro da noite, mal-assombrados e melancolicos. Por esses aposentos, reflectidas, como duendes, nos espelhos, ou por esses parques, somnambulas, entre flores e planta* de estufa, passam extranhas creaturas que se não são bem deste mundo, todavia se communicam, ás vezes com as nossas mais recônditas angustias e os nossos sonhos mais secretos.

Suavíssimo, embalador, confidencial, o verso de Samain, por isso mesmo, é verso para determinados estados de espirito e para ambientes speciaes.

Não supportará, positivamente, aquella *prova do pleno ar*, a que o titânico Walt Whitman, com um rigoroso critério "yankee", costumava submitter a obra dos grandes escriptores, lendo-a em qualquer recanto, á beira do Oceano, por exemplo, ou numa floresta, num recinto qualquer estuante de vida verdadeira.

Não ha nisso demonstração alguma de inferioridade, é claro, mas de grande subtileza emotiva. Por singulares e profundas, as sensações que os seus poemas interpretam, em geral, só mediante uma certa e procurada concentração de alma pôdem ser, nitidamente, percebidas.

O volume, o esplendido volume que Ronald de Carvalho acaba de publicar, com indiscutível e merecido successo de imprensa e livraria, revela, ao menor exame, accentuadas influencias de Samain, principalmente nos primeiros capítulos, "Poemas de amor", "Elegias" e "Romance e bailada".

Não é necessaria, porém, penetração • critica excepcional para verificar que o culto de Samain é, em Ronald, um culto agonizante. As composições em que elle com maior intensidade e de maneira mais typica se exhibe, pertencem a uma phase definitivamente encerrada, talvez, da existencia espiritual do poeta.

As paginas subordinadas ao titulo "Poemas da Vida", são uma prova irrecusável de que a sua direcção, os seus passos cada vez mais ;e afastam, agora, dos rumos estheticos determinados pelas estropbes magnificas do *Au Jardin de l'Infante*.

Aos jardins nocturnos, com toda uma theoria bíblica de anjos e de ar^hanjos, ou com seres mais ou menos androgynos, egressos, trémulos e pallidos, das mais distantes cavernas *du Rêve et de l'Enchantement*, vão succeder, já estão succedendo, nos versos de Ronald de Carvalho, os jardins authenticos, plenos, sob o sol, de flores que mãos de mulheres veridicas colhem e agitam, entre-laçando-as em ramalhetes e coroas...

* * *

Quirtndo deixa, integralmente, as regiões maravilhosas que o génio de Albert Samain povoou de sonho e de belleza, Ronald apresenta, algumas vezes, nos gestos e na voz, qualquer coisa de uma creatura deslumbrada. Embriaga-o, talvez, a luz solar, em tão brusco contraste com a claridade ambigua das salas vastas, ha pouco abandonadas... Estonteia-o o espectáculo do Universo real, com opulências nababescas de paizagem. Os versos lhe sahem como que aos borbotões, com todas as vantagens e desvantagens correspondentes. E' verdadeiramente tropical, nas intenções e nas imagens. As próprias coisas brutas, têm, não raro, sob o magnetismo da sua inspiração, estremecimentos de humana e aguda sensibilidade.

Nem sempre são, em summa, harmoniosas as suas attitudes, examinadas em conjuncto.



Tudo nos *Poemas e sonetos*, de resto, denuncia que o artista atravessa um período de transição, fértil, é exacto, brilhante, sem duvida, mas irregular, tumultuariamente irregular, a espaços.

Em Ronald são frequentes os momentos, rápidos embora, de indecisão. Outra coisa, de facto, não se pode deprender da variedade das maneiras poéticas que elle explora, e sempre, é de justiça assignalar, com êxito, com felicidade extraordinaria.

Simultaneamente, é um poeta de imagens rebuscadas, vivendo alheio ás coisas circumstantes, insulado no seu grande sonho; é um poeta com qualidades especificas de decorador, de colorista, mais ou menos parnasiano, pela escolha dos assumptos, porém filiado na esthetica decadista pela maneira como os encara; é um poeta exaltador da Vida, com enthusiasmos de pagão, em contactos continuos com a Natureza; e é um poeta de pensamento, absorto em altas, vertiginosas cogitações transcendentaes, bem raras na sua idade, a interrogar, inutilmente, anciosamente, os homens e as divindades, os astros e as montanhas...

E todas essas tendencias, algumas antagonicas, todas essas modalidades, emfim, ali estão claramente demarcadas, autonomas e fortes.

Não acredito, entretanto, que o poeta possa, por muito tempo ainda, permanecer nessa versatilidade. Inconscientemente ou não, procurará definir-se, afirmar-se, de vez, adquirir, quanto antes, uma physionomia própria, harmoniosa, com a fusão natural de todas as aptidões do seu temperamento, tão regamente dotado para sentir, para conceber e para executar.

*
* *

A diversidade das attitudes mentaes de Ronald, porém, não diminuem, de maneira alguma, o fulgurante e intrinseco valor da sua nova obra.

Encontram-se nella composições da mais peregrina belleza e da mais profunda emoção.

Esta, por exemplo:

Deante da eterna dor, do mal insano,
não é de mais a ventura prometida:
não é de anais uma vida, além da vida,
onde será divino o ser humano l

Dentro da sanha desse amargo oceano
da miséria continua, repetida,
cada illusão recorda uma ferida,
cada alegria traz um desengano...



Por que, meu Deus, essa tortura imensa,
essa noite profunda da descrença
em que as almas se agitam, com pavor?

Por que, Senhor, tanta revolta obscura,
nessa infeliz, humillima creatura,
que tem medo de crer no seu Creador?

"Avatar" é soneto como não ha muitos na lingua, pela angustiosa, anthereana philosophia que o illumina e agita:

Antes, a alma que tenho andou perdida.
Por que mundos rolou, que mão subtil
poz tão nobre fulgor, e estranha vida,
nesse bocado de ouro e barro vil?

De certo, arvore foi: verde jazida
de ninhos, sob o céu de espuma e amil.
E foi grito de horror, na ave ferida,
e, na canção de amor, sonho febril!

Foi desespero, soffrimento mudo,
odio, esperança que tortura e inferna;
e, depois de exsurgir, triste, de tudo,

veio para chorar dentro em meu ser,
a amarga maldição de ser eterna,
e a dor de renascer, quando eu morrer l

Digna dessa pagina, tão formosa como ella, é "Deus". Inquestionavelmente, é um magnifico poeta quem escreve deste modo, com esta segurança de idéa, esta profundeza magistral, esta melancolia serena e contagiosa:

A que terras sombrias e geladas,
fantasma, nos conduzes? Que florestas
de arvores negras, solidões funestas,
guardarão nossas almas torturadas?

Entre vãos desesperos, e entre festas,
depois de tantas illusões falhadas,
na sucessão de noites e alvoradas,
só tu, fúnebre horror, só tu nos restas l

Só tu, fúnebre horror maravilhoso,
que não dás um minuto de repouso
ao nosso humano, estreito coração;

só tu, figura pensativa e estranha,
no alto da tua tragica montanha,
onde nem chega a nossa maldição!



"Exílio amargo", é de outro genero, mas igualmente bello:

Ah! toda esta anciedade e toda esta tortura,
vieram morrer dentro de mim, sem um gemido.
Hora que, em vão, sonhei! A vida fel-a escura.
E, agora, meu desejo é um parque desflorado.

Tudo passou por nós, tudo passou... Procura
no meu sombrio olhar aquelle áureo sentido,
e somente verás, como em velha gravura,
a apagada expressão de um perfil esquecido!

E tu foste, depois, para a insomne alegria,
a semear, em clarões, na poeira das estradas,
a gloria do teu canto, o ouro da tua vida!

E eu fiquei para errar, mãos sem sol, alma fria,
entre abysmos sem fundo, e selvas desoladas,
na saudade e no horror de uma patria perdida!

"Pastoral", portico das "Figuras de cinza e de ouro", é de um delicioso paganismo, como uma vinheta multicolor de pagina mythologica:

O carro das vindimas, lentamente,
com as rodas de ouro e bronze bate o sólo;
nos morros arde a purpura do poente,
na sombra espiam nymphas de alvo collo.

Em derredor faz ronda a rude gente
de rijos cornos, frauta a tiracollo,
satyros, faunos; e, num bando, á frente
ménades brutas roncam contra Apollo!

Dos pampanos virentes rompem bagos,
nas amphoras o mosto flavo oscilla,
em reflexos metall-icos e vagos.

O ar embebeda as fontes, no caminho,
e pela tarde tépida e tranquilla,
as aguas tontas, pensam que são vinho.

Facilimo seria achar versos como os acima transcriptos, de igual fulgor, idêntica formosura, nas duzentas e tantas paginas dos *Poemas e Sonetos*, que a Academia Brasileira de Letras premiou com jastiça inatacavel.

Que espirito absurdamente exigente, porém, será capaz de julgar necessaria a transcripção de mais uma peça, um verso só, para verificar, avaliar o mérito do livro e do artista moço, forte e victorioso que o compoz?



II

HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA

Ronald de Carvalho, que tão merecido successo alcançou, ha pouco, com os seus magníficos *Poemas e Sonetos*, acaba de publicar um novo livro, mas em prosa e de critica: *a Pequena historia da literatura brasileira*.

Do exame imparcial das duas obras diversíssimas se conclúe, com satisfação, que o mérito do critico não é menor do que o do poeta. Ronald revelou, com effeito, aptidões excepcionaes para os estudos, de conjuncto pelo menos, de literatura. O seu livro é, sobretudo, a obra honesta e forte de um espirito immune de preoccupações subalternas. A sua visão abrange extensões superiores a todas as delimitações systematicas de seitas ou de escolas. Examina autores e livros com carlyleana sympathia, o que, aliás, não o impede, nem poderia impedir, de formular, sobre elles, os juizos todos que merecem.

As falhas que se notam na estructura geral da sua historia devem ser attribuidas, em primeiro lugar, á deficiencia de documentos e, em segundo, á própria natureza do volume, que não comporta a ampliação ou desenvolvimento dos themas, tanto quanto alguns o estavam a exigir.

Inapreciável serviço com um pouco mais de esforço, prestará Ronald ás letras do seu paiz, si, em seguida a esta edição popular do seu bello trabalho, organizar outra em formato maior, na qual os estudos sobre as nossas principaes figuras, symbolos de épocas sejam desdobrados e occupem capitulos especiaes, ao modo de Taine, por exemplo, na *Historia da literatura inglesa*.

*
* *

As paginas da "Introduccão" do livro de Ronald são escriptas com grande segurança e farto brilho. Joga ali o autor com documentos interessantíssimos, dos quaes extrae todo o proveito, valendo-se do ensejo para rectificações absolutamente úteis, para fixar verdades até agora vacillantes e para defender-nos de juizos e sentenças com que nos têm amesquinhado alguns historiographos e philosophos, por ignorancia das nossas possibilidades e condições exactas de vida, ou por má fé.

O scenano que Ronald de Carvalho descreve deante ou no centro do qual faz surgir o homem, como que estonteado, no começo, mas depois perfeitamente senhor de si mesmo, com a pösse



mais ou menos plena da natureza que o circunda, é um trabalho de incontestável merecimento. Revela muita leitura, muita seriedade ou dignidade mental e até uma retina poderosa e forte de historiador.

*
* *

Apesar de excessivamente synthetica, ás vezes, esta *Pequena historia da literatura brasileira* permite que, através das suas paginas, se contemple e se examine toda a nossa actividade intellectual de varias dezenas de annos.

Literatura de reflexos, ainda hoje, com a enxertia periódica de escolas e maneiras européas, a nossa durante os primeiros séculos pouco ou quasi nada representa, como expressão do nosso modo nacional de ser, nem psychologicamente, nem sob o ponto de vista de interpretação dos nossos costumes, paizagens, etc.

A maior parte dos nossos escriptores é composta de homens de cera, facilmente plasmaveis, á distancia, pelos deuses e semi-deuses literários da Europa.

Nada menos interessante do que a leitura da obra insulsa dos fundadores do nosso edificio literário, cujos alicerces de pedra solta, como ensina, pittorescamente, com outras palavras, o sr. João Ribeiro, não lhe têm permittido, até agora, a estabilidade que todos desejamos.

Ronald mostra-nos, ás pressas, como se fazia mistér, num golpe de vi?ta esplendido e feliz, o trabalho, a esfarelar-se quasi todo, desses precursores.

A' proporção que se approxima dos modernos, a sua visão adquire maior agudeza, como é natural. Do capitulo VIII, ou, melhor, do Século XIX, em deante, o livro apresenta perspectivas mais amplas e ricas. E' que, dahi para cá, começa a se accentuar o movimento mais ou menos nacionalista, até que a nossa literatura attinge, emfim, a sua maioridade, embora ainda sob a guarda de tutores e curadores d'além mar.

As notas e apontamentos que Ronald publica, encerram material de primeira ordem, que deve ser depois melhor aproveitado.

As suas observações e juizos, como já assignalei, se impõem pela franqueza e pela verdade que os animam. A sua vasta cultura lhe permite, sem esforço, caracterizar rumos e tendencias mentaes, não bem definidas em obras congeneres anteriores. As suas duas ou tres paginas sobre José de Alencar, assim como as que tratam de Gregorio de Mattos, Bazilio da Gama, Castro Alves e Alvares de Azevedo, são, talvez, aquellas em que mais eloquentemente se firmam os seus dotes de critico.



O effeito de conjuncto do livro é admiravel e todo elle é a demonstração da methodica e bella capacidade de trabalho de um espirito apto, já agora, para tentar a execução de obras de largo folego, no genero, por mais persistência, meditação e largueza de vistas que reclamem.

Possue Ronald, como se vê, uma aptidão bem pouco commum na sua idade e raríssima no Brasil, onde a tendencia geral é para o regimen das deseonnexas composições fragmentarias, a retalho, mercê da falta de todo e qualquer estímulo, por motivos que encontram a sua chave, muita vez, na alta e desoladora percentagem de analfabetos sobre o total da nossa população.

Impossibilitado de se dedicar inteiramente ao seu officio; não dispondo de folga para as grandes concentrações de espirito; exgotando-se, dia a dia, em pequenos trabalhos apressados, artigos e chronicais de jornaes e de revistas, o escriptor, entre nós, em geral, por mais prosaica que pareça a comparação, não passa, afinal de contas, de um simples varejista do talento...

*
* *

Para se dar uma idéa do estylo de Ronald, assim como da profundeza do seu pensamento, do seu poder de analyse e interpretação, do seu permanente bom gosto e da relativa independencia das suas opiniões, facilmente e penetrantemente expostas, para isso, o melhor é transcrever, ao acaso, um trecho do livro. Este, por exemplo:

*Um povo sem literatura seria, naturalmente, um povo mudo, sem tradições e sem passado, fadiado a desappareoer como uma réles planta rasteira nascida para ser pisada. De todas as artes é a da palavra, sem contestação, aquella que exerce uma influencia mais penetrante, um papel mais saliente na formação das nacionalidades. As estatuas de Scopas Puderam ser imitadas; nunca ninguém se atreveu, porém, a reproduzir as tragedias de Eschylo. A literatura é a própria historia de cada collectividade; reflectem-se nella, como um espelho polido, as imagens tristes ou risonhas da vida humana. E' ella que annuncia as grandes revolluções Politicas e religiosas, como no caso de Luthero e dos encyclopedistas do Século XVIII, ou que regista os triumphos de uma raça que declina, como no caso dos Lusíadas. Caminham á sua sombra niveladora nobres e plebeus, grandes e pequenos, o magnifico Cesar e o modesto Suetonio. Ella representa melhor as particularidades de uma pliase histórica do que a jísongeira chronica feita pelos áulicos expertos em honra dos reis e dos imperadores despoticos. O século XVI é menos o de Elisabeth que o de Shakespeare; o século XVII mais o de Molière que o de Luiz XIV".

Ha muito, ahi, do espirito de Taine e o miolo das melhores theorias e concepções da critica literaria, considerada como auxiliar,



no mínimo, da historia e da sociologia, e que vigoram na Allemanha, desde Schlegel, e na Inglaterra, desde Carlyle.

Lateja, igualmente, uma bôa porção de verdade nestas linhas:

"Aquellas celebres fronteiras da "lei do meio", de Taine, devem ser dilatadas, porque, na verdade, são muito mais largas do que parecem. O meio não é apenas o ambiente, o momento e a raça. O meio é toda a civilisação, é a humanidade inteira, são todas as reacções estheticas e sociaes, todas as aspirações, todas as duvidas e todos os enganos, todas as verdades e todos os erros; o meio é o Universo".

Essa ampliação, não revogação, da discutidissima lei taineana, é uma das muitas consequências da prodigiosa facilidade de transportes, terrestres, marítimos e aereos, de que agora dispõem os homens e que, entrelaçando as aspirações, angustias e alegrias dos povos em geral, intimamente solidários, apesar de tudo, produz uma verdadeira situação de cosmopolitismo progressivo. O tempo dos paizes e regiões nitidamente differencados, para os effeitos da produção intellectual, já passou. Exacta é, pois, aquella observação do esplendido ensaísta belga que mostra a physionomia moral e mental do homem civilisado como a mesma, ou mais ou menos a mesma em qualquer ponto do globo.



Com a *Pequena historia da literatura brasileira*, Ronald, que desde a victoria dos "Poemas e Sonetos" occupa um nobre lugar entre os nossos artistas do verso mais notáveis, passa a ser, também, uma das figuras de maior relevo na critica literaria nacional. E a verdade é que esta, para desempenhar, emfim, a funcção seleccionadora, que lhe corresponde, de systematização e glorificação de esforços, nunca precisou mais do que hoje de intelligencias como a sua, ao mesmo tempo brilhantes e profundas.



Si sou um menino
gordo e corado
devo tudo ao
Biotônico
Fontoura

BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

XIAB/H "MAOSSC. S.PAULO-RIO.



BIOTÔNICO FONTOURA

O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

III

Torna os homens vigorosos, as mulheres
formosas, as crianças robustas zKP&œev

CUBA A ANEMIA

CUBA A FRAQUEZA MUSCULAR E NEBVOSA

III

AUGMENTA A FORÇA DA VIDA - PRODUZ
SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE
SAÚDE — EVITA A TUBERCULOSE

III

MODO DE USAR:

BIOTÔNICO elixir

Adultos: 1 colher das de sopa ou meio cálice antes do almoço e antes do jantar.

Crianças: 1 colher das de sobremesa ou das de chá, conforme a idade.

BIOTÔNICO pastilhas

Adultos: 2 antes do almoço e 2 antes do jantar.

Crianças: 1 pastilha.

BIOTÔNICO Injeclauel

Injectar o conteúdo de uma ampola diariamente em injeção intramuscular.

COM O USO DO

BIOTÔNICO

NO FIM DE 30 DIAS OBSERVA-SE:

- I — Augmento de peso variando de 1 a 4 kilos.
- II — Levantamento geral das forças com volta de appetite.
- III — Desappareamento completo das dôres de cabeça, insomnia, mau estar e nervosismo.
- IV — Augmento intenso dos globulos sanguíneos e hyperleucocytose.
- V — Eliminação completa dos plienomenos nervosos e cura da fraqueza sexual.
- VI — Cura completa da depressão nervosa, do abatimento e da fraqueza em ambos os sexos.
- VII — Completo restabelecimento dos organismos debilitados, predispostos e ameaçados pela tuberculose.
- VIII — Maior resistência para o trabalho physico e melhor disposição para o trabalho mental.
- IX — Agradavel sensação de bem estar, de vigor e de saúde.
- X — Cura radical da leucorrhéa (flores brancas) a mais antiga.
- XI — Após o parto, rápido levantamento das forças-e considerável abundancia de leite.
- XII — Rápido e completo restabelecimento nas convalescências de todas as moléstias que produzem debilidade geral.

O Biotonico Fontoura julgado pela probidade científica do professor DR. HENRIQUE ROXO

Attesto que tenii prescripto a clientes meus o

Biotonico Fontoura

e que tenho tido ensejo de observar que lie, em geral, resultados vantajosos. Particularmente, mais proficuo seue tem afigurado o seu uso quando lia accentuada ailenutrição e occorrem manifestações nervosas, delia dependentes.

lho de Janeiro, 10 de Setembro de 1920.

(A.) Dr. Henrique de Brito Belfort Raio

Professor de moléstias nervosas da Faculdade de Medicina do lho.

O que diz o preclaro DR. ROCHA VAZ, professor da Faculdade de Medicina

Tenho empregado constantemente em minha clinica o

Biotonico Fontoura

e tal tem sido o resultado ijué não me posso mais furtar a obrigação de o receitar.

lho de Janeiro, 10 de Agosto de 1920.

Dr. Rocha Vaz

Professor de Clinica Medica da Faculdade de Medicina do Kio de Janeiro.

O Biotonico Fontoura consagrado por um grande especialista brasileiro

Attesto ter empregado com os maiores resultados na clinica civil o preparado

Biotonico Fontoura

Kio de Janeiro 12 de Julho de 1921.

A. fuistregesllo

Professor cathedratico da cliiira neurologica da faculdade de Medicina do lho de Janeiro.

Palavras do eminent> cientista Exmo. Snr. Dr. JULIANO MOREI*

Tenho prescripto a doeu<*> meus e sempre que lhe an indicirão theraprutira o

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 2º de Julho de 1920.

Dr. Juliano Plorelra

Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA
FONTOURA, SERPE & C.ª - S. Paul*



S. PAULO NOS TEMPOS COLONIAES

A EPOPE'A DAS BANDEIRAS

AUGUSTO DE SAINT HILAIRE

Membro da Academia das Sciencias do Instituto de França

*Continuamos a publicar a excellente traducção de Saint Hilaire, com que
no.: brindou Leopoldo Pereira e da qual inserimos os primeiros
capitulos no ultimo numero desta revista.*

V

NÃO estava ainda bem fundada a colonia, e já elles tinham começado a reduzir os Índios á escravidão, e depois continuaram a fazel-o a despeito dos numerosos edictos de Lisbôa em favor desses infelizes ⁽¹⁾ e das exhortações dos padres da Companhia de Jesus. Mas os indios não são como os negros: tão imprevidentes como estes, elles reflectem mais sobre o presente e sentem mais profundo as misérias delle, menos facilmente se resignam, têm mais amor á liberdade e menos vigor para supportar os trabalhos da escravidão. Os Paulistas exgottaram logo as tribus vizinhas e foram levando mais longe a caça que faziam dos indios, como si fossem animaes selvagens, e tornaram-se fornecedores dos habitantes do Rio de Janeiro (2); na epocha em que estes se viram forçados, depois da tomada a Angola aos Portuguezes, a renunciar por algum tempo á importação, dos negros.

(1) kaynal enumera dez; José de Souza Azeredo Pizarro « Araujo, quasi vinte.

(2) Southey, *Hist.* II, 306.



O interior do Brasil nem sempre foi sulcado de estradas nem tinha hospedarias; tempo houve em que não se encontrava por alli uma cabana nem si^nal de cultura, e as feras disputavam entre si o dominio do deserto; foi então que os Paulistas o percorreram em todos os sentidos. Esses audaciosos aventureiro, como se verá miudamente mais adeante, penetraram por vezes no Paraguay, descobriram a província do Piauhy, as minas de Sabará, as do Paracatú, afundaram-se nas vastas solidões de Cuyabá e Goyaz, percorreram a província do Rio Grande do Sul, chegaram, no norte do Brasil, até o Maranhão e o rio das Amazonas, e atravessando a cordilheira do Perú, atacaram os Hespanhoes no centro de suas possessões. (3)

Quando por experiência conhecemos quantas fadigas, privações e perigos aguardam ainda o viajante que se aventura por essas longínquas regiões e depois lemos a narrativa das excursões intermináveis dos antigos Paulistas, ficamos como que estupefactos; somos tentados a crêr que esses homens pertenciam a uma raça de gigantes.

Não se jense que S. Paulo fosse uma grande cidade, que, á similhaça das antigas da Grécia, derramasse para as regiões desertas o exoedente de uma população por demais considerável. E* de presumir que habitações ruraes muito numerosas se houvessem erguido na planicie de Piratininga; mas pelo fim do XVII seculo a capital da capitania de S. Vicente não tinha mais de 700 habitantes (1). Em uma das expedições contra o Paraguay os Paulistas não eram menos de 800 a 900; mas não parece que em geral seus bandos errantes se compuzessem de tão grande numero de homens. Algum personagem distincto do paiz, conhecido por sua coragem e perseverança, annunciava que ia fazer uma expedição longínqua; alguns parentes se lhe aggregavam; mamelucos, audazes vagabundos e até estrangeiros vinham engrossar o bando (2). Punham-se a caminho, munidos de polvori e chumbo, armados, uns de espingardas, outros de arcos e flechas, todos apercebidos de um grande facão, de que se serviam para se defender, cortar o matto e escorchar as feras. Andavam descalços, com um cinturão de couro, na cabeça um chapéo de palha de largas abas, sem mais vestuário que uns calções de algodão grosso e uma camisa curta, cujas fraldas batiam sobre os calções, e ás vezes um gibão e perneiras de pelie de veado. Cada um levava a tiracollo um sacco de couro, onde conduzia suas provisões, um chifre de boi á guiza de copo e uma cúia que servia de prato. A caça e a pesca forneciam ao bando alimentação abundante; no sul da província achava-se uma delicada iguaria nos fruetos do pinheiro do Brasil (*araucaria brasiliensis*); no norte eram outros fruetos, os olhos

(3) Fernandes Pinheiro, *Annaei de S. Pedro*, 2.ª ed., 40.

(1) Southey, *Hist.*, II, 668.

(2) Conforme tradições que o auctor achou correntes em 1817 na província de Minas, havia Francezes entre os Paulistas que percorriam os sertões (A. Saint Hilaire, *Voyage dant les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, I). Só no reinado de Philippe II foi o Brasil interdicto aos estrangeiros.

saborosos de algumas palmeiras, raízes e mel selvagem. Quando os batedores de deserto (*sertanistas*) pensavam em não voltar senão ao cabo de alguns annos, levavam consigo grãos de milho que semeavam, continuavam seu caminho e depois de alguns mezes voltavam para fazer a colheita (1). Nada detinha esses homens emprehendedores, nem a immensidade dos campos e regiões desertas, nem as sombrias florestas enlaçadas de cipós e espinheiros, nem os montes escarpados; nada os atemorizava, nem a flecha do selvagem, nem a ferocidade do jaguar, nem o veneno mortal dos reptis. Por força ou por astúcia apoderavam-se dos indios, amarravam-nos e ás centenas os levavam ao mercado de S. Paulo. Infeliz d \ que resistisse! Era morto com atroz barbaria. Tribus inteiras desappareciam, como a herva dos campos desapparece á medida que o fogo a consome. Nessas expedições os mamelucos se distinguiam principalmente por sua crueldade: esperavam sem duvida fazer esquecer que, pelo lado materno, pertenciam á raça proscripta. (2)

Emquanto os Paulistas, ao percorrer o interior, não tiveram outro intento que a perseguição dos indios, não se estabeleceram fóra de sua provincia; mas pelos fins do XVI século uma noticia importante se espalhou raoidamente entre elles: — havia ouro no sertão. Desde então uma notável mudança se operou.

Existiam realmente ricas minas longe do littoral: a cobiça e o amor do maravilhoso exaggeraram ainda a importancia delias. Sonhou-se com riquezas: eram rios que rolavam folhetas de ouro, montanhas que encerravam em seu seio thesouros inextinguíveis: era preciso descobrir a cidade de Manoa, onde por toda a parte reluzia o metal objecto de tantos desejos; era mister achar a *Lagôa do pau dourado*, que prometia a seus Possuidores uma fortuna que faria inveja aos mais poderosos príncipes. (1) Homens de todas as condições, pobres e ricos, velhos e moços, brancos e mestiços, deixaram em multidão seus lares, mulheres e filhos e se arrojaram ás vastas solidões do Brasil. Tanto quanto possível, elles obedeciam aos mysteriosos e laconicos roteiros dos mais antigos sertanistas (2); por toda a parte iam provando a arêas dos correjos e a terra das montanhas, e quando achavam algum terreno aurífero, levantavam barracas na vizinhança para o fim de explorá-lo. Esses acampamentos (*arraiaes*) tornaram-se povoações fixas, depois cidades, e assim foi que os Paulistas começaram a povoar o interior das terras, ajuntando á monarchia portugueza provincias, mais vastas cada uma que muitos impérios.

Emquanto, porém, esses homens corajosos lançavam, longe da patria, os fundamentos de uma multidão de povoados, e, para galardão-os, os

(1) Echwege, *Pluto Bras*, 6.

(2) O que se lê no « proprios escriptores brasileiros José de Souza Azeredo, José Cuiha Mattos, Joaquim Machado de Oliveira, prova sufficientemente que estou PauK t^ exaB8eraT > < 1^uahi,0 fa^0 do modo por que os indios foram tratados pelos

O A. S. ITilaire, *Voyage dans les provincoes de Rio de Janeiro, etc.*, II, 189.

(2) L. c. 190 e seg.



soberanos de Portugal lhes concediam honrosos privilégios, seus campos, deixavam de ser cultivados, seus rebanhos se dispersavam, suas habitações se arruinavam, a discórdia se introduzia em suas famílias, sua cidade natal cahia em decadencia, e muito tempo foi necessário para que ella readquirisse o antigo esplendor (3).

Mais adiante daremos alguns pormenores das principaes expedições dos Paulistas.

VI

Não eram esses homens os únicos que se espalhavam pelos sertões; os jesuitas os percorreram também, mas com fim bem diverso. Iam na diligencia de subtrahir alguns Índios á barbara cobiça dos mamelucos: levando nas mãos, não armas, porém a cruz do Redemptor, apresentavam-se a elles; não os amarravam, prendiam-nos com palavras de consolação, de paz e de amor. (*)

Furiosos por ver que lhes arrebatavam algumas de suas victimas, os Paulistas resolveram tomar vingança, levando a guerra ao Paraguay, centro do poder dos jesuitas. Outro intuito levavam ainda: animados contra os Hespanhoes de um entranhado odio, que mais tarde herdaram os habitantes do Rio Grande, elles pretendiam destroçal-os em seus dominios e impedil-os de invadir territorios que julgavam pertencentes ao Brasil (2). As possessões hespanholas da America e as colonias portuguezas dependiam, na verdade, do mesmo rei, mas nenhuma fusão se havia operado entre ellas, e como já vimos, aos Paulistas, tornados súbditos dos soberanos de Hespanha, pouco se lhes dava de desagradarem a seus novos senhores.

No anno de 1628 começaram a atacar os estabelecimentos dos jesuitas hespanhoes; penetraram na Guayra, província que limitava o paiz delles pela banda do nordeste, mas, provavelmente por não serem bastante numerosos, foram obrigados a recuar.

Os Paulistas tinham muita intrepidez e perseverança, e não se haviam de desanimar por um primeiro revez. Prepararam-se secretamente para nova expedição: 900 homens brancos ou memelucos se reuniram, acompanhados de 2.000 Índios, e penetraram nos desertos quasi desconhecidos, atravessaram muitos rios caudaes, venceram mil obstáculos e pela segunda vez chegaram á Guayra.

A *redacção* de S. Antonio foi logo atacada por elles; pilharam-na, destruíram-na e aprisionaram seus habitantes. O jesuita Mola lançou-se aos pés de Antonio Raposo, commandante dos mamelucos, conjurando-o, pelo que de mais sagrado havia, a que poupasse seus caros neophytos.

(3) Diogo de Toledo Lara Ordóñez, *Adnotationes* in *Not. ultram.* II, 167.

(1) Southey, *Hist.* II.

(2) Gaspar da M. de Deus, *Mem. S. Vicen.* 120.



"Muitas vezes, diz um historiador, havia elle por supplicas e lagrimas desarmado os anthropophagos, e viu que os christãos que têm calçado aos pés as leis divinas e humanas, têm o coração mais duro que os barbaros e infieis." Não obteve senão respostas tão cruéis oomo ímpias.

Depois de saqueada a redução de S. Antonio, os Paulistas assolaram ainda mais tres, e retiraram-se, levando um numero incrível de Índios.

A' vista de seus discípulos amarrados como vis criminosos, o padre Maceta correu a abraçal-os. Espancaram-no, ameaçaram-no de morte, porém nada pôde fazel-o recuar; elle e o padre Mansilla tinham resolvido acompanhar os prisioneiros até o Brasil e pleitear alli a causa desses infelizes. Foram acompanhando á distancia o bando, vivendo de raizes e fructos selvagens, e todas as vezes que algum dos captivos, abatido pelo cansaço e pelos soffrimentos, era abandonado 'pelos mamelucos, os dous missionários lhe prodigalisavam seus cuidados, davam-lhe ternas consolações, mostravam-lhe o céo e o ajudavam a morrer.

Chega-se afinal a S. Paulo, os índios são repartidos entre seus perseguidores; vendem-nos, e logo elles são dispersados, não só na capitania de S. Paulo, mas também na do Rio de Janeiro. Em vão os jesuítas Mansilla e Maceta fazem ouvir em prol desses desgraçados a voz da humanidade, da justiça e da religião; ninguém os ouve. Vão ao Rio de Janeiro; não são menos desattendidos. Embarcam para a Bahia e imploram a compaixão do governador geral. Este os acolhe com benevolencia; mas occupado com a guerra que havia rebentado entre os Hollandezes e os habitantes do Brasil, pouco se interessa pela sorte dos Índios e quasi nada faz por seus defensores. De volta a S. Paulo, os dous missionários foram lançados em prisões; mas, libertados depois, voltaram á Guayra acabrunhados de dôr, após haverem mostrado em vão quanta dedicação e coragem pode inspirar a caridade christã.

Quando perseguiam os índios selvagens disseminados nas florestas, os Paulistas não podiam apanhar senão pequeno numero de cada vez; nas reduções dos jesuítas, pelo contrario, achavam reunida uma população "onsidnavel; e oomo o governo hespanhol não permittia aos indios o uso de armas de fogo, elles não faziam, por assim dizer, resistencia alguma. Os Paulistas não tinham mais trabalho que o de pol-os a ferros.

Mal haviam esses infatigáveis aventureiros chegado da terra que tantos escravos lhes fornecera, e já ardiam de impaciência para vdltar. Prepararam nova expedição, e outra vez afundaram-se no deserto. Chegando á redução de S. Paulo, pilham, devastam, aprisionam os habitantes, e successivamente destroem varias outras reduções.

Além das povoações fundadas pelos jesuítas, havia ainda na Guayra duas cidades, Ciudad Real e Villa Rica, construídas pelos Hespanhoes e habitadas por descendentes delles. Os índios que haviam escapado aos inimigos, refugiaram-se em Villa Rica; mas os habitantes desta cidade os reduziram á escravidão, como o houveram feito os mamelucos. Os Jesuítas se queixaram aos magistrados, mas debalde, nenhuma justiça



obtiveram. Deputaram um delles para se entender com o governador da Assumpção e pedir soccorros: não receberam senão uma resposta insultuosa.

Estavam ainda intactas duas reduções da Guayra, a de S. Ignacio e a de Loreto. Eram as mais antigas e em nada inferiores ás melhores cidades do Paraguay: viam-se alli bellas igrejas, e seus habitantes, depois de civilisados, tinham-se tornado excellentes agricultores. Os jesuitas, vendo-se abandonados por seus compatriotas hespanhoes e receiando que os habitantes de Loreto e S. Ignacio oahissem logo, como os das outras reduções, nas mãos do inimigo, persuadiram-nos a fugir. Essa pobre gente, cheia de confiança na protecção dos santos, cujas venerandas imagens ia leviido, deixou sem queixumes suas moradas e templos, onde cada dia se erguiam a Deus suas supplicas, e os campos que tão abundantes colheitas lhe deram. Perseguidos pelos mamelucos, passaram o Paraná, e dizimados pela fome e pelas epidemias, foram fundar bem longe duas outras reduções, a que deram os queridos nomes de Loreto e S. Ignacio.

Entretanto os Paulistas, exasperados por ver que lhes arrebatavam uma preza que devia contribuir para os enriquecer, não achando mais reduções para assaltar nem indios para aprisionar, arrojaram-se, como que enraivados, contra as duas cidades hespanholas de Villa Rica e Ciudad Real, e as saquearam e destruíram completamente; e como não podiam reduzií á escravidão os habitantes, que pertenciam á sua raça, elles os dispersaram. Assim foi que estes tiveram o castigo de seu covarde egoísmo. Se ao envez de se aproveitarem da infelicidade dos indígenas, se houvessem unido a elles, como dissemos, para repellir os barbaros estrangeiros, invasores de seu territorio, não teriam morrido no exilio, e as cidades de Villa Rica e Ciudad Real seriam hoje florescentes. Desde essa data a Guayra ficou deserta.

Bem que a fuga dos habitantes de Loreto e S. Ignacio tivesse fraudado as esperanças dos Paulistas, elles conseguiram, todavia, levar grande numero de escravos aprisionados nas reduções destruidas no começo de sua expedição (1). Mas os indios captivos não resistiam por muito tempo aos rudes trabalhos a que eram condemnados, era mister substituil-os incessantemente. Os paulistas haviam despovoado a Guayra; foram procurar escravos em regiões mais longinquoas, e apresentaram-se successivamente entre os indios Itatinos, nas missões do Paraná, no Tapé e nas missões

(1) Manoel Ayre³ do Casal, refutando os erros de alguns escriptores sobre a pretendida republica de S. Paulo, diz que "se os actuaes Paulistas são boa gente, assim não eram seus antepassados, que tinham péssima reputação e se mostravam orgulhosos de riquezas adquiridas geralmente por meos pouco honestos". Entretanto este geographo não parece crer que os habitantes de S. Paulo, que tinham invadido, a Guayra, tivessem trazido escravos, e acrescenta que, segundo dous manuscriptos que teve em mãos, elles trouxeram de sua expedição apenas um sino. Ora, quem sabe qual era o fim das viagens que os Paulistas faziam pelos sertões, não se convencerá de que, tendo soffrido tantas fadigas e se exposto a tantos perigos, elles se contentassem com a preza de *um sino apenas*. Aliás, se fosse necessário, poder-se-iam oppôr aos m^cnuscrito.v de Casal os que leu o Barão de S. Leopoldo, nos quaes se dizia que os Paulistas conduziram da Guayra para o mercado de S. Paulo 15.000 indios, e que cõ Manoel Preto possuía 1.000 em sua fazenda (*Annaes*, 2.^a ed., 231).

do Uruguay. Em toda a parte davam prova da maior intrepidez, por toda a parte praticavam também as mais atrozes acções, saqueavam os povoados dos Índios e, para se apoderarem desses malaventurados, era-lhes indifferente empregar a força ou recorrer á perfídia.

Em 1632 numerosos Paulistas, acompanhados de um exercito de Tupis, seus aliados, apresentaram-se inopinadamente deante de S. José, redução dos Itatinos. Como estivesse ausente o jesuíta que os governava, elles se dirigiram ao indio corregedor: tendo-o convencido de que vinham para vingar os habitantes da redução das injurias dos selvagens, convidaram-nos a irem a seu acampamento com seus guerreiros, e lá os aprisionaram todos. Não se contentaram com destruir a aldêa de S. José, saquearam ainda 'res outras, mau grado a resistencia corajosa que lhes oppuzeram alguns neophytos.

No mesmo anno os Paulistas ousaram avançar até as missões do Paraná; mas ao primeiro rebate de sua approximação, as duas reduções mais vizinhas da fronteira se evacuaram, e elles, temendo aventurar-se em uma região inteiramente desconhecida, recuaram.

Aconteceu-lhes também soffrer alguns revezes, mas não se desanimaram. Haviam renunciado á cultura de suas terras, aos cuidados de seus rebanhos, á doçura de seus lares; a caça dos indios tornara-se seu único mistér; era para elles uma paixão e ao mesmo tempo uma fonte de riqueza. Não só vendiam os prisioneiros aos habitantes do Rio de Janeiro e lugares circumvizinhos, mas também tinham estabelecido um mercado no sul do Brasil: era, pois, mistér abastecer-o.

Se os Hespanhoes, como já tive occasião de dizer, se tivessem francamente unido aos indios das reduções, teriam sem duvida conseguido expulsar para sempre os Paulistas; mas estavam degenerados da coragem de seus avós, e não eram mais favoraveis á liberdade dos indios que os Próprios mamelucos. Os Hespanhoes que primeiro chegaram a essa região, tiveram, sob o nome de *commandos*, um certo numero de indios, e apesar das sabias ordenações dos reis da Hespanha, estes infelizes foram logo tratados como escravos. Os habitantes do Paraguay quizeram reduzir a *commandos* os indígenas que se haviam submettido á direcção dos padres 'a Companhia de Jesus; estes defenderam corajosamente seus neophytos: dahi o odio que alimentavam contra elles os Hespanhoes, o qual não era inferior ao dos Paulistas, ainda que menos francamente o manifestassem.

Tr
m muitas occasiões tinham os jesuitas pedido soccorro aos governadores do Paraguay, e nunca foram attendidos; recusaram até dar espingardas aos indios, que eram incapazes de se defender dos mamelucos sempre bem armados. A's mais daj vezes bastava a estes se apresentarem deante 'as reduções para fazer milhares de prisioneiros indígenas, que iam depois tangendo como um gado vil. O Marquez de Grimaldi affirma fue, de 1620 a 1640, os habitantes de S. Paulo se apoderaram de 80.000 cabeças de gado pertencentes aos indios Guaranis e destruíram 22 reduções, "úmero que Gaspar da Madre de Deus eleva a 31, e Manoel Ayres do



Cazal a 32, e nenhum destes escriptores poderá ser acoimado de parcialidade (!)•

Os padres da Companhia de Jesus, vendo que na região em que haviam estabelecido seus neophytos, não podiam estes escapar aos barbaros inimigos, reuniram os homens, mulheres e meninos que restavam das primeiras reduções, e não sem difficuldade persuadindo-os a expatriar-se para sempre, os levaram para entre o Paraná e o Uruguay, ao lugar em que estes dous rios se approximam um do outro (2). Alli de certo os neophytos estariam poderosamente defendidos pela natureza contra as invasões dos Paulistas; mas os jesuítas conheciam a intrepidez delles e sua paixão de perseguir os índios, e providenciaram em munir-se de outros meios de protecção.

O provincial enviou Diaz Tano a Roma e Ruy de Montoya a Madrid. Chegados á Europa, estes religiosos pintaram com vivas cores as misérias dos índios convertidos e facilmente commoveram os que os ouviam. O rei de Hespanha declarou os índios das reduções vassallos immediatos da coroa, prohibiu que fossem obrigados a qualquer serviço pessoal, auctoriçou os jesuítas a dar-lhes armas de fogo, renovou as ordenações já dadas em favor delles, e declarou livres os que tinham sido escravizados. Em Roma não obteve Diaz Tano acolhimento menor que o de Montoya em Madrid. O papa Urbano VIII cumulou-o de favores a elle, aos seus caros reophytos e a seus companheiros de trabalho, e cheio de indignação expediu um breve em que ameaçava com todos os raios da Igreja os impios que attentassem contra a liberdade dos índios convertidos e até mesmo dos infieís.

O padre Tano, portador deste breve, partiu de Lisboa para Buenos Ayres, mas ventos contrários o obrigaram a aportar no Rio de Janeiro. Mal havia chegado, e logo foi lido na igreja dos jesuítas o decreto do summo pontífice. Não se lembraram de que muitos dos habitantes da cidade tinham intimas relações com a capitania de S. Vicente. Esses amotinaram o popuilacho, que se precipitou contra o collegio dos jesuítas. Arrombaram as portas e teriam matado Tano e os companheiros que elle trazia da Europa, se não fosse a intervenção do sábio governador Salvador Corrêa de Sá e Benevides. Por interferencia delle deliberou-se que no dia seguinte se fizesse assembléa para discutir com mais calma o negocio.

(1) Posso invocar aqui o testemunho de Cazal (*Corog.* I, 223) e por mais forte razão o de Gaspar da M. de Deus (*Mem.* 120), mas não citarei, por causa da exaggeração que a assignala, a carta que D. Pedro Estevan d'Avila, governador do Rio da Prata, escreveu ao rei de Hespanha a 12 de Outubro de 1637, em que diz ter verificado que os Paulistas haviam arrebatado ás reduções mais de 60,000 indivíduos, de 1623 a 1630.

(2) Charlevoix, *Hist. Parag.* I, 367-445. — Southey, *Hist.* II, 309. — Warden, *Brésil.* I, 419.

D. Gaspar da M. de Deus reconhece (*Mem. S. Vicen.* 127) que as narrações de Charlevoix sobre as incursões dos Paulistas no Paraguay são exactas, muito mais exactas que certas relações portuguezas. Elle excusa esses aventureiros pelo estímulo que lhes dava o proprio governo. Mas, se é verdade, como diz D. Gaspar, que o » próprios jesuítas tyrannisavam os índios, isto prova que nem só os Paulistas foram culpados mas não prova, parece, que o não tenham sido.



Fez-se a reunião, e por conselho do governador, appellou-se do breve do papa para o mesmo papa mais bem informado.

O padre Diaz Tano e seus companheiros evadiram-se promptamente do Rio de Janeiro, porém mais terrível tempestade os aguardava em Santos. Apenas o vigário geral publicou o breve do papa, levantaram-se contra elle muitos sediciosos, lançaram-no por terra, puzeram-lhe na garganta a ponta de uma espada, ameaçando matal-o, se elle não revogasse a excomunhão que havia contra um delles fulminado. Elle, porém, permaneceu inflexível, e sua coragem os desarmou.

O superior dos jesuítas, ao ruído que fizeram os amotinados, acode revestido dos paramentos sacerdotaes, trazendo nas mãos o ciborio, e dirige-lhes um pathetico discurso. Alguns se prostraram, outros ficaram de pé, dizendo que adoravam sinceramente o corpo de Christo, porém não soffreriam que os privassem dos escravos, que eram toda sua riqueza. Um delles exclamou do meio da multidão que se devia matar o superior dos jesuítas, e ninguém sabe a que extremos chegariam esses furiosos, se não acudissem alguns religiosos de outra ordem e por subtilezas os não persuadissem de que o breve do papa nenhum valor tinha para elles, pois que elles recusavam recebê-lo. (!)

Sabiam os habitantes de S. Paulo que aquelle papel os visava especialmente a elles: sua vingança não tardou. Sublevoou-se o povo, todas as cidades da província foram convidadas a enviar delegados a uma assembléa geral, e em cumprimento de uma resolução tomada por unanimidade de votos, foram os jesuítas expulsos de todos os collegios a 13 de Julho de 1640. Sessenta annos mais tarde os Paulistas não queriam outros pastores.

VII

Emquanto estes acontecimentos se desenrolavam na America, uma revolução se effectuava em Lisbõa: o Duque de Bragança era proclamado rei com o nome de D. João IV, e o povo portuguez recuperava sua nacionalidade.

A nova deste acontecimento accendeu no Brasil o maior entusiasmo; porém a capitania de S. Vicente fez excepção. Sob os reis de Hespanha, os Paulistas, como já disse, haviam-se tornado quasi independentes; tinham concebido o projecto de aproveitar o primeiro momento de indecisão e perplexidade para romper os frágeis laços que os prendiam ainda ao dominio europeu. Entre elles havia estabelecido grande numero de Hespanhoes, e estes, vendo de certo com magua que seriam forçados a obedecer ao rei de Portugal, alentaram os habitantes em seus projectos

(1) Charlevoix, *Hist. Parag.* I, 431. — Southey, *Hist.* II, 321.

(1) Pedro Taquea de Almeida Paes Lem«, *Noticia da expulsão dos jtsuXas* in *Revista trim.*, 2.ª ser. V, 17. — Abreu Lima, *Synopsis*, 97.



de independência. Entre os filhos desses estrangeiros havia um homem nobre, poderoso e respeitado, Amador Bueno da Ribeira, que havia occupado cargos importantes e tinha familia rica e numerosa; os Paulistas o convidaram a pôr-se á sua frente. Apresentam-se deante de sua casa, levantam gritos de enthusiasmo, proclamam-no rei. Bueno, porém, fiel a seus deveres, recusa perseverantemente a oôrôa e conjura o povo a reconhecer por soberano aquelles cujos direitos pareciam incontestáveis a todos os Brasileiros. Insistem, apertam com elle, chegam ao extremo de ameaçal-o de morte, se elle recusar ser rei. Elle empunha uma espada, evade-se por uma porta dos fundos da casa, e corre para o convento dos beneditinos. O povo o acompanha aos gritos de — *Viva Amador Bueno, nosso rei!*; porém elle, sempre inflexível, persistia em responder: — *Viva D. João IV, p'jlo qual estou prompto a derramar meu sangue!* Chega ao convento, entra e fecha as portas. O abbade se apresenta com seus frades, algumas pessoas principaes se unem a elles, fala-se ao povo, e no mesmo dia D. João IV é proclamado rei em todas as ruas de S. Paulo.

A mobilidade de que deram prova então os habitantes, põe bem a claro que Bueno foi bem avisado em recusar a corôa. Entretanto S. Paulo era tão fácil de defender e seus naturaes tão intrépidos que, se o chefe que escolheram, tivesse ambição, audacia e energia bastante, ter-se-iam logo tornado, como diz um historiador, um povo independente, o mais formidável da America do Sul. (1)

Apenas começou a reinar a ordem em S. Paulo, cuidaram os habitantes de escrever ao novo soberano para se justificarem da expulsão dos jesuítas»; mas o extranho memorial que lhe dirigiram, só conseguiu produzir no espirito do conselho um effeito contrario ao que esperavam seus auctores. Jorge Mascarenhas, Marquez de Montalvão, então vice-rei do Brasil o refutou com moderação, e por um decreto do mez de Julho de 1643 o rei de Portugal ordenou que todos os bens dos jesuítas lhes fossem restituídos. Os Paulistas protelaram; o decreto não foi cumprido, e apesar de novas ordens de 1647, só em 1653, depois de serem forçados a subscrever condições tão duras quanto humilhantes, voltaram os padres da Companhia de Jesus para seus conventos e propriedades. (1)

Depois da expulsão desses religiosos, não tiveram mais os Paulistas que temer censuras pelo seu procedimento para com os índios, e a guerra entre Hespanha e Portugal pela exaltação de D. João IV ao throno auctorisou-os a dirigir novos ataques contra as reduções do Paraguay. Não podiam já ser considerados como bandidos; eram guerreiros que tomavam as armas para defender os interesses de seu paiz e seu soberano. Um bando considerável de Paulistas, acompanhado de seus alliados Tupis, dirige-se para as reduções do Paraná; chegam, avistam de longe uma

(1) Gasp. M. de Içeus, *Mem. S. Vic.* 130. — Southey, *Hist.*, II, 327.

(1) P. Taques de Almeida, *Not. da exfil. dos jesuítas* in *Rev. trim.* 2 * ser V 17, 34. — Abreu e Lima, *Syn.* 118.



multidão de neophytos, pensam que vão, como outrora, apoderar-se delles e que os venderão logo nos mercados de S. Paulo; mas os jesuitas, aproveitando a permissão dada pelo rei de Hespanha, tinham armado os novos convertidos; o canhão trôa, grande numero de Paulistas cáem, e os outros surprehendidos da inesperada defesa põem-se em fuga, e os Índios alliados baldêam-se para o lado dos inimigos. Depois disto os Paulistas destroçaram ainda os Itatinos e penetraram até o Chaco, mas não ousaram mais accometter as reduções do Paraná, que por muitos annos gozaram de tranquilla paz.

Como os Paulistas, apesar de alguns raros revezes, continuassem com ardor a perseguir os indios, era fácil indispol-os contra os magistrados que se desejasse desacreditar em seu conceito: bastava dizer-lhes que 'am favoráveis á liberdade dos indígenas. Tal foi o meio de que se serviram os habitantes do Rio de Janeiro para implicar seus vizinhos em uma revolta que projectavam contra o hábil governador Salvador Corrêa de Sá e Benevides. Tinha este partido pelo mez de Novembro para a villa de Santos, donde devia ir fazer vistoria ás minas de Paranaguá. Do Rio, tinham escripto para os Paulistas, dizendo que elle devia ser inimigo delles. pois era amigo dos jesuitas, que conhecia perfeitamente a lingua dos indios, que armaria os escravos contra os senhores e, pois, não deviam recebê-lo. Os Paulistas deram credito ao que lhes diziam e resolveram repellir o governador. Salvador Corrêa não se abalou; continuou sua viagem para o sul, e enquanto allí permaneceu, prestou aos habitantes todos os serviços que pôde, abrindo caminhos, construindo pontes, lançando barcas nos rios, sempre tão affavel como intelligente e corajoso.

* Os Paulistas, que, no meio das acções iniquas que incessantemente commettiam, não eram incapazes de sentimentos generosos, foram sensíveis ao nobre proceder de S. Corrêa; manifestaram-lhe seu reconhecimento e offereceram-lhe seus serviços contra os rebeldes do Rio de Janeiro, que a principio souberam seduzil-os. (*)

No norte do Brasil não se sabia bem o que eram os Paulistas; entretanto não havia quem não tivesse ouvido falar de sua coragem e da habilidade com que faziam a guerra aos indios. Os habitantes da provinda da Bahia, não conseguindo livrar-se dos assaltos contínuos da formidável tribo dos Guerens, recorreram aos Paulistas e chamaram um dos mais famosos chefes desses aventureiros chamado João Amaro. Era mistér que este reunisse seu bando e que, para chegar á Bahia, atravessasse immensos ermos sem caminhos, onde não se podia viver senão de caça e fructos silvestres. Dous annos eram passados, e elles não haviam apparecido ainda. Afinal, em 1678, chega elle á frente de uma multidão de mamelucos exercitados na arte de caçar homens, e acompanhado de indios, Que menos intelligentes que seus senhores, eram tão activos, tão intrépidos

c-;!! *Catalago dos governadores in Rev. trim. II, 53. — Excerpto de um mamu-*
"Pto in *Rev. trim. III, 24. — Pizarro, Mem. hist. III, 209.*



e tão cruéis como elles. Todas as tropas da terra se reúnem ás de João Amaro; partem, atravessam regiões incultas até então desconhecidas, immolam os Índios que resistem, enviam milhares de prisioneiros para a Bahia e livram, por longos annos, do temor dos selvagens a população dessa cidade. Eram tão numerosos os prisioneiros que os venderam a 30 francos por cabeça; mas a tristeza, os maus tratos, o desespero os fizeram morrer tão depressa que os compradores acharam que, ainda por tão vil preço, tinham feito mau negocio. Além da considerável quantia promettida, deram a João Amaro uma larga extensão de terreno e a soberania de uma cidade de que fôra elle o fundador. Mas para os Paulistas, caçadores de homens, era um supplicio o descanso: João Amaro vendeu suas terras e voltou para S. Paulo, disposto a correr novas aventuras. (1)

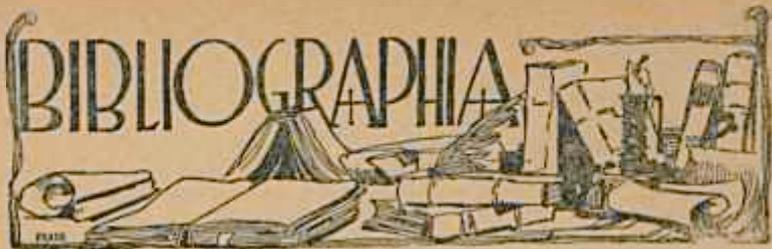
Mais ou menos pela mesma epocha (1674) outro chefe de Paulistas não menos famoso que João Amaro, o intrépido Domingos Jorge, partiu da cidade natal, percorreu os desertos em caça de indios e chegou, após incriveis fadigas, a uma enorme distancia, á região que constitue hoje a provincia do Piahy. Quando se julgava separado do mundo, avistou uma multidão de homens brancos que vinham a elle. Era outro bando que se havia internado pelos sertões, guiado por Domingos Affonso, que pelo seu amor ao deserto recebera a alcunha de *Sertão*. Indizível foi a alegria dos dous chefes ao se encontrarem, contaram-se suas aventuras, continuaram juntos sua expedição e mutuamente se auxiliaram. Aprisionaram grande numero de índios, puzeram em fuga maior numero ainda, e emfim. depois de longos trabalhos, separaram-se. Domingos Affonso Sertão tinha mais elevadas vistas que seu companheiro; na terra conquistada (era assim que diziam) fundou cincoenta fazendas para criação de gado, deu algumas, vendeu outras e deixou trinta á Companhia de Jesus, para que o rendimento fosse empregado em boas obras. Domingos Jorge, esse levou romsigo a maior parte dos captivos e voltou para sua patria. (!)

Impossível fôra contar miudamente todas as expedições que fizeram os Paulistas pelo interior da America do Sul durante quasi dous séculos; mas uma delias é tão gigantesca que eu me culparia se a deixasse em silencio. Sob o commando de Antonio Raposo 60 desses aventureiros, acompanhados de um bando de indios, atravessaram o Brasil de sudeste a noroeste, transpuzeram os Andes e chegaram ao Perú, onde travaram com os Hespanhoes sangrentos combates. Retiraram-se depois, procurando o rio Amazonas ou um de seus affluentes, construíram jangadas, entregaram-se á corrente do rio e foram ter á pequena cidade de Gurupá, onde foram recebidos com generosa hospitalidade pelos habitantes estupefactos; e para voltar a seus lares era mistêr que fizessem ainda atravez dos desertos uma viagem de muitos annos I (2)

(1) Southey, *Hist.* II, 565.

(1) Cazal, *Corog. Bras.* II, 239. — Southey, *Hist.* II, 565. — Ferd. Denis, *Jirisit*, 277.

(2) Southey, *Hist.* II, 668. — José Feliciano Fern. Pinheiro, *Annaes*, 2.» ed. 40.



Medeiros e Albuquerque — FIM
— Monteiro Lobato & Cia. —
São Paulo — 1921.

O admiravel chronista, que é um fino espirito, Medeiros e Albuquerque, é também poeta e não de hoje. Não lhe poderia faltar esta modalidade. A chronica, a verdadeira chronica, como a faz Medeiros, com arte e brilho, é uma forma de poesia. Só a fazem poetas, que do verso guardam as qualidades de symetria, medida, clareza.

O poeta de "Fim" é o mesmo chronista, despreocupado, claro, medido, aberto a todas as luzes, sem mysterios de iniciação occulta.

Seus versos primam por correntios. São pequenas chronicas de vida íntima, breves anotações de um diário da alma.

Feito em rápido» dias — dia a dia,
este livro de paginas banaes
não foi um vôo para a phantasia,
nem desejo de louros immortaes.

Quiz vêr se um sonho de arte poderia,
"o sossobro cruel de tudo mais,
sobre a minha tristíssima agonia
por um pouco de balsamo e de paz.

E' assim que se explica a origem do livro. No mesmo soneto, de que ahí estão os dois quartetos, encontra-se a razão do titulo:

Tendo-o acabado, eu meditava .linda
que nome lhe daria, quando, brusca,
a Morte appareceu ao pé de mim,

e com um tom de uma amargura infinda,
ol e disse: — "Não prolongues tua busca;
Põe a palavra justa: escreve: FIM."

Nestor Victor — O ELOGIO
DO AMIGO — Ed. da "Revis-
ta do Brasil" — S. Paulo —
1921.

Nestor Victor é um escriptor de pensamento, que vem da critica, excellentemente formado. A critica é uma escola, a melhor talvez, porque disciplina e systematiza o estudo, fazendo delle matéria de trabalho e officio. Infunde consciência e confiança nas próprias forças. E' uma forja de independencia mental.

"O elogio do amigo" está bem marcado por essas origens. Trabalho original, é um bello estudo de psychologia applicada, cheio de observações próprias, de acertados juizos, de excellentes e sã philosophia.

"O elogio do amigo", obra de um genero raro entre nós, rende uma homenagem á memoria de Cruz e Souza, o grande illuminado, que se apresenta nas suas paginas como um bello typo de affectividade.

A respeito, escreveu Homero Prates em "O Paiz", de 30 de janeiro:

"Os antigos philosophos, quando cansados de pesquisarem em vão o problema da Verdade e ainda deslumbrados de haverem percorrido os cimos solitários onde cuidavam encontrar-a, recolhiam-se á sua solidão de desilludidos e, pisando a mesma terra, onde se movem todos os humanos, divertiam-se em dissertar sobre coisas terrenas com a precisão, a clareza, a lógica que não tinham os proprios profissionaes das idéas quotidianas.

E, como falavam do Amor, da Sabedoria, da Justiça, da Belleza, com a mesma graça ingênua entre-tinham-se em tratar das coisas ephemeras de cada dia: sobre a vantagem de ser bom, sobre a alegria que proporciona a vista das bellas paizagens, das coisas amaveis do mundo, sobre o convívio das almas de affinidades semelhantes e sobre outros problemas que comquanto ainda vagos para o commum das creaturas, tem para os pensadores a realidade das coisas materiaes.

O sr. Nestor Victor que, sem ser philosopho, nem nunca ter pretendido revelar o mysterio da Esphinge, foi entre nós dos espiritos mais affeitos ás idéas grandes e nobres, acaba de publicar também o seu ensaio que poderia chamar-se *Da amisade*, á maneira classica, se já não tivesse o titulo menos pretencioso e mais simples de *O elogio do amigo*."

Magalhães de Azeredo—ARIA-DNE — Ed. Leite Ribeiro — Rio — 1922.

O labyrintho da vida e do mundo, onde se enredam os homens, offerecendo á arte as mil surpresas dos themas novos e velhos, aliás sempre surprehendentes, exige para a sua penetração, á forra de desvios e desgarres, a solícitude de uma Ariadne e a prudência do seu fio. Magalhães de Azeredo comprehende assim: não ha subtilezas impene-tráveis, quando nos guia a deusa.

Invocando-a, aborda todos os assumptos. dos mais transcendentos aos mais terrenos, tudo como um artista da palavra, tão exímio nesta prosa leve como no verso túrbido de emoções.

"Ariadne" é uma collectanea de chronicas literarias, cuja agradável leitura se faz de uma aswn-tada. Com perto de 270 paginas de excellente papel, constitue um bello volume.

Elysio de Carvalho — BRAVA GENTE — Ed. S. A. Monitor Mercantil — RIO — 1921.

Elysio de Carvalho é um dos nossos mais operosos publicistas. Sua bagagem literaria orça por algumas dezenas de obras de variada natureza, desde o verso á traducção, da critica á economia, da chronica á historia, da criminologia á technica policial. E', pois, um espirito de admiravel plasticidade, para quem não guardam segredos os assumptos.

"Brava gente", seu ultimo livro, está entre a chronica e a historia, chronica como narrativa de factos parallellos á historia e chronica literaria. A epopéa pernambucana do século XVII tem o melhor das suas paginas. Os episodios heróicas que a illustram, são ahí relembrados com carinho e entusiasmo, que fazem de "Brava gente" um livro altamente patriotico.

Pena é que o auctor, no afan de produzir, tenha eivado o seu trabalho com um caracter mēramente noticioso, incompativel com a forma que lhe deu. Thema historico, fóra da historia systematica, é literatura e como tal precisa ser tratado. Não foi aqui o critério seguido. Elysio de Carvalho, escriptor cheio de qualidades, escreveu este livro como quem escreve artigo de fundo.

G. Lacour-Gayet — BONAPARTE, MEMBRE DE L'INSTITUT — Ed. Gauthier-Villars et Cie. — Paris — 1921.

A commemoração do centenário de Napoleão deu logar a uma serie de estudos sobre a grande personalidade que encheu os princípios do século passado. "Bonaparte, membre de l'Institut" é uma dessas obras. Seu auctor, membro da Academia das Sciencias moraes e politicas de Paris, é o sr. G. Lacour-Gayet.

Enriouecem o volume dezieseis fac-similes de cartas e outros documentos.

Durval Moraes—LYRA FRANCISCANA — Ed. "Anuario do Brasil" — Rio — 1921.

O misticismo literário, no Brasil, não se aventurara ainda pelo terreno adjacente dos temas de inspiração francamente religiosa, terreno vedado, ao parecer, ou, pelo menos, sáfaro na aparência. Tamanho é o agnosticismo, que anda no ar, que religião e poesia nos parecem poios opostos, inconciliáveis. Parecem, apenas, porque, em verdade, poesia não é mais que uma expressão do nosso fundo religioso. Na acepção mais pura do termo, são irmãs a religião e a poesia. Só o absoluto desvirtuamento de ambas pela insinceridade, pelo formalismo, pela vacuidade, poderia tel-as distanciando tanto uma da outra.

Assim se compreende como o talento de um poeta pôde irmaal-as de novo, tirando fagulhas de empedernidos temas, postos á margem como incapazes de luz e, menos, de brilho. Por mais incompatibilidade que se tenha ao genero, ao percorrerem-se as paginas da "Lyra Franciscana", de Durval de Moraes, surpreendem-nos as belezas, que o auctor, como que descuidado e desattento, ahi espalhou em meio de irregularidades, arestas e falhas, que infelizmente pontilham o livro.

O soneto — "O apóstolo das cousas" dá a medida das possibilidades do thema e das forças do auctor:

O Apóstolo das Cousas, mensageiro
"o Amor da Cretura degradada,
irazia a natureza acorrentada
Ao seu poder de santo e de troveiro.

A brava fêra, o dulcido cordeiro,
A calhandra que vinha á madrugada
^onvidal-o a rezar por elles, nada
ge a atracção do meigo padroeiro!

A lesma> o sapo, o insecto, a pedra, a
T- f [planta,
Ti, l 3K Ua gen. il. lie o céu espelhas,
TM era amado por sua alma santa.

Vive eterno das almas nas caçoulas,
que ev?va mel para as abelhas
E entretecia ninhos para as rolas.

Como desconhecer ahi um estylo cheio de propriedade e singeleza e uma poesia, que está para além das palavras e acima do verso, na própria essencia do assumpto?

As mesmas virtudes de propriedade e singeleza encontram-se noutras paginas da "Lyra Franciscana", como no terceto final do soneto "Caridade":

Nas papoulas de tuas mãos vermelhas,
Entre flores alvissimas de neve.
Levas mel ás colmeias das abelhas!

Assim também, no soneto "Santa Clara", com toda a sua irregularidade:

A riquissima trama do brocado,
Jóias, encanto, cultb lisonjeiro.
Tudo, de Clara Scifi abandonado
Por uma corda e um habito grosseiro!

Beijo final de exânime troveiro,
Raio de sol de Abril cm seu doirado
Cabello esplende e morre... — derradeiro
Adeus do mundo ao oiro desprezado.

Treva. Extinguiu-se a flamma crepitante
Dos archotes. A Esposa, benta seja,
Vencera a natureza. Nesse instante

O thesoiro rolou... Illuminára
A tenebrosa solidão da egreja
O cabelo de luz de Santa Clara.

Vinicio da Veiga — O HO-
MEM SEM MASCARA — Em-
presa Brasil Editora — Rio —
1921.

O sr. Vinicio da Veiga é um grande escriptor... na Allemanha. De lá nos trouxe um livro e alguns elogios duvidosos. Escreveu-o em allemão e traduziu-o. Ao lêr-se, porém, a edição brasileira, mais parece que se lê a outra ou uma terceira, em certa lingua exótica da costa da Africa, aliás, a única digna e capaz de conter e exprimir a arte que o sr. Vinicio pretende ter feito... E' a única. Porisso o idioma de Albino Forjaz, tresandante a esterquilinio, agravou-se neste livro em algaravia, vasconso ou bundo, ou melhor, tudo ao mesmo tempo, numa só cambulhada.





UM ALMOÇO ⁴⁴ 'GEGA-TATU' "

Enviando recentemente para um grande jornal francez as suas impressões sobre a cozinha brasileira, o professor Mareei Labbé, numa reiterada prova de sympathia pelo nosso paiz, teve oportunidade de se revelar conhecedor profundo do assumpto, tratado então pelo illustre scien-tista com singular carinho.

Reproduzimos a seguir a interessante correspondência do professor Labbé:

"E' preciso ter percorrido, como eu o fiz, com bons amigos, a campanha do Brasil, para bem sentir a belleza desta natureza selvagem, pondo pela arte do homem, o encanto e a simplicidade da vida, a originalidade e excellencia da alimentação e o fervor da amizade brasileira. Jámais me esquecerei desse bello domingo de primavera em que, em seguida á grandiosa visão do Alto da Serra, voltei para um almoço á camponez, um almoço jéca-tatú, na muito hospitaleira fazenda do dr. Baeta Neves, a Granja Maria.

A propriedade acha-se situada na orla da floresta, a floresta virgem, com suas arvores entrelaçadas, suas grandes figueiras de raizes gigantescas, suas lianas, suas intimeraveis parasitas, suas esplendidas orchidéas, suas mattas mysteriosas, por onde rastejam as cobras. Sobre um terreno apropriado, a cujo lado se desenha um jardim com lindas flores, construiu-se uma casinha, composta de um rez do chão alteado, dividido em vários compartimentos abrindo sobre uma "terrasse", onde se repousa, respirando um ar fresco, quando a brisa da tarde abranda os pesados calores do meio dia.

O fazendeiro esquece, ali, as preoccupações da vida medica para entregar-se á agricultura e á criação.

Ha na granja vaccas e cavallos; porcoss de raça indigena, preta, que fornecem uma carne magra, e sobretudo das jaças norte-americanas, que se desenvolvem rapidamente e dão excellentes presuntos; gallos e gallinhas de diversas especies, pombos, etc. E' bem uma fazenda «uropéa, menos arranjada porém com mais asseio. Mostraram-me ahi, como na Argentina, que os porcoss não têm necessidade de se

espojar na lama e que as vaccas não carecem de ter os flancos cheios de crostas, como as crianças que, para gosarem boa saúde, devem ostentar na cabeça, as chamadas "crostas de leite"...

A' nossa chegada o churrasco acabara de cozer. Sobre um tóro de pão espetado no chão, lambidos pelas labaredas da lenha, pedaços de carne de boi assavam ao ar livre. E' este o prato nacional dos habitantes do interior do Rio Grande e da Argentina. A carne assim, cosida "a ponto", é sangrenta e saborosa.

Depois do churrasco veiu a feijoada, o tutú de feijão com linguiça, outro prato nacional, composto de feijão preto com salchicha, um tempero muito apimentado, e pedaços de carne secca, ou salgada, velho processo brasileiro que servia para conservar a carne antes da invenção dos frigorificos. Esta feijoada é com, o seu gosto particular, uma replica ao nosso "cassoulet toulousain".

Veiu em seguida um cuscus á brasileira, reminiscência muito longinqua do cuscus dos Arabes, trazido para aqui pelos imigrantes.

E' feito de farinha de milho misturada com camarões, palmito, ovos e tomates e tem um gosto realmente singular.

Foi servido depois o leitão assado, de carne macia, á moda de Minas, e finalmente o famoso perú á brasileira, magnifico, de carne branca, em fatias delgadas, temperado com um molho no qual entram o figado e o rim e azeitonas. O prato é acompanhado de farinha de mandioca secca, torrada, que é comida com a carne ou, á maneira do camponez, levada antes á bocca com a mão.

A farinha de mandioca, como a farinha de milho e o arroz, substitue o pão, que é mais ou menos desconhecido no interior.

Uma refeição brasileira não termina nunca sem uma série de pratos doces que são, de resto, excellentemente feitos. Têm elles por base o assucar bruto ou refinado, as frutas, as farinhas e a noz de côco. No almoço da Granja Maria tivemos o doce de leite, a compota de leite tão querida dos Argentinos, especie de caramellos liquidos; pudding de côco á moda da Bahia; bom-bocado, outra qua-

lidade de doce de coco; torta de maçãs, tortas de morango e creme.

As frutas são numerosas e variadas no Brasil. Encontram-se aqui a maior parte dos frutos da Europa, que são cultivados nas regiões montanhosas, de clima naturalmente, mais ameno. Ha sobretudo excellentes laranjas e tangerinas, limões doces e deliciosos ananazes; bananas que, colhidas de vez, são superiores às que recebemos em França; a manga, de sabor terebentinado, que alguns consideram a rainha das fructas; jaboticabas, comparadas á carnuda cereja, muito assucaradas; o mamão, semelhante a uma abóbora que pendesse de arvore bastante alta, goiabas, etc.

As frutas têm um grande papel na alimentação dos brasileiros, que della se servem cruas, ou sob a fôrma de compotas, ou ainda como bebidas assucaradas, á guisa de refresco.

No almoço a que alludi, bebemos vinho, velho costume francez, que me parece difficil de desaparecer.

No Brasil, quasi sempre bebe-se agua, ou então infusão de matte, succo de fructas, ou, melhor ainda, o excellent café.

O café é tomado em pequenas ohicaras, das quaes são absorvidas commumente, mais de dez chicaras por dia.

Na classe média, principalmente entre os médicos, a sobriedade é regra, sendo-se abstêmio por gosto e por principio.

Num jantar intimo offerecido a um novo professor da Faculdade de Medicina, no qual tive o prazer de tomar parte, não oi servida nenhuma bebida alcoolica, nem vinho, nem licores. Era, disseram-me, o terceiro jantar desse genero. Os hygienistas primam, assim, pelo exemplo.

^lia, com effeito, uma parte da população que se entrega, perigosamente, ao alcoolismo: são os negros e os mulatos.

Sua bebida predilecta é o paraty, ou cachaça, espécie de aguardente forte, resultante da distillação da canna de assucar.

Uma especie particular — a cannamirim dá, pela distillação, uma aguardente mais doce, com um vago perfume de rum. O ananaz, cortado em fatias e Posto a fermentar com agua e assucar em garrafas, dá uma bebida gazosa, chamada pomposamente, no Brasil, "champagne de ananaz".

Finalmente, na região meridional, no Rio Grande do Sul, cultiva-se a vinha e labr.ca-se o vinho.

o almoço excellent do dr. Baeta Nes, temperado com o sal da amizade, foi do n^o 1^o da cozinha do interior do Brasil. Mas, não devemos acreditar n^o 1^o, "d. os habitantes da campanha tenham idéntico "menú".

A alimentação ahi deve ser communit^o di^o cre, a julgar pelo physico rur^o 6^o da pa^o U^o dez dos trabalhadores

hem^o Bra^o *^o é extremamente vasto, comprehen^o é, mas, recursos alimentares e habitos culinários muito diversos.

A alimentação dos negros differê da dos brancos, como differê da dos Indios, hoje encontrados apenas em regiões muito afastadas.

Ha a cozinha da Bahia, a cozinha de Minas, a cozinha do Rio Grande do Sul.

A da Bahia emprega o peixe, a fruta e sobretudo a pimenta, tendo firmado a reputação de fazer arder a bocca e queimar o estomago; a do Rio Grande, serve-se principalmente da carne.

Ha, aliás, em cada uma dessas cozinhas excellentes receitas. Algumas delias foram já introduzidas nos "menú" francezes, e acredito que muitas outras mereceriam a mesma atenção.

Citarei apenas alguns exemplos aos amadores da gastronomia: o vatapá, o caruru e a moqueca, que são pratos de peixe, aves, ou carne secca moída, misturados com azeite de dendê e temperados com muita pimenta, limão, azeitona e diversaservas aromaticas; a cangica, creme de milho assucarado, perfumado com aniz e flôr de laranja; o cozido de carne de boi, composto de mais elementos que o cozido hespanhol, cujo caldo, addicionado de farinha de mandioca, serve para o preparo de uma papa designada com o nome de pirão; as frigidieiras, compostas de peixes ou de crustáceos cozidos no azeite, completadas com ovos batidos e leite de coco, formando uma massa compacta; o sarrabulho, especie do nosso guizado de lebre, feito com ligado, coração e sangue de porco; a gallinha molho-pardo, como o nosso guizado de gallinha; o escabeche, preparado com peixe frito no azeite e posto de molho no vinagre fortemente temperado; a farofa, feita de farinha de mandioca cozida comervas e addicionada de ovos duros picados, própria para ser comida com peixe, carne, etc., etc.

Essas receitas, além de muitas outras, bem mereciam ser reunidas em um livro de cozinha.

Isso, porém, não é de minha competência.

Eu não sou mai» que um apreciador e dietetista. Sob esse duplo titulo foi que devia dar aos amadores uma idéa da alimentação brasileira, depois de tela experimentado, á sombra das grandes florestas, nas cercanias de S. Paulo."

(D' "O Jornal").

A SANTA DOS BRASILEIROS

A princesa Isabel morreu...

Dir-se-á que Deus dilatou-lhe a existência para melhor refulgir da sua aureola. Os seus cabelos brancos diziam bem da brancura da sua alma. Nunca uma imagem poética enquadrou-se tanto numa verdade humana.

Quando, ha trinta e dois annos justos da sua morte, os homens da Republica triumphante baniram-na e, na companhia dolorosa dos velhos pais, enclausuraram-na no bojo mesquinho do "Alagoas", olhos, perolados, coração constringido, nervos.



distendidos de emoções, seus lábios trêmulos cerravam-se ás queixas, ás jivectivas, ás maldições... Cahia do throno, sem travo de rancor, ella que um anno apenas transcornado, redimira milhões de escravos, atpondo sentimentos de humanidade a interesses dynasticos, ella que quebrara algemas de captivos, recebendo bênçãos da maioria da nação, excepção dos escravocratas ferrenhos, advenas republicanos no momento do triumpho e tantos l'oje cozenhores do regimen...

Embarcara ali no paço, em noite de mau tempo, ao luar débil de archotes, numa lancha a tangar nas aguas reussianas da Guanabara, sob os olhares inquisitorias dos mandantes do movimento, como criminosa que se leva, no embuço da madrugada, á guilhotina.

E o exilio era bem mais cruel que o cadafalso a almas transbordantes de amor e devotamento ao Brasil, como as da familia de Pedro III Depois... a travessia penosa, rastejante, melancholica do "Alagoas", guardado pelo cerbéro do "Riachuelo" até o equador. Cabo Frio a esfumar-se no horizonte, Fernando de Noronha, derradeiro recórte de terra natal a sumir-se também, para sempre...

D. Luiz Bragança, flôr noble da bella estirpe dos imperantes brasileiros, recorda no seu soberbo livro "*Sous la croix du Sud*" esse emocionante despedir-se da patria: estavam todos no convés, de bruços na amurada, olhando enternecidamente a sombra do archipelago que se afastava... Pedro II, magestoso, sereno na dôr immensa; a doce imperatriz, sem iepresar as lagrimas; o conde d*Eu, a princeza, as crianças, a comitiva... dos fieis. Bem poucos... quem o não sabe!

Manchava o azul do céu, rente ao mar, o pingo de Fernando. Mas ia mingando, espaiarecendo-se, diluindo-se na visão... E o "Alagoas** amaranando-se, amaranando-se...

O monarcha rascunhou num papel phrase de saudade, assignou, todos assignaram. Trouxeram um pombo, ataram-lhe ao pescoço a mensagem e a ave liberta esvoaçou, alou-se, voou, voou... Longe, enfraquecido, tonto, o mensageiro fraqueou, caiu nas aguas quietas, immensas.

Presagio, talvez... Presagio, sim. Para os exilados... para as suas esperanças de rever a sua terra.

No paiz de refugio, quando os imperadores já se haviam adormecido no tumulto, "esperando a voz da Historia", dona Isabel continuou a evangelizar os filhos no amor ao Brasil, no perdão ás offensas, no fazer préces ao ceu pela grandeza da patria. Jamais conspiraram, jamais tentaram derramar o sangue patriótico, a serviço dos seus interesses de realeza.

E esses tres filhos cresceram, ticaram homens, illustres, brasileiros, patriotas. A uni delles, fidalgo de espirito e de coração, a Republica cerrou as portas, no seu delírio de amedrontamento, a que a clarividência e o desassombro do senhor Epitácio Pessoa puzeram termo.

Agora, num remate calmo á velhice resplandecente, dona Isabel, a princeza Isabel, deixa o mundo. Toda a sua patria commove-se e abençoa-lhe o nome de Redemptora. A Republica desce, em funeral a bandeira nacional e vai traz-la para o seio da terra brasileira.

Todos sentem que passou uma mulher extraordinar^a: — pela realeza, pelo ãofrimento, pela fé, pelo coração.

Se um dia o Brasil merecer uma santa, a princeza Isabel será a nossa, como Joanna d'Arc o é dos francezes.

Uma, salvou a patria; outra, redimiu uma raça.

Mario Sette.

("Jornal do Commercio", de Recife).

UMA LENDA UBÍQUA

O miez de maio de 1899 passei-o eu, quasi todo, em Santa Cruz, na Bahia, com o major Salvador Pires de Carvalho e Aragão, encarregado, pelo governo do Estado, de levantar a planta da bahia Cabralia e de estudar a região, determinando os pontos de mais realce na historia do descobrimento do Brasil.

Installados na casa da Camara Municipal da Villa, sobrado de cinco janellas, cujos baixos serviam de cadeia, com um quarto para o carcereiro, o qual, tendo apenas um preso que, ás vezes, saia á porta "para apanhar fresco", regressando axi cárcere quando bem lhe parecia, viviamos como em um seio de Abrahão.

O meu prazer era ficar á janella, olhando a costa e a immensa bahia em cujas aguas fundeou a frota de Cabral, e, andando com os olhos de um outro ponto, guiado pela famosa e fidelissima carta de Vaz de Caminha, recompunha *in situ*, com personagens imaginarias, mas que se moviam como se fossem reaes, o grande acontecimento, com todos os episodios citados pelo escrivão, desde a primeira visão do monte Pascoal, a descida á praia coalhada de selvagens, a missa, as cenas alegres do gaiteiro, até o triste abandono dos degredados que ficaram chorando entre as dunas, com os olhos alongados, seguindo as velas que se perdiam no horizonte.

A' noite, emquanto na igreja, a dous passos da Camara, soavam os cânticos glorificadores da Virgem, desciamos e, no frescor que vinha do oceano e que se embalsamava com o aroma trazido pela brisa da floresta próxima, ficavamos conversando.

Em cima, um velho negro agitando uma toalha, aos berros, enxotava os morcegos dos nossos aposentos, para que, durante o somno, não nos fosse cobrado o tributo de sangue.

O carcereiro, que nos rondava, faxendo jus ao café e a cigarros, era um narrador pittoresco e conhecia todas as lendas da região. Uma das que mais nos interessaram e que nos foi confirmada pelo Dr.



Antonio Ricardi da Rocha Castro, de Porto Seguro, dizia de um milagre em tudo igual ao que se deu na costa do Rio de Janeiro, com Estácio de Sá, e que salvou o fundador da cidade de perecer ás mãos dos selvagens.

"Ahi pelos annos die 1797-98, piratas francezes, avisinhando-se da costa, em tres navios, encontraram um barco tripulado por um pescador de nome Reginaldo. Aprisionaram-no e, com ameaças, exigiram que elle os guiasse a ancoradouro seguro, onde ficassem sobre ancora, podendo desembarcar. Escusou-se habilmente Reginaldo ao officio de traidor, dizendo não conhecer a costa, que evitava, por ser sempre hostilizado pelos naturaes.

Não desanimaram os francezes e, remando para a Coroa Vermelha, desembarcaram em bateis, tomando pé na restinga.

Esperou-os em terra Pedro Corrêa, com dez companheiros e travou-se o combate com fúria igual de parte a parte. Começavam, porém, a ceder os de terra quando, do lado da egreja, na collina, rompeu a todo o galope de um Cavallo branco, á frente de um bando de soldados, um lindo mancebo acobertado de armadura que fais-cava ao sol. Investindo com os invasores, repelliu-os pelo mar deniro, a golpes formidáveis.

Uns conseguiram alcançar os bateis, remando aforçadamente para os navios, e muitos pereceram no mar.

O cavalheiro formoso e rutilante, que desapareceu, com os seus homens, logo depois da victoria, não era outro senão S. Sebastião, santo que é tido em grande veneração em Santa Cruz, sendo o seu dia festejado com cerimoniaes religiosas, danças e cantares do povo.

Reginaldo, levado pelos piratas, foi deixado em Cayenna, de onde se transportou a Portugal, vindo mais tarde para Santa Cruz, onde morreu velhissimo.

Falando do milagre, dizia elle que muitos dos francezes que escaparam do guerreiro mysterioso morreram a bordo de gangrena, por se haverem cortado nas conchas e nas cascas de mariscos da taininha da Coroa Vermelha".

A lenda, tal como a refiro, é corrente em Santa Cruz e em Porto Seguro e as festas com que é commemorado na velha egreja colonial o dia do santo batalhador, lie é o de vinte de janeiro, de algum modo fundamenta a tradição da terra, conservada na memoria dos velhos, que a transmittem ás crianças e aos que por ali Passam, como no-la transmittiu, com o pittoresco da sua linguagem e os arrebatamentos dos seus arranques dramaticos, o carcereiro da cadeia de Santa Cruz. Será, em verdade, uma lenda local ou reflexo^{da} que fez com que Estácio de Sá consagrasse a cidade que fundou ao glorioso martyr de Narbonna?

Fis um bom quebra-cabeça para os pesquisadores. Elles que o destrincem.

("A Noite", do Rio).

Coelho Netto.

INTELLIGENCIA E CULTURA

Para consolar-nos do nosso estado de incultura geral ou de certos defeitos de caracter, proclamamos muitas vezes, numa immodestia, entre ingénua e ridicula, que sobram na nossa gente os dons naturaes de intelligencia, de gosto artístico, de vivacidade espirital. Existe realmente esta famosa intelligencia? sob que fórmats dilectas, ella se concretiza? Se é possível fazer arbitrariamente uma distineção nitida entre as manifestações diversas da superioridade oriental, p r intelligencia devem entender-se, sobretudo, as facultades de assimilação e compri lensão rápidas, de penetração, de graça, ue harmonia, mais criticas do que criadoras, essencialmente curiosas e universaes. Voltaire, Goethe e, mais do que todos, Anatole France, por exemplo, se nos apresentam como alguns dos seus representantes supremos. O talento, mais perto do génio, significaria de preferencia a facultade criadora cu constructora, quasi sempre limitada a determinadas especialidades, quando nellas não se encerram, como em verdadeiros compartimentos estanques. Na literatura contemporânea, Flaubert, autor de alguns ou, pelo menos, de um romance mm-irtal, mas destituido de senso critico, e quasi medíocre nas outras espheras da vida de espirito, é um exemplo typico de grande talento especializado sem intelligencia correspondente. Os pintores realistas de paisagens, de animaes, ou de pequenas scenas de "estaminet", e interior hollandez, que, no Museu de Amsterdam nos preparam para o deslumbramento final da "Ronda nocturna", de Rembrandt, dão-nos também a imagem perfeita de certos talentos artísticos, que não chegaram ao génio. Não será, de algum modo, o caso de Augusto Comte, depois do génio de Tascái ou de Descartes? Neste sentido restricto em que se confunde com a imaginação criadora, é claro que o talento não se limita, ás manifestações das bellas artes ou de ciencias puras. Em todas as actividades da vida que chamamos "praticas", elle pôde revelar-se com equal brilho e equal efficiencia: na politica, na administração publica, no commercio, nas industrias, no mundo dos negocios ou nas profissões liberaes de certas ciencias applicadas.

Onde encontramos, no desenvolvimento da nossa vida collectiva, os s'gnaes desta intelligencia, que tanto alardeamos, ou, destes talentos especializados que e tecem mais do que os génios, com a trama clas^{sica} da paciência? Parece-me justamente que o que poderia notar qualquer observador sagaz, acompanhando de perto a agitação da nossa própria "elite", seria uma lamentavel falta da capacidade critica, de raciocínio independente, de espirito, de graça, do senso das proporções, deficiências mal equilibradas por certas curiosidade á flôr da pelle e certa vivacidade ephemera, que se cansa, e se exhaure aos primeiros esforços sérios. Temos em verdade, mais talvez do que outro qualquer paiz do continente, em condições

idênticas de cultura, talentos literários e oratórios, ainda não crystalizados até hoje, num gênio qualquer. Depois de um século de presumida ou efectiva actividade mental, é ridiculo o contingente que podemos offerecer á historia da civilisação. Onde, de facto, o nosso grande nome para o patrimonio das sciencias? Onde o nosso pintor, o nosso escultor, o nosso architecto, o nosso musico, que tenham deixado de si traços definitivos de personalidades superiores, capazes de resistir á corrosão do tempo, tão pouco "galante nomo" no julgamento destes trabalhos da intelligência e da imaginação?

Na poesia que constitue, pelas tendências herdadas ou pela própria contingência do estado inferior da nossa cultura a grande arte nacional, pela quantidade, ao menos, dos seus cultores, poderíamos citar algumas figuras de primeira ordem, mas que não conseguiram quebrar o estalão commum: Castro Alves e Raymundo Corrêa, por exemplo, e sobre os dois, Olavo Bilac, que reunia ao talento poético uma das intelligencias mais claras, mais equilibradas da nossa sub-raça. Entre os escriptores contemporâneos, Machado de Assis ficará naturalmente como a encarnação mais pura dos dotes de espirito, de sensibilidade, de penetração, de medida, dotes que permitem a Anatole France, actualmente a supremacia universal da intelligencia. Euclides da Cunha, indice quasi perfeito das virtudes e dos defeitos espirituacs da sua gente, e o sr. Ruy Barbosa, constituem casos singulares, de classificação difficil. Este, pela sua maravilhosá capacidade de assimilação, de raciocínio, de expressão, de eloquência e gosto artistico, acentuadamente juditivo e pouco visual, honraria em qualquer tempo e em qualquer paiz a intelligencia da especie. Mas, evidentemente, falta-lhe alguma coisa para o equilibrio final, falta que não deixa de chocar ao menos attento ou ao mais entusiasta dos seus admiradores e que explicará amanhã a repercussão mediócre de sua grande obra: certo senso das realidades praticas, talvez a intuição psychologica, isto é, a aptidão de conhecer e julgar os homens e as coisas que se lhe agitam em torno.

Não nos illudamos, pois, adormecendo os nossos cuidados na fé da nossa intelligencia. Esta se suppre pelo trabalho, pela cultura, pela auto-educacão. Vindos de cruzamento de raças e povos intellectualmente inferiores, nada nos preparava para a alta vida de espirito. Sem tradições, sem ambiente, sem estímulos exteriores, es nossos esforços terão que ser «calmante heroicos para integrar-nos no movimento universal das idéas e levar assim o nosso contingente para a grande obra da civilisação. A certeza tão pouco modesta e tão pouco posta em prova de que nos salvam e nos afiançam os dias futuros os nossos dons innatos de espirito pode ser tão perigosa e tão contraproducente, quanto o antigo lyrismo patriótico, que queria converter o Brasil no paraiso romântico

de Rocha Pitta. A terra é ingrata e nada de notável ainda revelou a gente que a habita: só os esforços pertinazes de trabalho, de educação e de cultura poderão preparar-lhe um dia o largo e formoso destino que ingenuamente suppomos possa surgir "ex-nihilo" da fructificação espontânea de uma ou do jogo arbitrario e desorientado da outra...

José Maria Bello.

(D'"0 Jornal").

UM LIVRO BRASILEIRO

Na revista de letras e artes argentina "Nosotros", a melhor publicação no genero do paiz vizinho, d. Luis Fascarella, reputado critico, escreve com o litulo acima, um artigo sobre "Senhora de Engenho" do nosso collaborador Mario Sette. Transcrevemol-o, em vernáculo, abaixo:

— "De todas as literaturas sul-americanas nenhuma é tão pouco conhecida entre nós como a do Brasil."

Assim começava Martin Garcia Merou, faz 25 annos, um formoso trabalho apparecido na "La Bibliotheca".

Mais adiante, referindo-se ao intercambio com o resto dos paizes sul-americanos, acrescentava: "Só, em rara excepção, uma obra surgida sob estrellá propicia, adquire, entre nós, carta de cidadania, como acontece com esse terno idyllio que Estrada teve o mau gosto de comparar á Graziellc; e a "María", de Jorge Isaac, converte-se em breviário amoroso cas iandadas imaginações de quinze annos."

Ha se modificado sensivelmente essa situação actualmente? Não o cremos, pelo menos no que se refere ao Brasil.

Por coincidência, ao tempo em que no bonde folheiro a novella de Mario Sette, leio, através a vidraça, o annuncio dythirambico que apregoa a imminente appareição, em doses semanaes, do "merenguito" colombiano, e, por contraste, sem maior exame, mais me convenço de que hoje como hontem a producção intellectual brasileira nos é tão desconhecida como na época de Garcia Merou.

Qual a causa?

Radica-se, indubitavelmente, na falta duma obra de arte que interesse, do mesmo modo que, bóa ou mediócre, nteresou a novella de Jorge Isaac e, em certo grau, "O Mulato" de Aluizio Azevedo. Não acreditamos que obra semelhante possa ser substituída pelo conclamado intercambio de oradores das universidades, ou cortezes visitas de funcionarios ou edis, por mais democráticos que sejam, cujos efeitos se dissipam como as borbulhas de champaña que, por motivo tão faustoso, se derrama a taças cheias...

A obra de arte, quando o é, abre brecha por si só, embora nasça no Thibet. Que o digam Gogol, Lermentof, Sienkwich, Ibsen e cem outros que não necessitaram a mediação previa de introdutores officiaes ou officiosos para obter ampla hospitalidade em nosso espirito.

Essa obra, a estamos esperando, seja de Cuba, de Quito, de Rio, de Porto Rico. A origem, repetimol-o, importa pouco. Mas, em que pese á nossa bõa vontade, a cada correio andamos de microscopio na mão para perceber uma ou outra pepita de ouro occulta na montanha de papel impresso que nos chega.

A novella de Mario Sette constitue uma excepção a essa regra geral e suas paginas nos revelam, em synthese, que o Brasil volve também á nobre e fecunda realista. Lá, como aqui, começa a produzir náuseas a "belleza maquillada". Estamos fartos, fartissimos, de arabescos, filigranas, brunidores, buriladores, entregues á eunucha tarefa de bordar em bastidores...

A novella, que é o molde artistico mais amplo, porque admite todos os assumptos, todos os problemas, não pode quedar circumscripta á combinação mais ou menos arresvada de vocábulos que a critica equivalente traduz como "estilo delicado, amplitude, esquisita sensibilidade" e outras frioleiras semelhanças. Se, pela sua forma, desde as primeiras linhas deve isso que saem chamar estylo, revelar uma "maneira", pelo seu conteúdo deve exteriorizar anhelos, inquietudes, problemas materiaes e espirituas que trabalham a consciéncia de determinada collectividade. Não foi em vão que Taine começou a sua Historia da Litteratura Ingleza dizendo que é este o melhor meio de se conhecer a verdadeira historia dum povo. "As almas mortas" de Gogol, por exemplo, com ser obra darte de primeira ordem, revelou a podridão que se accultava sob o regimen tzarista, e sua apparição decretou a emancipação dos servos.

No romance de Mario Sette rrsotnam certos problemas: o do Norte e Sul, o predomínio da politicagem, e, sobretudo, defende-se a bondade dos costumes tradicionaes que se cultivam em o engenho de assucar "Aguas Claras", lugar da accão.

Sua these, se a tem, é essa, pois se trata dum joven provinciano, Nestor, um pouco "snob", seu tanto de hereje, que «jepos de peregrinar pelo Rio, e depois «e casar-se com a filha de um magistrado carioca — como quem diz portenha — eonclue convencendo-se da excellencia da «ua terra. Regressa e radica-se definitivamente no solar dos seus maiores, convertendo a esposa de flor da cidade em "se-nhora de engenho".

A concepção, como se vê, não é de TOTlo original. Desde "El sabor de la ijerruca" de Pereda á formosa novella de j-ça de Queiroz, os antecedentes sobram, na a execução é digna de encomios. Fora da propriedade do ambiente, o autor não abusa do dialogo, meio a que muito se corre. OS, com ser realista, não incorre na minúcia descriptiva, chavão do trV naturalismo. Os caracteres estão bem sio sustentados, e se o padre Ely-diar representa o tipo me-ano do Clero brasileiro, cabe, reconhecer Am. Se c. ero é o ma-s illustrado da America do Sul.

Dar-nos-famos por satisfeitos se esta noticia provocasse a leitura da obra de Sette, que, se prosequir na tarefa emprehendida, não tardará em occupar um posto saliente nas letras do seu paiz.

Luis Pascarello.

ERA UMA CRIANÇA...

— "Mas, afinal de contas, era uma criança...

— Sim, era uma criança, apenas uma criança... Tinha quinze mezes... Não chegava a anno e meio... Era uma criança clara e roliça, com uma pelle de setim rosado, dous grandes olhos de um castanho quasi preto, dous olhos que pareciam espantados de serem assim tão bonitos sob a franja dos ciliros compridos, e uma pennugem loira, loira cm vez de cabelo. Um loiro fino, leve, imponderável que se encaracolava em pennacinhos petulante no meio da cabeça á guisa de cacho... Era uma criança... como todas as outras talvez... única para mim, única... E tão linda!...

Não fazes idéa... Pelo pequenino rsgão vermelho da bocca viam-se-lhe as contas claras dos dentes quando ria... Pois ria, sabes, vivia rindo, um riso sem malicia, despreoccupado, sonóro... Era como um guiso de crystal a tinir... a tinir... acordando no meu coração um éco argentino de alegria. Gostava tanto de ouvU-o rir, gostava... O que não gostava eu delle?... Era uma criança, vês, uma criança sómente... Era a minha criança... comprehendes?... A minha... Seus grandes olhos de innocencia e de confiança quando se abriam, de manhã, era para mim, para mim que sorriam... Ah! estes olhos... Vejo-os a toda hora, sinto-os ainda presos aos meus, estes olhos tão límpidos na puerilidade do seu candor, tão cheios de expressão, tão luminosos de vida... Estes olhos que se voltavam para mim como para a suprema providencia, que a minha presença enchia sempre de uma alegria saciada e completa... estes olhos que se abriram tão grandes, tão escuros, tão tristes no ultimo instante... Se soubesses a falta que me faz o olhar desses queridos olhos!... E o passo... O seu pequenino passo a correr a casa, miúdo e vivo, um passo onde havia qualquer cousa de um adejo. Tenho-o ainda no ouvido, i uço-lhe a cada hora o éco buliçoso... Sei, no emtanto, que nunca mais me virá surprender, no silencio agora completo do meu quarto socegado, onde não r.a mais brinquedos, roupas esparsas, desordem que denunciava a sua pequenina presença irrequieta, aquella desordem que era o meu prazer...

Parou o passo como se calou a voz, a voz... um gorgoeio e um canto, a vçz que exigia alimento, pedia para sahir, e me reclamava, e me chamava e, constantemente, me queria...

— Falava então já?...

— Sinto a tua involuntária reticencia de duvida... Pensas naturalmente que exagero, que o via atravez o prisma do meu amor ie que me faço delle uma imagem favorecida e melhor... Não é exagero, asseguro-te, era assim intelligente, e lindo e raro... Foi por isso, talvez, foi por isso... Perguntas se fallava?... Sim, fallava, papagueiava, gorgeiava...

Não o chamava eu, ás vezes, meu passarinho louro?

Fallava palavras de duas syllabas, trez quando muito, um vocabulario restricto e pessoal que a mimica da sua facesinha completava e o gesto das mãosinhas expressivas impériosunente explicava... Dizia cousas leves, vivas, pequenas como elle, cousas atôa... Era quasi -empre o espanto, a curiosidade surpresa deante dos objectos, das pessoas, da vida... A curiosidade, o deslumbramento, o receio...

Talvez não fallasse ainda muito direito... Não dizia tudo... não pôde dizer, coitadinho!... quando doente, onde lhe doia e quanto soffreu!...

Sim, talvez não fallasse tudo... Mas havia uma palavra que dizia admiravelmente, uma que sabia entre todas e era como a expressão mesma da sua pequenina alma que despertava, uma palavra que condensava tudo para elle e lhe resumia todos os desejos, todas as ambições, todos os amores... Era: mamã.

Ah! como a sabia dizer!...

Dava-lhe todos os tons, todas as modalidades, todas as nuanças. Fazia-a caricia, queixa, supplica, prece, exprobação, agradecimento...

Fazia delia toda uma linguagem, de ternura, de confiança, de comprehensão mutua, rica de todas as expressões do sentimento, eloquente de todos os effluvios do carinho.

Já vês que tinha razão quando te dizia que falava...

Para mim falava pois me chamava: mamã!...

Dirás que é a iminha imaginação que me tortura nessas reminiscências pungentes e inúteis, não é a minha imaginação, é a minha memoria... A memoria de meus olhos, de meus ouvidos, de meu olfacto cheio ainda do perfume delle, do seu fresco perfume de diminuta llor hu-

mana, a memoria do meu coração... todo o seu pequenino ser ameaçado pelo obscuro perigo que não podia presentir, supremo pedido de socorro para a maior força, a maior potencia que elle conhecia... mamã!... E nunca saibas, nunca saibas o que é ter gravado no peito, com aquella expressão, essas duas syllabas dilacerantes!...

— Mas...

— Não, não digas. Já sei o que vais dizer, o eterno estribilho de todos: era uma criança.

Uma criança não tem importancia, passou tão de leve que não deixou traço quasi, esquece-se depressa... Para uma

Disse mamã até o fim, sabes... Os dentes cerrados pela convulsão tentavam ainda articular-o, no instinctivo appello de criança não ha encommendação, nem miséria de sétimo dia... não se põe luto. Todas essas fallaciosas manifestações exteriores da dor humana não se applicam a uma criança... E, no entanto, no entanto... Uma criança enche-nos muito mais o coração do que um homem, deixamos muito mais vasilos os braços... Um homem tem vida própria, personalidade independente, vontade opposta, um homem desprende-se de nós, tem o seu rumo, já não é tão nosso... Uma criança é o que ha de mais nosso no mundo!...

Uma criança... Se nunca tiveste uma, a encher-te a casa e a alma, não a queiras ter... Não saberás, assim, o que é perdel-a... a injustiça de perdel-a... Ninguém te fallará em tempo, esse tempo, inexorável e compassivo, esse tempo que todos invocam como o único, o supremo anesthesio das grandes dores, esse tempo com o qual me acenam como consolação, esse tempo que odeio, pois todos enxergam nelle aquelle que, a pouco e pouco, ha de esbater em sombra a pequenina figura adorada, tão colorida e viva ainda na minha lembrança, tão luminosa er quente sempre no meu amor... Odeio o tempo, que cada vez mais me apartará do meu pequenino, desse pequenino, que foi tão grande na minha vida e é tão grande, tão grande na minha saudade..."

Maria Eugenia Celso.

(Do "Jornal do Commercio", do Rio).



DEBATES E PESQUIZAS

O PROBLEMA DA IMMORTALIDADE

Baseando-se em experiencias realizadas no Instituto Rockefeller por Loeb, Ca-rel e seus colaboradores, chega-se a affirmar que já não ha razão para que a existência dos seres vivos não possa ser prolongada indefinidamente.

Funda-se essa affirmação nos seguintes factos:

W. N. Lewis de Baltimore, tendo demonstrado que os tecidos do embrião de gallinha eram susceptíveis de se desenvolver em soluções inorganicas, Carrel procurou provar que taes culturas podiam ser conduzidas a durar mais que a vida do próprio animal. Durante a guerra experiencias foram feitas nesse sentido por Ebeling.

Para esse fim, 16 fragmentos do coração e dos vasos de um embrião de gallinha de 8 dias, foram reservados em janeiro de 1912 e postos em cultura a 39° C, em «ma mistura, em partes eguaes, de plasma de gallinha e extracto liquido de embrião do mesmo animal.

Ao fim de dois meres, onze fragmentos cessavam de proliferar e podiam ser considerados mortos. Outros quatro dos cinco sobreviventes foram abandonados no cor-^{ra} das semanas seguintes, depois de accidentes ou de contaminação, de modo que em setembro, oito mezes após o inicio da experiência, não restava mais que um só, constituído de elementos conjunctivos derivados indirectamente do tecido cardíaco.

Sete annos depois de posto em cultura, esse fragmento continua a proliferar como no primeiro dia.

Considerando esses factos, Augusto Lumiere acha que não bastam para autorisar a ^{1.ª} ^{2.ª} ^{3.ª} ^{4.ª} ^{5.ª} ^{6.ª} ^{7.ª} ^{8.ª} ^{9.ª} ^{10.ª} ^{11.ª} ^{12.ª} ^{13.ª} ^{14.ª} ^{15.ª} ^{16.ª} ^{17.ª} ^{18.ª} ^{19.ª} ^{20.ª} ^{21.ª} ^{22.ª} ^{23.ª} ^{24.ª} ^{25.ª} ^{26.ª} ^{27.ª} ^{28.ª} ^{29.ª} ^{30.ª} ^{31.ª} ^{32.ª} ^{33.ª} ^{34.ª} ^{35.ª} ^{36.ª} ^{37.ª} ^{38.ª} ^{39.ª} ^{40.ª} ^{41.ª} ^{42.ª} ^{43.ª} ^{44.ª} ^{45.ª} ^{46.ª} ^{47.ª} ^{48.ª} ^{49.ª} ^{50.ª} ^{51.ª} ^{52.ª} ^{53.ª} ^{54.ª} ^{55.ª} ^{56.ª} ^{57.ª} ^{58.ª} ^{59.ª} ^{60.ª} ^{61.ª} ^{62.ª} ^{63.ª} ^{64.ª} ^{65.ª} ^{66.ª} ^{67.ª} ^{68.ª} ^{69.ª} ^{70.ª} ^{71.ª} ^{72.ª} ^{73.ª} ^{74.ª} ^{75.ª} ^{76.ª} ^{77.ª} ^{78.ª} ^{79.ª} ^{80.ª} ^{81.ª} ^{82.ª} ^{83.ª} ^{84.ª} ^{85.ª} ^{86.ª} ^{87.ª} ^{88.ª} ^{89.ª} ^{90.ª} ^{91.ª} ^{92.ª} ^{93.ª} ^{94.ª} ^{95.ª} ^{96.ª} ^{97.ª} ^{98.ª} ^{99.ª} ^{100.ª} ^{101.ª} ^{102.ª} ^{103.ª} ^{104.ª} ^{105.ª} ^{106.ª} ^{107.ª} ^{108.ª} ^{109.ª} ^{110.ª} ^{111.ª} ^{112.ª} ^{113.ª} ^{114.ª} ^{115.ª} ^{116.ª} ^{117.ª} ^{118.ª} ^{119.ª} ^{120.ª} ^{121.ª} ^{122.ª} ^{123.ª} ^{124.ª} ^{125.ª} ^{126.ª} ^{127.ª} ^{128.ª} ^{129.ª} ^{130.ª} ^{131.ª} ^{132.ª} ^{133.ª} ^{134.ª} ^{135.ª} ^{136.ª} ^{137.ª} ^{138.ª} ^{139.ª} ^{140.ª} ^{141.ª} ^{142.ª} ^{143.ª} ^{144.ª} ^{145.ª} ^{146.ª} ^{147.ª} ^{148.ª} ^{149.ª} ^{150.ª} ^{151.ª} ^{152.ª} ^{153.ª} ^{154.ª} ^{155.ª} ^{156.ª} ^{157.ª} ^{158.ª} ^{159.ª} ^{160.ª} ^{161.ª} ^{162.ª} ^{163.ª} ^{164.ª} ^{165.ª} ^{166.ª} ^{167.ª} ^{168.ª} ^{169.ª} ^{170.ª} ^{171.ª} ^{172.ª} ^{173.ª} ^{174.ª} ^{175.ª} ^{176.ª} ^{177.ª} ^{178.ª} ^{179.ª} ^{180.ª} ^{181.ª} ^{182.ª} ^{183.ª} ^{184.ª} ^{185.ª} ^{186.ª} ^{187.ª} ^{188.ª} ^{189.ª} ^{190.ª} ^{191.ª} ^{192.ª} ^{193.ª} ^{194.ª} ^{195.ª} ^{196.ª} ^{197.ª} ^{198.ª} ^{199.ª} ^{200.ª} ^{201.ª} ^{202.ª} ^{203.ª} ^{204.ª} ^{205.ª} ^{206.ª} ^{207.ª} ^{208.ª} ^{209.ª} ^{210.ª} ^{211.ª} ^{212.ª} ^{213.ª} ^{214.ª} ^{215.ª} ^{216.ª} ^{217.ª} ^{218.ª} ^{219.ª} ^{220.ª} ^{221.ª} ^{222.ª} ^{223.ª} ^{224.ª} ^{225.ª} ^{226.ª} ^{227.ª} ^{228.ª} ^{229.ª} ^{230.ª} ^{231.ª} ^{232.ª} ^{233.ª} ^{234.ª} ^{235.ª} ^{236.ª} ^{237.ª} ^{238.ª} ^{239.ª} ^{240.ª} ^{241.ª} ^{242.ª} ^{243.ª} ^{244.ª} ^{245.ª} ^{246.ª} ^{247.ª} ^{248.ª} ^{249.ª} ^{250.ª} ^{251.ª} ^{252.ª} ^{253.ª} ^{254.ª} ^{255.ª} ^{256.ª} ^{257.ª} ^{258.ª} ^{259.ª} ^{260.ª} ^{261.ª} ^{262.ª} ^{263.ª} ^{264.ª} ^{265.ª} ^{266.ª} ^{267.ª} ^{268.ª} ^{269.ª} ^{270.ª} ^{271.ª} ^{272.ª} ^{273.ª} ^{274.ª} ^{275.ª} ^{276.ª} ^{277.ª} ^{278.ª} ^{279.ª} ^{280.ª} ^{281.ª} ^{282.ª} ^{283.ª} ^{284.ª} ^{285.ª} ^{286.ª} ^{287.ª} ^{288.ª} ^{289.ª} ^{290.ª} ^{291.ª} ^{292.ª} ^{293.ª} ^{294.ª} ^{295.ª} ^{296.ª} ^{297.ª} ^{298.ª} ^{299.ª} ^{300.ª} ^{301.ª} ^{302.ª} ^{303.ª} ^{304.ª} ^{305.ª} ^{306.ª} ^{307.ª} ^{308.ª} ^{309.ª} ^{310.ª} ^{311.ª} ^{312.ª} ^{313.ª} ^{314.ª} ^{315.ª} ^{316.ª} ^{317.ª} ^{318.ª} ^{319.ª} ^{320.ª} ^{321.ª} ^{322.ª} ^{323.ª} ^{324.ª} ^{325.ª} ^{326.ª} ^{327.ª} ^{328.ª} ^{329.ª} ^{330.ª} ^{331.ª} ^{332.ª} ^{333.ª} ^{334.ª} ^{335.ª} ^{336.ª} ^{337.ª} ^{338.ª} ^{339.ª} ^{340.ª} ^{341.ª} ^{342.ª} ^{343.ª} ^{344.ª} ^{345.ª} ^{346.ª} ^{347.ª} ^{348.ª} ^{349.ª} ^{350.ª} ^{351.ª} ^{352.ª} ^{353.ª} ^{354.ª} ^{355.ª} ^{356.ª} ^{357.ª} ^{358.ª} ^{359.ª} ^{360.ª} ^{361.ª} ^{362.ª} ^{363.ª} ^{364.ª} ^{365.ª} ^{366.ª} ^{367.ª} ^{368.ª} ^{369.ª} ^{370.ª} ^{371.ª} ^{372.ª} ^{373.ª} ^{374.ª} ^{375.ª} ^{376.ª} ^{377.ª} ^{378.ª} ^{379.ª} ^{380.ª} ^{381.ª} ^{382.ª} ^{383.ª} ^{384.ª} ^{385.ª} ^{386.ª} ^{387.ª} ^{388.ª} ^{389.ª} ^{390.ª} ^{391.ª} ^{392.ª} ^{393.ª} ^{394.ª} ^{395.ª} ^{396.ª} ^{397.ª} ^{398.ª} ^{399.ª} ^{400.ª} ^{401.ª} ^{402.ª} ^{403.ª} ^{404.ª} ^{405.ª} ^{406.ª} ^{407.ª} ^{408.ª} ^{409.ª} ^{410.ª} ^{411.ª} ^{412.ª} ^{413.ª} ^{414.ª} ^{415.ª} ^{416.ª} ^{417.ª} ^{418.ª} ^{419.ª} ^{420.ª} ^{421.ª} ^{422.ª} ^{423.ª} ^{424.ª} ^{425.ª} ^{426.ª} ^{427.ª} ^{428.ª} ^{429.ª} ^{430.ª} ^{431.ª} ^{432.ª} ^{433.ª} ^{434.ª} ^{435.ª} ^{436.ª} ^{437.ª} ^{438.ª} ^{439.ª} ^{440.ª} ^{441.ª} ^{442.ª} ^{443.ª} ^{444.ª} ^{445.ª} ^{446.ª} ^{447.ª} ^{448.ª} ^{449.ª} ^{450.ª} ^{451.ª} ^{452.ª} ^{453.ª} ^{454.ª} ^{455.ª} ^{456.ª} ^{457.ª} ^{458.ª} ^{459.ª} ^{460.ª} ^{461.ª} ^{462.ª} ^{463.ª} ^{464.ª} ^{465.ª} ^{466.ª} ^{467.ª} ^{468.ª} ^{469.ª} ^{470.ª} ^{471.ª} ^{472.ª} ^{473.ª} ^{474.ª} ^{475.ª} ^{476.ª} ^{477.ª} ^{478.ª} ^{479.ª} ^{480.ª} ^{481.ª} ^{482.ª} ^{483.ª} ^{484.ª} ^{485.ª} ^{486.ª} ^{487.ª} ^{488.ª} ^{489.ª} ^{490.ª} ^{491.ª} ^{492.ª} ^{493.ª} ^{494.ª} ^{495.ª} ^{496.ª} ^{497.ª} ^{498.ª} ^{499.ª} ^{500.ª} ^{501.ª} ^{502.ª} ^{503.ª} ^{504.ª} ^{505.ª} ^{506.ª} ^{507.ª} ^{508.ª} ^{509.ª} ^{510.ª} ^{511.ª} ^{512.ª} ^{513.ª} ^{514.ª} ^{515.ª} ^{516.ª} ^{517.ª} ^{518.ª} ^{519.ª} ^{520.ª} ^{521.ª} ^{522.ª} ^{523.ª} ^{524.ª} ^{525.ª} ^{526.ª} ^{527.ª} ^{528.ª} ^{529.ª} ^{530.ª} ^{531.ª} ^{532.ª} ^{533.ª} ^{534.ª} ^{535.ª} ^{536.ª} ^{537.ª} ^{538.ª} ^{539.ª} ^{540.ª} ^{541.ª} ^{542.ª} ^{543.ª} ^{544.ª} ^{545.ª} ^{546.ª} ^{547.ª} ^{548.ª} ^{549.ª} ^{550.ª} ^{551.ª} ^{552.ª} ^{553.ª} ^{554.ª} ^{555.ª} ^{556.ª} ^{557.ª} ^{558.ª} ^{559.ª} ^{560.ª} ^{561.ª} ^{562.ª} ^{563.ª} ^{564.ª} ^{565.ª} ^{566.ª} ^{567.ª} ^{568.ª} ^{569.ª} ^{570.ª} ^{571.ª} ^{572.ª} ^{573.ª} ^{574.ª} ^{575.ª} ^{576.ª} ^{577.ª} ^{578.ª} ^{579.ª} ^{580.ª} ^{581.ª} ^{582.ª} ^{583.ª} ^{584.ª} ^{585.ª} ^{586.ª} ^{587.ª} ^{588.ª} ^{589.ª} ^{590.ª} ^{591.ª} ^{592.ª} ^{593.ª} ^{594.ª} ^{595.ª} ^{596.ª} ^{597.ª} ^{598.ª} ^{599.ª} ^{600.ª} ^{601.ª} ^{602.ª} ^{603.ª} ^{604.ª} ^{605.ª} ^{606.ª} ^{607.ª} ^{608.ª} ^{609.ª} ^{610.ª} ^{611.ª} ^{612.ª} ^{613.ª} ^{614.ª} ^{615.ª} ^{616.ª} ^{617.ª} ^{618.ª} ^{619.ª} ^{620.ª} ^{621.ª} ^{622.ª} ^{623.ª} ^{624.ª} ^{625.ª} ^{626.ª} ^{627.ª} ^{628.ª} ^{629.ª} ^{630.ª} ^{631.ª} ^{632.ª} ^{633.ª} ^{634.ª} ^{635.ª} ^{636.ª} ^{637.ª} ^{638.ª} ^{639.ª} ^{640.ª} ^{641.ª} ^{642.ª} ^{643.ª} ^{644.ª} ^{645.ª} ^{646.ª} ^{647.ª} ^{648.ª} ^{649.ª} ^{650.ª} ^{651.ª} ^{652.ª} ^{653.ª} ^{654.ª} ^{655.ª} ^{656.ª} ^{657.ª} ^{658.ª} ^{659.ª} ^{660.ª} ^{661.ª} ^{662.ª} ^{663.ª} ^{664.ª} ^{665.ª} ^{666.ª} ^{667.ª} ^{668.ª} ^{669.ª} ^{670.ª} ^{671.ª} ^{672.ª} ^{673.ª} ^{674.ª} ^{675.ª} ^{676.ª} ^{677.ª} ^{678.ª} ^{679.ª} ^{680.ª} ^{681.ª} ^{682.ª} ^{683.ª} ^{684.ª} ^{685.ª} ^{686.ª} ^{687.ª} ^{688.ª} ^{689.ª} ^{690.ª} ^{691.ª} ^{692.ª} ^{693.ª} ^{694.ª} ^{695.ª} ^{696.ª} ^{697.ª} ^{698.ª} ^{699.ª} ^{700.ª} ^{701.ª} ^{702.ª} ^{703.ª} ^{704.ª} ^{705.ª} ^{706.ª} ^{707.ª} ^{708.ª} ^{709.ª} ^{710.ª} ^{711.ª} ^{712.ª} ^{713.ª} ^{714.ª} ^{715.ª} ^{716.ª} ^{717.ª} ^{718.ª} ^{719.ª} ^{720.ª} ^{721.ª} ^{722.ª} ^{723.ª} ^{724.ª} ^{725.ª} ^{726.ª} ^{727.ª} ^{728.ª} ^{729.ª} ^{730.ª} ^{731.ª} ^{732.ª} ^{733.ª} ^{734.ª} ^{735.ª} ^{736.ª} ^{737.ª} ^{738.ª} ^{739.ª} ^{740.ª} ^{741.ª} ^{742.ª} ^{743.ª} ^{744.ª} ^{745.ª} ^{746.ª} ^{747.ª} ^{748.ª} ^{749.ª} ^{750.ª} ^{751.ª} ^{752.ª} ^{753.ª} ^{754.ª} ^{755.ª} ^{756.ª} ^{757.ª} ^{758.ª} ^{759.ª} ^{760.ª} ^{761.ª} ^{762.ª} ^{763.ª} ^{764.ª} ^{765.ª} ^{766.ª} ^{767.ª} ^{768.ª} ^{769.ª} ^{770.ª} ^{771.ª} ^{772.ª} ^{773.ª} ^{774.ª} ^{775.ª} ^{776.ª} ^{777.ª} ^{778.ª} ^{779.ª} ^{780.ª} ^{781.ª} ^{782.ª} ^{783.ª} ^{784.ª} ^{785.ª} ^{786.ª} ^{787.ª} ^{788.ª} ^{789.ª} ^{790.ª} ^{791.ª} ^{792.ª} ^{793.ª} ^{794.ª} ^{795.ª} ^{796.ª} ^{797.ª} ^{798.ª} ^{799.ª} ^{800.ª} ^{801.ª} ^{802.ª} ^{803.ª} ^{804.ª} ^{805.ª} ^{806.ª} ^{807.ª} ^{808.ª} ^{809.ª} ^{810.ª} ^{811.ª} ^{812.ª} ^{813.ª} ^{814.ª} ^{815.ª} ^{816.ª} ^{817.ª} ^{818.ª} ^{819.ª} ^{820.ª} ^{821.ª} ^{822.ª} ^{823.ª} ^{824.ª} ^{825.ª} ^{826.ª} ^{827.ª} ^{828.ª} ^{829.ª} ^{830.ª} ^{831.ª} ^{832.ª} ^{833.ª} ^{834.ª} ^{835.ª} ^{836.ª} ^{837.ª} ^{838.ª} ^{839.ª} ^{840.ª} ^{841.ª} ^{842.ª} ^{843.ª} ^{844.ª} ^{845.ª} ^{846.ª} ^{847.ª} ^{848.ª} ^{849.ª} ^{850.ª} ^{851.ª} ^{852.ª} ^{853.ª} ^{854.ª} ^{855.ª} ^{856.ª} ^{857.ª} ^{858.ª} ^{859.ª} ^{860.ª} ^{861.ª} ^{862.ª} ^{863.ª} ^{864.ª} ^{865.ª} ^{866.ª} ^{867.ª} ^{868.ª} ^{869.ª} ^{870.ª} ^{871.ª} ^{872.ª} ^{873.ª} ^{874.ª} ^{875.ª} ^{876.ª} ^{877.ª} ^{878.ª} ^{879.ª} ^{880.ª} ^{881.ª} ^{882.ª} ^{883.ª} ^{884.ª} ^{885.ª} ^{886.ª} ^{887.ª} ^{888.ª} ^{889.ª} ^{890.ª} ^{891.ª} ^{892.ª} ^{893.ª} ^{894.ª} ^{895.ª} ^{896.ª} ^{897.ª} ^{898.ª} ^{899.ª} ^{900.ª} ^{901.ª} ^{902.ª} ^{903.ª} ^{904.ª} ^{905.ª} ^{906.ª} ^{907.ª} ^{908.ª} ^{909.ª} ^{910.ª} ^{911.ª} ^{912.ª} ^{913.ª} ^{914.ª} ^{915.ª} ^{916.ª} ^{917.ª} ^{918.ª} ^{919.ª} ^{920.ª} ^{921.ª} ^{922.ª} ^{923.ª} ^{924.ª} ^{925.ª} ^{926.ª} ^{927.ª} ^{928.ª} ^{929.ª} ^{930.ª} ^{931.ª} ^{932.ª} ^{933.ª} ^{934.ª} ^{935.ª} ^{936.ª} ^{937.ª} ^{938.ª} ^{939.ª} ^{940.ª} ^{941.ª} ^{942.ª} ^{943.ª} ^{944.ª} ^{945.ª} ^{946.ª} ^{947.ª} ^{948.ª} ^{949.ª} ^{950.ª} ^{951.ª} ^{952.ª} ^{953.ª} ^{954.ª} ^{955.ª} ^{956.ª} ^{957.ª} ^{958.ª} ^{959.ª} ^{960.ª} ^{961.ª} ^{962.ª} ^{963.ª} ^{964.ª} ^{965.ª} ^{966.ª} ^{967.ª} ^{968.ª} ^{969.ª} ^{970.ª} ^{971.ª} ^{972.ª} ^{973.ª} ^{974.ª} ^{975.ª} ^{976.ª} ^{977.ª} ^{978.ª} ^{979.ª} ^{980.ª} ^{981.ª} ^{982.ª} ^{983.ª} ^{984.ª} ^{985.ª} ^{986.ª} ^{987.ª} ^{988.ª} ^{989.ª} ^{990.ª} ^{991.ª} ^{992.ª} ^{993.ª} ^{994.ª} ^{995.ª} ^{996.ª} ^{997.ª} ^{998.ª} ^{999.ª} ^{1000.ª} ^{1001.ª} ^{1002.ª} ^{1003.ª} ^{1004.ª} ^{1005.ª} ^{1006.ª} ^{1007.ª} ^{1008.ª} ^{1009.ª} ^{1010.ª} ^{1011.ª} ^{1012.ª} ^{1013.ª} ^{1014.ª} ^{1015.ª} ^{1016.ª} ^{1017.ª} ^{1018.ª} ^{1019.ª} ^{1020.ª} ^{1021.ª} ^{1022.ª} ^{1023.ª} ^{1024.ª} ^{1025.ª} ^{1026.ª} ^{1027.ª} ^{1028.ª} ^{1029.ª} ^{1030.ª} ^{1031.ª} ^{1032.ª} ^{1033.ª} ^{1034.ª} ^{1035.ª} ^{1036.ª} ^{1037.ª} ^{1038.ª} ^{1039.ª} ^{1040.ª} ^{1041.ª} ^{1042.ª} ^{1043.ª} ^{1044.ª} ^{1045.ª} ^{1046.ª} ^{1047.ª} ^{1048.ª} ^{1049.ª} ^{1050.ª} ^{1051.ª} ^{1052.ª} ^{1053.ª} ^{1054.ª} ^{1055.ª} ^{1056.ª} ^{1057.ª} ^{1058.ª} ^{1059.ª} ^{1060.ª} ^{1061.ª} ^{1062.ª} ^{1063.ª} ^{1064.ª} ^{1065.ª} ^{1066.ª}

durecem", phenomeno que fatalmente conduz á morte do colloide.

A consequência do amadurecimento é a diminuição progressiva da somma das superficies dos grânulos. Porisso as reacções chimicas que se effectuam sobre essas superficies para as permutas vitæ, tornam-se cada vez menos intensas.

O amadurecimento colloidal depende da idade do colloide, isto é, do individuo. Os phenomenos da nutrição perderão, pois, a sua actividade com o tempo.

Do ponto de vista histologico, a senilidade corresponde á invasão dos orgams pelo tecido conjunctivo e esse processus se explica facilmente pelas propriedades dos colloides, que variam segundo a estrutura das cellulas. Os colloides das de tipo epithelial estão em estado de grande actividade, o que torna rápido o amadurecimento das "micelles" e curta a vida das cellulas. Os colloides do tecido conjunctivo evoluem mais lentamente e a longevidade desses tecidos é mais considerável. A consequência, pois, é a predominância cada vez mais considerável do tecido conjunctivo, á proporção que o individuo avança em idade.

Dadas essas considerações, que pensar da immortalidade das cellulas, dos tecidos e dos seres?

Será preciso impedir a evolução des colloides para a floculação. Não terá is'o subverter as propriedades fundamentaes da matéria e as leis da physica mollecular?

Tudo faz crêr, pois, que o ser vivo seja sempre mortal.

FINALIDADE ASTRONOMICA

Andam os astrônomos, ultimamente, assás preocupados com a lua. Notaram nella coisas... grandes florestas... Dahi a conclusão de um delles: o satellite é habitado. Mas outro, convicto, desmentiu-o: qual! a lua está morta, coberta de gelo. Aquilio de florestas, simples effeitos de reflexos. E' verdade que a lua, a principio fora estrellinha, fez-se, passados millenios, planetinha; depois, tendo se resfriado gradualmente, viu-se um dia com a sua superficie reseccada, banhada de mares e cortada de rios. A terra, então, produzia nesses mares lunáticos terriveis marés. Não tardou que, uma floresta de cogumelos, gigantescos, cobrisse toda a superficie da lua. Vieram depois, cada um a seu tempo, os vegetaes mais nobres.

Por ultimo, os rios e os mares começaram a pullular de vidas de animalculos esque'tos, informes... Os animaes menos nobres, invertebrados, surgiram & tona da vida.

O tempo ia rodando sem pressa, os batrachios, os peixes, as aves e os mamíferos vieram apparecendo. A atmosphera da lua, terrivelmente carregada de gazes asphyxiantes, ia-se depurando. Preparado o ambiente propicio, coroa e remate da criação, appareceu o homem na lua. Naturalmente o Adão primitivo e a Eva

primitiva, lá da lua, eram rudes, feios e pelludos...

Entretanto, dotada de intelligencia, a raça humana lunatica, passou da caverna para as habitações lacustres, destas para as tabas, e das tabas para as cidades. Quando a lua attingiu o século XX, a sua civilização era, como a nossa, estúpida. Tudo quanto temos, os lunáticos tiveram. Grandes capitaes — Paris, Londres e Berlin. Conheceram a imprensa, e a luz electrica, o gramophone e a aviação, o cinema e o telegrapho sem fio... A lua iria muito longê. Mas no seu anno de 1914 houve lá uma terrivel conflagração que durou 4 annos. Durante vinte annos a lua soffreu as consequências da guerra: anarchismo, carestia de vida, cambio desafinado e impostos exhorbitantes. Afinal, depois de vários ensaios sociologicos, o soffredor povo lunático, viu a sua situação melhorada, com o regimen do imposto único, que um abnegado Henry George inventou, antes da guerra. Foi então a lua um paraíso, um seio de Abrahão. A riqueza era igualmente dividida, a justiça salomonicamente distribuída, o trabalho bastante remunerador. Com o desaparecimento da miséria, desapareceu a raça espúria dos criminosos e dos vadios. O governo da lua arranhou receita farta para abrir innumerables escolas, com que extinguiu, de vez, o seu analphabetismo; protegeu as sciencias e artes; abriu (stradas de rodagem; saneou as terras pestíferas; pôz cobro á mortalidade infantil; vulgarizou os conhecimentos da hygiene; combateu o alcoolismo e o jogo. Dahi, por deante, séculos sem conta rolaram sobre a felicidade do povo lunático. A população cresceu insolitamente. Como a lua tornárase exigua para abrgar tanta gente, formaram-se cidades flutuantes sobre mares, lagos e rios. A população deu de expandir-se pelas alturas, nos arranha céos e nos aeroplanos.

Chegára, ao auge, a civilização lunatica. Cumprira a lei fatal da evolução.

Veio, em seguida, a contraevolução.

O solo resfriava, pouco a pouco. As condições de vida pioravam. Primeiro, desapareceram os homens, soberbamente collocados no supremo degrau da escala zoologica. Por ordem, foram se extinguindo todos os animaes, miúdos e graúdos. Os miúdos resistiram mais. A vez chegou dos vegetaes: todos desapareceram.

O gelo cobriu a lua. Espectro do que fôra, hoje é cadaver.

..

Sabido é que a lua provoca na terra duas accões: physica e poetica. Provoca marés, inspira poetas. Por esta ultima razão se deprende que isto de se preoccupar com a lua, é mais de poetas do que de astrônomos.

Vivam, pois, os astrônomos nos mundos dos astros maiores, e deixem aos Cytha-

redos e aos loucos o viver no mundo da lua...

Mas, prosigamos na nossa astronomia. O astrónomo, a que me venho referindo (não se perca pelo nome!), com uma ponta de ironia perversa, avança que a terra, tal qual a lua, terá a sua agonia lenta. A terra morrerá. Depois de morta, será lua. Uma lua grande, redonda, prateada.

Imaginemos, por um instante, a finalidade da terra.

Approxima-se a hecatombe. Em breve a terra, gélida, não favorecerá a vida. Tudo perecerá. Mas nada tão trágico como o desaparecer, lento e lento, da portentosa civilização terrestre. Monumentos de arte, monumentos do espirito — cidades, esta-tuas, livios; riquezas em oiro, cabedades da cultura; a tradição da Universal História, com os seus heróes, guerreiros, estadistas, reis e poetas; as partituras dos maestros, os quadros dos pintores, os pensamentos dos philosophos, a eloquencia dos oradores, as descobertas scientificas, as cathedraes e as religiões, as maravilhas da industria, as preciosidades dos museus — tudo, tudo, será sepulto em montanhas de gelo, no vórtice do cataclysmo cosmico.

A terra sem côr, sem vida, gélida — será cadaver. Cadaver enorme que guardará, em suas entranhas, a historia dos homens, seus desesperos, suas dôres, seus sonhos, seu fulgor...

A lua então, será vista de planetas proximos, onde pullulem vidas e esplendam civilizações, e seus luares inspirarão poetas extranhos, porque os seus luares vão impregnados de revelações do que fomos, do que gosámos, do que soffremos, do que fizemos e do que sonhámos... E cantos vibrarão em novas lyras!

Ha de haver um Gonçalves Dias que nos saudará:

Salve, ó astro fulgido,
Que brilhas docemente,
Melhor que o lume tremulo
D'estrella inquieta, ardente,
Melhor que o brilho esplendido
Do sol ferindo o mar.

Eu te amo, 6 Lua pallida,
Vagando em noite bella,
Rompendo as nuvens túrbidas
Da rispida procella;
Eu te amo até nas lagrimas
Que fazes derramar.

A terra, é bem verdade, terá o seu fim. I'ndará a sua civilização, porque tudo, no universo, é perecível.

Uma cousa, entretanto, se eternisa: o Poder do sonho, a essencia divina da nossa precaria humanidade.

A lua, o nosso terno satellite, cuja "Umanidade soffreu e sonhou, é de alguma sorte um cadaver impressionante. Com o seu olhar parado, tem a pupila fuscante de mysterios penetráveis, de sonhos adormecidos... O luar derrama sonhos na terra.

E a terra, quando lua fôr, por sua vez, propagará sonhos que irão vivendo, de astro a astro, de humanidade a humanidade, nas vias lacteas dos céos.

Isto porque o sonho, superior a todos os cataclysmos, não participa da animalidade perecível, é espirital, é eterno.

Rib. Preto, 1922.

Octávio Silveira.

A ACÇÃO ANTISEPTICA DO FUMO

A fumaça dos fumos fracos e fortes tem uma acção antiseptica perfectamente nítida "in-vitro", mas que apparece fraca nas experiencias "in vivo", como o provam as investigações de V. Puntoni. Este auctor fez agir a fumaça dos cigarros sobre os microbios espalhados numa superficie ainda húmida da mucosa intestinal do coelho, constando que nessas condções o vibrião colérico começava a desaparecer depois de 35 minutos, com um gasto de 7 grammas de fumo. Após duas horas, gastos dois charutos, ainda vivia o bacillo typhico. (Boletim do Instituto Pasteur).

A acção da nicotina é muito pouco importante. A acção da fumaça sem nicotina é tão antiseptica como a do fumo completo. A philtragem da fumaça em algodão retém a nicotina e os productos fimpyrematicos, egualmente bactericidas. Si se philtra a fumaça na agua, o liquido se torna antiseptico, devido á presença de aldehyde formico e pyrrol.

Si é possível' admitir a acção germicida do fumo na cavidade buccal, não pôde ser mais que sobre germens frageia como os meningococos. Certamente, não influe sobre microbios resistentes como o bacillo diphterico ou os microbios pyrogenos.

AS NOVAS IDÉAS DIRECTRIZES DOS POVOS E SEUS CONFLICTOS

Em todas as edades da humanidade, comprehendidos sem duvida esses períodos longinquos, da pre-historia em que o trabalho da pedra era a única industria conhecida, os povos que se succederam no scenario do mundo tiveram por guias um pequeno numero de idéas directrizes derivadas de seus sentimentos e de suas necessidades synthetisadas sob a forma de crenças. Orientando a conducta, ellas davam a todos os membros de um mesmo povo sentimentos communs, interesses communs, pensamentos communs.

Até uma época recente ainda, o absolutismo dos deuses e o absolutismo dos reis marcavam ao pensamento humano limites de que este se não afastava.

Uma das caracteristicas da hora actual é a dissociação dos antigos principios sobre os quaes se fundavam as sociedades.

As perturbações de toda sorte ereadas pela guerra continuaram esta dissocia-

ção e provocaram novas aspirações na alma popular.

Todas essas aspirações sendo inconsistentes e por vezes contradictórias, os homens de Estado são condemnados a uma política "au jour le jour", indifferentes aos imprevistos do dia de amanhã. As multidões, tendo perdido a confiança nos seus chefes, obedecem a esses primitivos instintos que renascem sempre quando a antiga armadura de uma sociedade é abalada.

Essas multidões são, aliás, governadas também por illusões mysticas que regem o mundo desde as idades longínquas em que, ás bordas do Nilo, o homem edificava templos ás divindades creadas por seus sonhos.

A forma das illusões mudou, mas o fundo é o mesmo. Elles pertencem a esse cyclo de forças mysticas cujo papel foi sempre preponderante na historia.

Os convictos que, na idade das cruzadas, lançaram a Europa sobre o Oriente, os mussulmanos que fundaram um vasto império apoiando-se sobre uma fé nova, os communistas que invadem hoje a Asia para propagar seus dogmas, obedecem a influencias mysticas idénticas.

Mas a estrutura do mundo actual tornou-se tão complicada e tão dominada por imperiosas necessidades economicas que as illusões sociaes modernas se esbarram a um muro de necessidades intransponiveis que o mundo antigo não conhecia.

Si bem que a Europa esteja ainda no chãos, é possível já fixar algumas das idéas directrizes mais influentes.

As mais importantes são representadas pelo nacionalismo, internacionalismo e socialismo.

O nacionalismo, de que o patriotismo é uma forma, é defendido por todos os governantes e considerado por elles como uma necessidade histórica. Elles sabem que o culto da patria fez sempre a força das nações e a decadencia destas começa com o enfraqueciemnto daquelle.

O internacionalismo, professado sobretudo pelas classes operarias, representa a tendencia exactamente contraria. Regeitando a idéa da patria pretende estabelecer uma fraternidade universal entre os povos, sem se preocupar das differenças de mentalidade e de interesses que as separam.

Sob o ponto de vista puramente nacional, esta concepção é defensável. Fora mesmo do vago sentimentalismo que impelle as classes operarias dos diversos paizes a fraternisar, a evolução industrial do mundo conduz os povos a uma Interdependencia crescente donde resulta para elles a necessidade de se ajudarem mutuamente em vez de se destruírem. ^

Infelizmente, esta necessidade de inter-

dependência é de ordem puramente racional. Ora, a razão se mostrou sempre pouco efficaz contra as impulsões passionaes, as illusões e as divergências de interesses que determinam os conflictos dos povos.

Os governos modernos acham-se assim em presença desta antinomia: favorecer o internacionalismo que representa o futuro, mas deixa um povo desarmado, ou desenvolver o nacionalismo com todos os armamentos perniciosos que envolve para se proteger contra as aggressões que a situação politica do mundo torna prováveis.

A mesma antinomia se apresenta na luta do socialismo contra o individualismo. Os progressos do socialismo são universaes. Elie representa a forma ultima da idéa de equaldade, cuja realisação completa estabeleceria segundo seus adeptos o paraizo da terra.

Da velha divisa revolucionaria sempre presente aos nossos olhos, só a equaldade progrediu. A liberdade e a fraternidade tornaram-se palavras sem prestigio. Apezar de sua força o sonho socialista esbarrará sempre em obstáculos intransponiveis, derivados uns da estrutura psychologica do homem, outros das necessidades economicas moderna.

E' que, com a pretensão de se apoderar de todas as industrias e submettel-as a uma gestão collectiva representada pelo Estado, o socialismo chega forçosamente a um estatismo geral cujas experiencias cem vezes repetidas mostraram muitas vezes effectos desastrosos. Si esses resultados são idénticos em todos os paizes e todas as industrias, é simplesmente porque a gestão collectiva destroe os mais poderosos estímulos psychologicos da actividade humana; o interesse pessoal, o senso das responsabilidades, a iniciativa, a vontade, isto é os elementos geradores de todos os progressos que transformaram as civilisações.

Não era necessaria a experiencia socialista feita na Rússia para prever a consequência de uma gestão socialista generalisada.

Apezar de sua inferioridade psychologica e economica, o socialismo tem em seu favor essa grande força de constituir uma religião nova. Tem por discipulos os desherdados da vida, os descontentes e todos os inadapitados que ás grandes 'ivilisações arrastam. O odio e a esperanca formam a armadura desta fé nova. A historia mostra, em cada uma de suas paginas, que o homem não soube jamais9 passar sem crenças mysticas.

Será somente com os últimos homens que perecerão os últimos deuses.

As diversas idéas directoras precedentemente enumeradas: nacionalismo, internacionalismo e socialismo, teem adeptos

bastante numerosos já para aspirar á bastante, isto é, a essa dominação que gozaram sempre os partidos políticos ou religiosos tornados bastante fortes para tentar impor-se. Tal outr'ora a nobreza e o clero, tal hoje o proletariado, reclamam a dictadura.

Essa necessidade de hegemonia se apresenta sob aspectos diversos: hegemonia economica, industrial e militar, especialmente.

Da antiguidade aos nossos dias, a necessidade de hegemonia militar orientou a politica dos governantes. Conduziu a Allentanha á guerra e a Inglaterra a todas as conquistas territoriaes realisadas por ella desde os começos da paz.

Esta universal necessidade de hegemonia que guia ainda a conducta de certos governos modernos, ninguém a confessa. Os homens de Estado que presidem ao destino dos povos se pretendem fora desse preconceito. E' assim, por exemplo, que num de seus últimos discursos, o primeiro ministro da Grã Bretanha desejava "a criação de uma federação dos povos destinada a impedir que a ambição e a cupidez não mergulhem jamais o universo nesse chãos de miséria que se chama a guerra".

Si bem que o sentido das palavras seja facilmente transformado pelos diplomatas, seria verdadeiramente bem difficil ao eminente ministro inglez attribuir a motivos outros que aquelles que ella critica. Isto é "a ambição e a cupidez", bases da necessidade de hegemonia, as conquistas territoriaes da Inglaterra desde os começos da paz. Não foi sem difficuldade que certos paizes, a Turquia e a Pérsia por exemplo, conseguiram evitar a sorte das colónias germanicas.

Essa discordância completa entre a conducta dos homens de Estado e seus discursos tem razões psychologicas profundas. Os discursos se referem a um ideal «leorico mais ou menos longinquo e não

realisavel ainda, enquanto que a conducta reflecte unicamente as aspirações hereditárias do povo que os governantes dirigem.

Um homem de Estado só tem influencia quando é o espelho das aspirações de sua raça. Poderá pregar aos homens a fraternidade, a solidariedade, mas se conduzirá segundo principios muito differentes.

Ninguém deve admirar-se de vêr per toda parte os armamentos augmentarem ao mesmo tempo que se multiplicam projectos de desarmamento. Essa contradicção representa uma phase nova dessa eterna luta entre os sentimentos e a razão, e onde a razão é muitas vezes vencida.

Um ministro japonéz assegurava, recentemente, que se não puzessem termo^ aos armamentos, os armamentos poriam fim á civilisação. Eu o creio igualmente, mas creio também que um desarmamento material é uma operação illusoria si não se conseguem desarmar as mentalidades creadoras desses armamentos^ Seria mister a sagacidade de todos os deuses do Olympo para resolver um tal problema.

Gustavo Le Bon.

(Dos "Annales", de Paris).

A THEORIA DA RELATIVIDADE

Depois das observações apresentadas á Academia das Sciencias de Paris, por l'ainlevé, sobre o thema "A mecânica classica e a theoria "Relatividade", com as quaes provou que ha uma boa parte de imaginação no systema do philosopho allemão Einstein, E. Picard, por sua vez, acaba de confirmar, do ponto de vista physico, a demonstração de Painlevé sobre o terreno da mccañica.

E. Picard assignala quanto são numerosas as hypotheses, mais ou menos dissimuladas, na theoria da Relatividade. O futuro dirá — conclue elle — ité que ponto as novas ideias, si receberem novas confirmações experimentaes, poderão incorporar-se ao bom senso médio da humanidade.





NOTAS DO EXTERIOR

USOS, COSTUMES E LENDAS DA ALUAXIA

Sob o ponto de vista e>h'co, a Albania é como uma Ilhota perdida em meio de regiões povoadas por homens de raça slava e prega, ou antes, como uma península ligada ao continente pelo Isthmo do Eplro.

A raça albaneza, graças & conformação geographica do território que occupa, conseguiu conservar seu caracter particular: as raças latinas, gregas, slava, turcas puderam deslsar por ella, mas nunca a penetraram. As próprias religiões — diz o general Salle — nao foram um elemento de penetração. Ha na Albânia tantos ciirlstaos orthodoxos quando musulmanos, sem contar os mirdltes, povo do norte, que ffito cathollos romanos. Mahometano ou chrilstao, o autochtone 6 antes de tudo albanez, istoé, nao conhece outra lei senão a dos seus antepassados.

O albanez descende dos antigos pelasgios, dos quaes um ramo se desenvolveu na Grécia. sem, allfts, guardar relações com o tronco de origem. Sua historia é tao antiga como a de suas montanhas. Diftte das outras raças balticas pela lingua, pelos usos e pelos costumes.

Intitula-se a si mesmo "iiklpetar". Isto é, o rei das montanhas. Ser um verdadeiro "Skipetar" 4 ser um homem livre, que despreza os vlsinhos, nao accetta nenhuma lei, sft conhece as suas armas e que voltará, bem depressa ao asylo Inviolável das suas montanhas.

A raça albaneza se apresenta como um bloco Irreductivel, t.lo altiva como a agula de plumas eriçadas, com a qual Skanderbergr, o herôe da independença contra os turcos, decorou a bandeira nacional. A agula era o emblema de Pyrrho, re* do Eplro e vencedor do romanos.

Paiz fechado como uma fortaleza, a Albania conserva pura a sua vida tradicional, cheia de lendas e peculiaridades, a qual só se tornou bem conhecida com a gue-ra.

As festas naclonaes sao as da família, sao as festas onomastlcas, em memoria dos santos orthodr.xos, dos quaes os homens da família usam o nome. Acchlles, Sophoclaef, Alexandre, Leonldas, Napoleão sao nomes frequentes que motivam festas de família. As mulheres usam nomes gregos. A festa, além de banquetes e libações, consiste em visitas feitas aos parentes e amigos pelos homens da família, visitas que sao logo pagas. As mulheres também se visitam, mas em outra hora do dia, com o cuidado, commum entre os orientaes, de separar os homens das mulheres.

As cerimoniaes religiosas orthodoxas sao muito longas e pouco edificantes. Conversa-se e discute-se, sem nenhum traço de piedade ou recolhimento.

Quando nasce uma creança, preparam-se bolos de farinha, agua e oleo de oliva, que sao enviados aos parentes e amigos. A parteira participa o facto à parentela, que envia presentes ao recém-nascido. Nos tres dias seguintes, as parentes e amigas visitam a parturiente, levando-lhe doces e uma garrafa de vin-ho.

No terceiro dia, o chefe da família dá um banquete. Nesse mesmo dia a parturiente recebe presentes de doces e lguarias, que symbolleamente exprimem o desejo de que ihe venha o leite. Os parentes mais proxlmo offerecem as roupas do recém-nascldo. E' creança que as tres parcas — Clotho, Lachésis e Atropos — apparecem com a rôca em que uma fia

os dias da creança, a segunda enrola o fio e a terceira ocorta, symbolizando o destino.

o casamento precede o noivado, em casa do noivo, na ausência da noiva. Dois ou três parentes desta vão á casa daquelle, discutem o dote e, se chegam a accordo, fixa-se a data do consorcio. Dias depois trocam-se presentes de noivado. O roivo, com seus parentes e amigos, visita a noiva, que então dá um recepção. Anovia offerece de beber aos convidados e na mesma bandeja recebe obulos em dinheiro, dos homens e fruetas, das mulheres. No mesmo dia, os parentes e amigos da noiva, sem ella, pagam a visita.

Approximando-se a época do casamento, na sexta-feira prepara-se a cerimonia, que sempre se réalisa domingo. Faz-se o pão de nupcias.

Com esse fim reúne-se uma dezena de mulheres em casa da noiva. Preparada a massa, escoltridas de creanças, de tocadores de flauta e de tambor, dirigem-se ao forno do padeiro. Depois de cosido, com a mesma pompa se leva o pão para casa. Durante três dias, a familia da noiva se alimentará, desse pSo.

O officio do casamento effectua-se domingo, fi, tarde, após um grande banquete offerecido pelo noivo. Em seguida, com todos os convidados, este vae a casa da noiva. O padrinho penetra no quarto onde ella se acha cercada de seus parentes. Dá-lhe um presente, offerece-lhe o braço e leva-a para a egreja, em companhia de todos os convidados.

O sacerdote abençoa o par, colloca uma corôa sobre a cabeça de cada um dos cônjuges, ao passo que o padrinho, por três vezes, faz passar a corôa de um para a cabeça de outro. Em seguida, os convidados beijam as corôas na cabeça dos nubentos e deitam algumas moedas na bandeja que o padre lhes apresenta. Isto feito, as duas familias vão cada uma para suas casas, sem que o marido se approxime da mulher. A tarde, o marido lhe envia uma garrafa de vinho tinto, coroada de flores. A garrafa é levada em triumpho por um rapaz da familia, acompanhado de inumeras creanças: precede o cortejo uma cigana, que dança tocando uma especie de tambor, aberto ao lado, o "Dahlré". A esposa bebe três goles e com a mesma cerimonia mette a garrafa, ainda em meio, ao esposo, que bebe por sua vez. Ao mesmo tempo, ella lhe envia uma bandeja repleta de fructas e confeitos, collocados sobre uma camada de arroz.

Vinhos, fruetas, doces, significam a Inalterável doçura que deve reinar entre o casal e o arroz symbolisa a descendencia, que deve ser tão numerosa como os grãos do arroz.

Até segunda-feira, a esposa fica em casa dos paes. Domingo Û. noite, ella dorme com a sogra, a cunhada ou a prima do marido.

Segunda-feira á tarde, realisa-se o banquete dos pálios, isto é, um Banquete em que só se comem gallos, offerecidos pelos parentes do marido. Depois do banquete, tem lugar a dança dos recém-casados, dança lenta, em que pela primeira vez o marido toma a mão da esposa. Km-lhe>, os parentes conduzem a mulher para a camará nupcial, em que a esposa o marido.

O ROMANCE FRANCOEZ

"T^{ra}a Deivue de la Semaine", n.º 43, publica as seguintes linhas de Paul Bourget:

"Sobre cincoenta romances. Esta forma de arte parece ter-se tornado para os escriptores de hoje a expressão quasi única do pensamento.

É certo que a obrigação, para viver da penna, de se dirigir a um grande publico é a causa principal que incita tantos Jovens a se improvisarem romancistas.

o próprio Balzac, que só escreveu a "Comedia humana" para pagar as dividas de uma imprudente aventura da mocidade, fazia dizer a Janel d'Arthez, seu sózia moral, encorajando Rubempré, depois da sua obra do seu "Archer de Charles IX": "Estacs em uma bella e boa senda, mas si não quereis macaquear Walter Scott, é preciso que creeis em uma maneira differente e vós o imitaste!...."

o romance — nunca se dirá isso bastante — é um genero hybrido a definição. Tem alguma coisa da poesia. Seguindo-se a sua filiação enni⁶² das edades, parece que representa a ultima phase evolutiva da nini^{mas} ao mesmo tempo, participa da sciencia, pelo seu cuidado mais ou menos assignalado, da exactidão e da verdade. Ora, esse hybrid^{nao} é também o do homem moderno, tornado um instinctivo, um trens^{s'} simplesmente porque é homem e ao mesimo tempo e3ta^{encomni} do demento de veru&de, ha um elemento de belleza nessa arte poaJ[;i]cxa do romance. Esse elemento de belleza, é, a meu juizo, á com-aição. si queremos que o romance francez se conserve em plano-

á parte, é a qualidade que devemos manter em nossas obras, antes de tudo. Em todos os nossos clássicos admiramos essa ordem clara. É uma virtude nacional, para não se sacrificar nunca. Compôr é, para o escritor, conformar-se com a própria marcha da vida. Não compôr é collocar-se no artificial, pois que é falsear essa marcha e pintar o que não pode ser conhecido.

Outra qualidade própria do romance francez, que importa conservar, é a analyse psychologica. Por definição, todo grande romance se torna um romance social. A analyse psychologica é o processo por excellencia para o desenvolvimento das verdades profundas".

UM ROMANCE DE FAGOBE

Rabindranath Tagore, o poeta hindu, esteve ha pouco em visita á Europa. Apareceu então a traducção do seu romance: "A casa e o mundo".

É a historia de uma joven "maharani", de nome Bimala, a quem vira a cabeça o movimento nacionalista, que agita o palz. Bimala tinha amor a Nikhil o "maharadjah", seu marido, que, ao mesmo tempo que era partidario das ideias modernas, era também um sábio. Era uma affeição terna como a que a tradição impõe á mulher hindú. Mas era todos os caminhos da Índia repercutiu o hymno nacionalista — "Bande Mataram" (Saúde, mãe!) e a agitação irrompeu no lar. Nikhil offereceu hospitalidade ao seu amigo Sandip Babu, o mais eloquente dos chefes da revolução. Na casa, então, tudo se subverteu. A eloquencia de Sandip, a sua vontade de poder, captivam o amor de Bimala, que deixa de ser "a mulher da casa do Rajah" e "crê representar todas as mulheres de Bengala, das quaes Sandip é o campeão." "Enthusiasma-se ao fogo dos discursos. Imagina-se ella mesma a deusa "Shakti", divindade da patria, que se revelou nella. Perde a consciência de si mesma. Em favor da sua causa e por desdém de Sandip, faz-se ladra e rouba para o amante o dinheiro do marido. Mas Sandip errou abusando do seu poder. Bimala, de repente, despreza-o e expulsa-o. É que havia passado pelo fogo: o que havia de precioso nella foi reduzido a cinzas. "A verdadeira força está em Nikhil, e a salvação" — ella o reconhece, enfim: — "Eu me consagro, ciz ella, áquelle que pôde receber todo o meu peccado nas profundezas de sua própria alma." o romance termina e a ordem seria restabelecida na casa, si uma rebellião nacionalista não estalasse e no correr delia Nikhil não fôra ferido.

Ha nessa historia uma these, Sandip declara: "Nós somos os carneiros deste mundo". Bimala confessa "a sua necessidade de ser fascinada". Os dois são victimas de todas as paixões de que o nativismo pode viver, embora não esteja perdido de todo o desejo de pureza que têm de sua raça e de sua religião. Mas Tagore, ergue, em face dessas duas almas violentas, Nikhil, o herôe do aperfeiçoamento interior.

"Estou prompto — declara elle — a servir o meu palz. Mas reservo a minha adoração para o Direito, que é muito mais que o meu palz. Adorar a patria como um Deus é victima á desgraça", "o êxito que procuraes — continua Nikhil — só se obtém & custa da alma. Mas a alma é mais preciosa que o êxito..." "Põe-ea a patria no lugar de onde se expulsa a consciência."

VICTOR DÜBÜGRAS

ARCHITECTO

E SEUS FILHOS

ANNITA MACKAY DÜBÜGRAS MARX

ENGENHEIRO G. INDUSTRIAL

ERNESTO MACKAY DÜBÜGRAS

ENGENHEIRO CIVIL

EDIFÍCIO DA BOLSA DE MERCADORIAS

RUA S. BENTO N. 59

S. PAULO,

BRASIL

Telephone : 5 0 6 7 Central

Socio correspondente do "Instituto Brasileiro de Architectos", do Rio de Janeiro tt Engenheiros Arch. Cívís. Geog. Indust. pelas II. li. Ayres, Polyt. Rio de Janeiro, C. I. S. P., Engin. London « Prof. Esc. l'olyt. São Paulo ü Membros Club Engen. Rio de Janeiro ti do Inst. Engen. São Paulo Ü Socio correspondente do Instituto Brasileiro de Architectos do Rio de Janeiro it 1901—Med. Prata Exp. II. Artes do Rio de Janeiro tt 1916 -Peq. Med. Ouro Exp. do Centenario Esc. II. Artes do Rio de Janeiro Ü 1918—Grande Med. Ouro Exp. B. Artes do Rio de Janeiro, adquirido pela Escola Nacional de Bellas Artes do Rio de Janeiro das Maquettes "IV ranapiacaba" e "Maioridade" it 1904 Med. Prata Exp. São Luiz Est. Unido» ü Med. Prata Exp. Munie. São Paulo ti 1904 II." Prenro Cone. Pub. Theatro Municipal do Rio de Janeiro tt 1906—Prem. Cone. Pub. Palacio Legislativo do Rio de Janeiro tt Novo Edif. Faculdade de Medicina da Bahia tt Grupos Escolares de Mogy-Mirim, Botucatu, Itapira, Kspirito Santo do Pinhal, Piracicaba tt Cadeias e Prefeituras de São Carlos do Pinhal, Santa Barbara. Araras e Franca tt Estação ile Mayrink tt Estudos da nova Estação da Luz da S. Paulo Railway ü Villas Flávio Uchôa (N. I), des Oiseaux) II. Sabino Av. Paulista, esq. Augusta tt J Villas João Dente Av. Paulista i-sq. Augusta tt Dr. Candido Rodrigues — Av. Hygienopolis tt Vicente Dias - Av. Hygienopolis tt Soares de Barros Itambé esq. Sabará tt Santos: Dr. l'esgrave tt Luiz Franco tt Dr. Saturnino de Brito tt Bento de Carvalho tt Raphael Ficondo—Praia tt Asylo de Inválidos, Santos tt Eugénio do Val Albuquerque Lins, 150 tt Drs. David Ribeiro, Heitor

Carvalho — Rua Hug. de Lima, 22-24 tt Didio Valiengo — Rua Pernambuco, 41 tt José Tomaselli Av. Paulista tt Klias Galfat — Av. Paulista tt Ferd. Pierre — Av. Paulista tt Nevio Barbosa Rua Bororós, esq. Condessa S. Joaquim tt Cássio Prado Hygienopolis tt Melhoramentos do Largo da Memoria tt Casino "Maria Zélia", da Cia. Tecidos de Juta, etc. tt David Pamplona, Rua Cardoso de Almeida, 95 tt Rogé Ferreira, Rua Dr. Rocha Azevedo, 21 tt Caminho do Mar, Serra de Santos, Cruzeiro tt Maioridade tt Ifaranapiacaba tt Edifícios comunitarios e de Socorro Publico tt Melhoramentos do Largo da Sé, etc.

SO' PROJECTAM OS EDIFÍCIOS QUE EXECUTAM

A' GRAPHICA PAULISTANA

S. MANTOVANI & COMP.

SECÇÃO DE ZINCOGRAPHIA

Clichés em zincogravura e photogravura para obras de luxo.

SECÇÃO DE GRAVURA

Carimbos de Borracha, metal, ferro e aço - Gravuras sobre jolas - Alto e baixo relevo para impressões - Formas para bombons e sabonetes - Placas de metal e esmaltadas.

Telephone: 4723 Cidade - Avenida S. João, 207 - S. Paulo

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent -
Bronzes et Marbres d'Art - Services en
Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

REVISTA DOS TRIBUNAES

PUBLICAÇÃO OFFICIAL DOS TRABALHOS
DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE S. PAULO,
DIRIGIDA PELOS ADVOGADOS

Plinio Barreto e Christovam Prates da Fonseca

10 annos de publicidade!

Anno	40\$000
Semestre	20\$000
Numero avulso	3\$000

Redacção: RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO

LOTERIA DE S. PAULO

Em 10 de Março

40:000\$000

Por 2\$800

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM
TODA A PARTE

000 = 10 / M 10101 + 10

MARIA E AS MULHERES BÍBLICAS

Um dos mais bellos trabalhos literários de Cláudio de Souza, o mais fecundo e popular dos nossos escriptores theatraes. "Maria e as mulheres bíblicas" — é Uma reconstituição histórica de alguns typos femininos tornados immortaes pelas suas grandes virtudes heróicas. Cláudio de Souza, com o prestigio da sua arte, deu a essas mulheres uma vida extranha e miraculosa. Livro de grande moral e de empolgante suggestão. E* um livro que todas as senhoras de bom gosto devem lêr. A edição, feita pela "Revista Feminina", é um primor de arte typographica e illustrada com encantadoras gravuras.

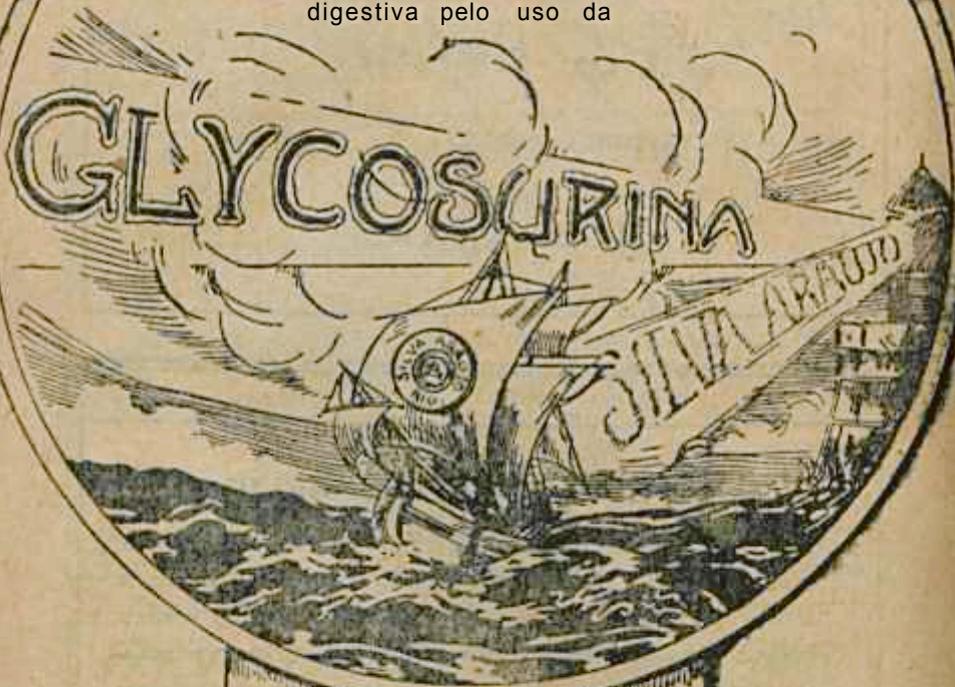
Vende-se na redacção da "Revista Feminina", avenida S. João, 87- Preço, 4\$000. Pelo correio, registado 4\$500.



DIABÉTICOS

é Preciso combater a perda
de açúcar. tonificar o or-
ganismo. regular as funções dos órgãos internos
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção
digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de
plantas indígenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres / ^ L
de chá por dia em agua

CARICATURAS DO MEZ

A VELHA SEDUCTORA



— "Agora" entra "os" metá!



Caricatura de Oldemar Lacerda executada pela sra. Hermes da
Fonseca (Rian). (Da "Gazeta de Noticias" de 9 do corrente).

DIGESTÃO DIFÍCIL

Em festas de casamento por onde tem passado
o Rio tem estado bastante silencioso.



—Quão chagoure estava o
suco! Mas que domo do Bee
nação me portaria a digestão

O ultimo do» abeagerra^ena

#



—Pára ô *td*rat vte/, câMúrada?
—Vpit na Ur. Carlos SsmptM; não- vê oat *st* i o tllbury tm que riaja o ir.
Brido Filho... Quero vtfse o Prfrtib o aproveita ná Exposição do Centenário
±G4IU*rjpu » Brido, filho?

LISTA DAS EDIÇÕES
DE
MONTEIRO LOBATO & C.^A

	Broc.	Ene.
ITRUPÊS, contos, <i>Monteiro Lobato</i> , 7. ^a edição.	4\$000	5\$000
CIDADES MORTAS, idem, idem, 3. ^a edição.	4\$000	5\$000
NEGRINHA, idem, idem, 1. ^a edição.	2\$500	1\$500
IDÉAS DE JÉCA-TATU, crítica, <i>Monteiro Lobato</i> , 3. ^a edição	4\$000	5\$000
ONDA VERDE, crítica, <i>Monteiro Lobato</i>	4\$000	5\$000
A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, illustrado a côres com desenhos de Voltolino (cart.)	2\$500	3\$500
FABULAS DE NARIZINHO, <i>Monteiro Lobato</i> , álbum illustrado por Voltolino, (cart.)	—	3\$000
FABULAS, edição escolar, muito augmentada e approvada pela Directoria Geral de Instrução Publica de S. Paulo, (cart.)	—	2\$500
O SACY, <i>Monteiro Lobato</i> , magnifico livro de historias para crianças, com illustrações de Voltolino, (cart.)	—	2\$500
A LÍNGUA NACIONAL, João Ribeiro	4\$000	5\$000
IPÊS, magnifico livro de versos de Ricardo Gonçalves	4\$000	5\$000
O PROFESSOR JEREMIAS, o celebre romance de LÉO VAZ, 4. ^a edição.	4\$000	5\$000
SALZEAS E TIGUIRAS, excellntes contos regionaes, por <i>Amando Caiuby</i>	4\$000	5\$000
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Scubaj</i> , 2. ^a edição	3\$000	4\$000
SCENAS E PAIZAGENS DE MINHA TERRA, versos de <i>Cornélio Pires</i>	—	—
Em papel bom	3\$000	—
Em papel de jornal	2\$000	—
ESPIHINGES, edição posthuma dos versos de <i>Francisca Julia</i>	5\$000	—
ARTE DE AMAR, versos de <i>Julio Cesar da Silva</i> , um dos grandes successos literários do anno	4\$000	5\$000
FIGURÕES VISTOS POR DENTRO, estuda sarcastico de <i>Simão de Mantua</i> sobre o mundo politico brasileiro, de grande opportunidade; no segundo volume trata de Borges de Medeiros e Nilo Peçanha. — 1. ^o volume	4\$000	5\$000
2. ^o volume	5\$000	—
RITO PAGÃO, versos de <i>Rosalina Coelho Lisboa</i> , premiados em 1921 pela Acaxlemia Brasileira de letras. A mais bella edição que se tem feito no Brasil.	4\$000	—
Encadernado em camurça.	—	12\$000
MADAME POMMERY, notável &atya de <i>Hilário Tácito</i> , que, em secunda edição, continua uma brilhante carreira de critica e livraria	4\$000	5\$000
CONTRIBUINDO, o segundo dos "participios" do illustre Andrada — <i>Martim Francisco</i> — contendo interessantissimas contribuições históricas	4\$000	5\$000
TRADIÇÕES E REMINISCÊNCIAS PAULISTANAS, estudo minucioso de coisas do S. Paulo antigo, por <i>Afonso de Freitas</i> — (Edição cuidada)	4\$000	5\$000
MULTOS LIVROS, valiosa contribuição para a critica e bibliographia nacional, por <i>Arthur Motta</i> (Bellissima edição)	5\$000	—
JARDIM DAS CONFIDENCIAS, versos de <i>Ribeiro Couto</i> , auspiciosamente recebido pela critica. (Bellissima edição)	3\$000	—
VIDA OCIOSA, romance de <i>Godofredo Rangel</i> , fartamente elogiado pela critica nacional que o considera uma das obras primas da nossa literatura	4\$000	5\$000
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, luxuosa edição dos excellentes versos de <i>Guilherme de Almeida</i>	5\$000	—
"ASTIL COM S OU COM /?", minucioso estudo critico por <i>Assis Cintra</i>	4\$000	5\$000
"DA E MORTE DE M. J. GONZAGA DE SA, romance de <i>Lima Arreto</i> , premiado pela Academia de Letras.	2\$000	—
"AS DE GUERRA E DE SERTÃO, memorias de campanha do <i>Vilande de Taunay</i> , o extraordinário narrador da "Retirada	—	—
CASA, ^{ak} ^{nan}	4\$000	5\$000
** DE MARIBONDOS, pequenos contos anecdoticos de <i>João do norte</i> . (Esmerada edição).	3\$000	4\$000



PAIZ DE OURO E ESMERALDA, admiravel romance em que <i>J. A. Nogueira</i> estuda a formação da raça brasileira do futuro	4\$000	5\$000
Fm, últimos sonetos de <i>Medeiros e Albuquerque</i> , da Academia Brasileira de Letras. (Bello volume)	4\$000	5\$000
O ELOGIO DO AMIGO, estudo de <i>Nestor Victor</i> , o autorizado critico. (Volume de elegante formato)	3\$000	—
A ALLEMANHA SAQUEADA, por <i>Mario Pinto Serva</i> , obra que obteve o maior successo, não só no Brasil, como no estrangeiro, já tendo sido vertido para mais de um idioma. (Edição esmerada) (2.ª edição)	3\$000	4\$000
Os CABOÇOS, magnifleos contos regionaes de <i>Ivaldomiro Silvelo</i> , acompanhados de extenso vocabulário.	4\$000	5\$000
A MULHER QUE PECCOU, novella de <i>Menotti Del Picchia</i> , festejado escripto: paulista, que vem alcançando successo	4\$000	5\$000
PHYSIONOMIA DE NOVOS, critica literaria por João Pinto da Silva, o notável critico rio-grandense	4\$000	5\$000
TROPAS E BOIADAS, contos de <i>Hugo Carvalho Ramos</i> , o grande escriptor goyano ha pouco fallecido (2.ª edição)	4\$000	5\$000
COMO SE APRENDE A LINGUA, por <i>Sampaio Doria</i> , ex-Director Geral da Instrução Publica de S. Paulo; obra didactica de grande utilidade, adoptada neste Estado. — (Cart.)	—	3\$000
SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES — HYGIENE, por <i>Miguel Milano</i> , compendio indispensável aos escolares, adoptado em S. Paulo. — (Cart.)	—	3\$500
HYGIENE VETERINARIA DO CAVALLO E DO BOI, por <i>Antonio Sousa</i> , medico veterinário do exercito, obra de grande utilidade aos fazendeiros e criadores	4\$000	5\$000
O IMPOSTO DO SELLO, trabalho de <i>J. Amaral Gurgel</i> , indispensável, como guia, a todos os commerciantes, industriaes, advogados, funcionarios do foro e juizes	8\$000	10\$000
CODIGO COMMERCIAL BRASILEIRO, tal como está em vigor actualmente, pelo <i>dr. Clóvis Ribeiro</i> , director da "Revista de Commercio e Industria"; obra de innegavel valor, acompanhada de explicações detalhadas e de longo vocabulario. — (Cart.)	—	5\$000

COLLEÇÃO BRASÍLIA, destinada a vulgarizar as melhores produções naciona, por preço ao alcance de todos. > já sahiram os seguintes volumes:

	Broc.	Ene.
I — URUPÊS, por <i>Monteiro Lobato</i> .	1\$500	—
II — A RENEGADA, audacioso romance realista de <i>Carlos Dias Fernandes</i> , notável escriptor parahybano	1\$500	3\$000
III — CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i>	1\$500	—
IV — SENHORA DE ENGENHO, romance de <i>Mario Sette</i> , da Academia Pernambucana de Letras, 3.ª edição	1\$500	—
V — CONTOS ATROZES, por <i>Gabriel Marques</i> , um romântico moderno	1\$500	—
VI — OS CANGACEIROS, romance do banditismo do norte por <i>Carlos Das Fernandes</i> .		
A SAHIR:		
VII — O BANDIDO DO RIO DAS MOHTES, romance de <i>Bernardo Guimarães</i> .		
VIII — NEGRINHA, contos de <i>Monteiro Lobato</i> :		

BIBIOTHECA DA RAINHA MAB, collecção de volumes de pequeno formato, destinados a figurar no cestinho de oostura das moças:

- I — A VERANISTA, romance de *Abel Jurú*, pseudonymo de illustre senhora carioca.
- II — A CASA DO GATO CINZENTO, contos de *Ribeiro Couto*.
- III — QUEM VÊ CARA..., contos dialogados die *Mario Sette*.

OBRAS NO PRELO

NOTAS DE UM ESTUDANTE, ensaios críticos do eminente polygrapho *João Ribeiro*, da Academia Brasileira de Letras.
 REDEMPÇÃO, romance do illustre escriptor *Veiga Miranda*.
 A PAIZAGEM NO CONTO, NA NOVELLA E NO ROMANCE, ensaios criticos por *Fabio Luz*.
 HYGIENE E TRATAMENTO DAS MOLÉSTIAS DOMESTICAS, utilissimo trabalho do illustre scientista *Dr. Alberto Seabra*.
 PHENOMENOS PSYCHICOS, do mesmo autor.
 SONHO DE GIGANTE, magnificos estudos sobre a vida nacional por *J. A. Nogueira*, o festejado autor do "Paiz de Ouro e Esmeralda".
 JOAQUIM NABUCO, estudo critico-biographico, por *Henrique Coelho*. *
 NOVAS ALLOCUÇÕES, collectanea dos últimos discursos pronunciados por *Aloysio de Castro*, da Academia Brasileira de Letras.
 CONTOS, de *Leo Vaz*, o consagrado autor do "Professor Jeremias".
 GRUPIARAS, originalíssimos versos do poeta mineiro *Pedro Saturnino*.
 MEUS ODIOS E MEUS AFFECTOS, estudos criticos de *Almachio Diniz*.

OUTROS LIVROS NACIONAES Á VENDA

	Broc.	Ene.
ESPUMAS, versos de <i>Amadeu Amaral</i> , da Academia Brasileira de Letras	4\$000	—
DISCURSO DE RECEPÇÃO (ELOGIO DE BILAC), POR AMADEU AMARAL	2\$000	—
LAI, ROMANCE DE <i>MENOTTI DEL PICCHIA</i>	4\$000	—
PÃO DE MOLOCII, CHRONICAS DO MESMO AUTOR	5\$000	—
MOCIDADE, VERSOS DE <i>AFFONSO SEHIMDI</i>	3\$000	—
VIDA ROCEIRA, CONTO DE <i>LEONCIO OLIVEIRA</i>	6\$000	—
RELIQUIAS DA MEMORIA, ROMANCE DE <i>CANTO E MELLO</i>	4\$000	—
BUCÓLICA, POEMETO DO MC9MO AUTOR	1\$00U	—
HISTORIAS E SONHOS, CONTO DE <i>LIMA BARRETO</i>	4\$000	—
JOSÉ BONIFACIO, refutação histórica por <i>Lellis Vieira</i>	3\$00U	—
ALMA CONTEMPORÂNEA, critica, por <i>Sud Mennucci</i>	—	—
CONFERENCIAS DA Sociedade de Cultura Artistica (1912-13)	4\$000	—
A IMPRENSA PERIÓDICA DE S. PAULO desde 1823, por <i>Affonso A. de Freitas</i>	10\$000	—
A SCIENCIA DO LAR MODERNO, RECEITAS DE <i>D. EULALIA VAZ</i>	5\$500	—
DE TUDO PARA TODOS, CHRONICAS DE <i>ALBERTO VEIGA</i>	3\$000	—
O DECLIVE, DO MESMO AUTOR	3\$000	—
NA ESTEIRA DA LUZ, JO MESMO AUTOR	4\$000	—
RUY BARBOSA, CONFERENCIAS FEITAS PELO DR. <i>HEITOR DE MORAES</i>	1\$000	—
PARQUE ANTIGO, VERSOS DE <i>GALEÃO COUTINHO</i>	3\$000	—
GUIA BOTÂNICO DO JARDIM DA LUZ, POR <i>A. USTERI</i> , LENTE DE BOTANICA DA ESCOLA POLYTECHNICA DE S. PAULO	2\$000	—
PÔR DO SOL, VERSOS DE <i>FARIA NEVES SOBRINHO</i> , DA ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS	2\$000	—
MANHÃ, versos de <i>Graco Silveira</i> , muito bem recebido pela critica; magnifica edição, illustrada dos Paim, própria para presentes	—	21500

LIVROS ARGENTINOS Á VENDA

De HORÁCIO QUIROGA:

CUENTOS DE AMOR, DE INJURIA Y DE MIERTE	6\$000
EL SALVAJE	6\$000
ANACONDA	6\$000
CUENTOS DE LA SELVA	4\$500
SACRIFICADAS	4\$500
DE HUGO VVAST:	
LA CORBATA CELESTE	6\$000
CIUDAD TURBULENTA, CIUDAD ALEGRE	6\$000
VAL* NEGRO	6\$000

LA CASA DE LOS CUERVOS	6\$000
FLOR DE DURAZNO	6\$000
NOVIA DE VACACIONES	6\$000
EL AMOR VENCIDO, edição popular.	2\$500
edição de luxo.	6\$000
De MANOEL GALVEZ:	
NACIJA ' REGULES	4\$000
LA MAESTRA NORMAL	5\$000
LA SOMBRA DEL CONVENTO	5\$000
De JERNARDO SHAW:	
EL JIEROE Y SUS HAZANAS	5\$000
De ARTURO CAPDEVILA:	
EL AMOS DE SCHAIRAZADA	4\$000
De CARLOS IBARGUREN:	
LA LITERATURA Y LA GRAN GUERRA	5\$000
De DELFINA BUNGE GALVEZ:	
LA NOUVELLE MOISSON	4\$000
De MOISE'S KANTOR:	
SANDRO BOTICELLI	4\$000

J. PEREIRA BUENO

Agentes exclusivos de H. G. DOS SANTOS & CM únicos concessionarias (los anuncios nas Estradas de Ferro: Companhia Paulista de Estradas de Ferro, São Paulo Railway Co. Ltd., São Paulo Rio Grande, Rêde Viação Paraná-Santa Catharina e Viação Ferrea do Rio Grande do Sul — Bondes de Santos. Ager.te de CARLOS ESCOFEL & CIA. e MURINO IRMÃOS & CIA.

COMMISSÕES — REPRESENTAÇÕES — CONTA PRÓPRIA

ACCEITA REPRESENTAÇÕES KM GERAL

GALERIA MUNICIPAL, 61

PORTO ALEGRE

Caixa Postal, 391

RIO GRANDE DO SUL

LUIZ BLUMENTHAL



MOVEIS ESCOLARES



Diferentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogo e informações minuciosas á

**FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO YALLER"**

UB

I Gualberto de Oliveira

Roa Antónia de Queiroz N. 60 (Cansoiação) Cidade, 1216

— São Paulo —

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

N

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Bodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

Carreias - Oleo - Telhas 4e zinc - Ferra em barra - Canos de ferra galvanizada e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canon de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, eto.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRETOR-GERAL A.

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO I

«AO lit «UM 6 "O GIADO DK * FAUÍO"

S. i

m

